The background of the entire cover is an aerial photograph of a city, likely São Paulo, showing a dense urban grid. A white grid is overlaid on the image, dividing it into several rectangular sections of varying sizes. The text is placed within these sections.

Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

**A EXPANSÃO URBANÍSTICA DE SIRACUSA
NOS SÉCULOS VI E V A.C.**

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia, do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de mestre em
Arqueologia

Juliana Figueira da Hora

Orientadora:

Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata

Linha de pesquisa: **Espaço, Sociedade e
Processos de Formação do Registro
Arqueológico**

São Paulo - 2013

labeca

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

TÍTULO: A EXPANSÃO URBANÍSTICA DE SIRACUSA NOS
SÉCULOS VI E V

Juliana Figueira da Hora

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós Graduação em Arqueologia do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a Dra. Elaine Farias
Veloso Hirata

Linha de Pesquisa: Espaço, Sociedade
e Processos de Formação do Registro
Arqueológico.

Versão corrigida. A versão original encontra-se
nas dependências do **Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo**

São Paulo
2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Professora Dr^a Elaine Farias Veloso Hirata pela orientação, apoio, dedicação, sempre com muita generosidade e respeito. Sou grata por todo o seu esforço e acompanhamento paciente, desde a Iniciação Científica, orientando-me nos meus primeiros passos na pesquisa. A ela devo todo o meu conhecimento em Arqueologia Clássica.

À Fapesp pelo apoio referente ao custeio da bolsa de estudos.

À Professora Dr^a Maria Beatriz Borba Florenzano pelo incentivo, apoio, recomendações e textos extremamente importantes, gentilmente trazidos de suas viagens à Europa.

À Professora Dr^a Maria Isabel D'Agostinho Fleming pelo acompanhamento de meu trabalho desde o início da Iniciação Científica, pelo carinho com as palavras, pelas contribuições valiosas, por sua generosidade, por suas sugestões nos Siicusp's e Congressos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Ao Professor Dr. Paulo Marcondes Machado pelas gentis contribuições no Exame de Qualificação.

Ao Labeca (Laboratório de Estudos Sobre Cidade Antiga) por viabilizar a troca de ideias entre pesquisadores da área, pelas reuniões, seminários e cursos, essenciais para a minha formação em Arqueologia Clássica.

Aos amigos de trajetória acadêmica: Daniela La Chioma, Adriana Ramazzina e Cláudio Duarte.

Às grandes amigas e companheiras acadêmicas: Lilian Laky, Scheila Koch, Carolina Guedes, Louise Alfonso, Tatiana Bina pelas conversas, desabafos, alegrias, frustrações, viagens a campo, a congresso e a passeio.

À Ana Paula Tauhyl, amiga de trajetórias acadêmicas, companheira de trabalhos, risadas e corridas. Agradeço sua solicitude no tratamento das imagens e na elaboração da capa.

À Isabel Catanio, pela gentileza na tradução dos trechos de Diodoro Sículo.

Ao João Estevam de Almeida, grande amigo e companheiro de Arqueologia Clássica, pela troca de ideias, pela disponibilização de textos e pelas revisões de português.

Aos funcionários do MAE, em especial à Nice pelas conversas tão boas e pelo café tão bom e necessário nas tardes de trabalho.

À Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia pela disponibilidade, atenção e solicitude. À diretora Eliana Rotolo, à Eleuza Gouveia, ao Hélio Miranda e a todos os outros funcionários.

À minha grande amiga de infância, Alyne Lima, pelos momentos de alegria compartilhados em todas as etapas de minha vida.

Finalmente aos meus pais: Vanda Madalena e Geraldo Hora, meus amores, grandes incentivadores e apoiadores em todas as minhas etapas de vida, sempre confiando em minhas decisões, ouvindo desabafos, vibrando com as alegrias, amando incondicionalmente. Sem eles não seria possível.

Ao meu grande amor Marcus Duarte, pelo companheirismo, apoio, revisões, críticas construtivas, traduções, paciência, dedicação, carinho, amor e cuidados.

Aos meus pais, Vanda e Geraldo

Ao meu grande amor, Marcus

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel dos governos tirânicos siracusanos na reestruturação urbanística desta cidade, fundada pelos gregos em meados do século VII . Para tanto, vamos explorar em fontes escritas autores que relatam aspectos importantes da Sicília, são eles : Diodoro Sículo, principal referência para Siracusa, Heródoto, Tucídides, Estrabão, Cícero, Políbio, Píndaro e Pausânias. Trabalhamos com o levantamento dos dados arqueológicos nas áreas importantes da pólis (*ásty* e *khóra*), bem como nas suas sub-colônias, com a finalidade de compreender o seu espaço urbano, seu dinamismo de expansão desde a fundação até o século V e sua monumentalidade. O confronto entre o documento escrito e o documento material, metodologia do trabalho, será a base para que compreendamos melhor as relações políticas, sociais, econômicas e espaciais. Os remanejamentos compulsórios de populações promovidos pelos tiranos são analisados no contexto das mudanças observadas no espaço da pólis siracusana.

Palavras-chave: Siracusa – tirania - pólis - monumentalidade – colonização.

ABSTRACT

This research has the objective to analyse the influence of the tyrannical governments of Syracuse in the urbanistic restructuration of this city, founded by Greeks in the middle of VII century B.C. For so, we are going to explore the written sources for writers who tells important aspects of Sicily. They are: Diodoro Sículo, first reference for Siracuse, Heródoto, Tucídides, Estrabão, Cícero, Políbio, Píndaro and Pausânias. We've been working with the archeological data at the very important areas in the "pólis" (ásty and khora), and the sub-colonies, with the objective of understanding the urban space, its dynamism of expansion since the foundation until the V century B.C. and its monumentality. The confrontation between the written and the material source, methodology of work, will be the base for better understanding the political, social, economic and spacial relations. The compulsory populational reallocations made by the tyrants are analysed in the context of the changes observed at the syracusean "pólis".

Keywords: Syracuse – Tyranny – pólis – monumentality – colonization

ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Figura 01.....	14
Figura 02.....	106
Figura 03.....	107
Figura 04.....	108
Figura 05.....	111
Figura 06.....	116
Figura 07.....	117
Figura 08.....	120
Figura 09.....	123
Figura 10.....	126
Figura 11.....	131
Figura 12.....	137
Figura 13.....	139
Tabela 01.....	154

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	09
Capítulo 01	
A expansão grega no Ocidente e a fundação de Siracusa.....	14
1.1 A emergência da pólis.....	14
1.2 A fundação de Siracusa: uma colônia?.....	27
Capítulo 02	
Da Fundação ao Final do século V: Fontes Escritas.....	34
2.1 Fontes escritas: Uma Introdução.....	34
2.2 Siracusa e a Sicília: Fontes escritas.....	43
2.3 Excerto da Obra: <i>Biblioteca Histórica</i> – Diodoro Sículo – Trechos Traduzidos e comentados – Livro XI e XIV.....	57
Capítulo 3	
A Expansão Urbanística de Siracusa: Dados Arqueológicos.....	102
Parte I	
3.1 Siracusa: Um breve histórico da expansão da ásty.....	102
3.2 Configuração espacial de Siracusa: dados.....	105
3.3 As Sub-Colônias de Siracusa e a penetração em direção ao Território.....	121
Parte II	
Inventário Descritivo Urbanístico.....	141
Capítulo 4	
Tirania em Siracusa- A expansão urbanística e o poderio político dos Deinomênidas.....	142
4.1 O poder político em Siracusa: Breve histórico.....	142
4.2 A expansão territorial- Siracusa nos primeiros tempos da apoikia.....	146
4.3 A Expansão Urbanística da ásty de Siracusa a partir das conquistas dos Deinomênidas: o aumento populacional.....	149
Considerações Finais.....	166
Referências Bibliográficas.....	169

INTRODUÇÃO

Siracusa é uma pólis fundada no século VII ¹, por habitantes de Corinto, liderados pelo oikista Árquias. Desde o início da fundação até o século V ocorreram profundas mudanças políticas e sociais com repercussão na organização do espaço poliade. A pólis siracusana prosperou em proporções não registradas no mundo grego arcaico e clássico. Seu conjunto monumental, seu desenvolvimento urbano, sua expansão para a *khóra*² e a fundação de novas *colônias*³ trouxeram à Siracusa de época arcaica um destaque dentre as fundações gregas do Ocidente.

Em princípio os gregos ocuparam a ilha de Ortígia, construindo casas, templos, ruas e portos e quase que simultaneamente avançaram para o continente, construindo um complexo urbanístico que abrigou uma população crescente. Verifica-se que no período entre os séculos VII e V, o território de Siracusa foi profundamente modificado por conta de um aumento demográfico considerável decorrente de transformações políticas e sociais significativas.

A pólis siracusana apresenta uma situação geográfica favorável, localizada a sudeste da Sicília e dispõe de dois bons portos. Registrou um crescimento constante e duradouro. Desenvolveu-se de maneira planejada, em um modelo que estabeleceu limite entre *khóra* e a *ásty*. Veremos que Siracusa passou por sucessivas fases de crescimento até seu florescimento a partir do século VI, paralelo ao desenvolvimento de governos tirânicos. A expansão de Siracusa e a sua monumentalização, sob o governo dos tiranos da família Deinomênida, é o foco deste trabalho.

A abertura de caminhos para a *khóra* com a fundação de novos assentamentos proporcionou contato com não gregos da região e controle territorial. Eloro, Casmene, Acras e Camarina foram *sub-colônias* de Siracusa e seu desenvolvimento acompanhou o da cidade-mãe, seguindo as suas diretrizes. Apenas Camarina tornou-se totalmente independente de Siracusa.

¹ Todas as datas citadas nesta dissertação devem ser consideradas “antes de Cristo”; qualquer exceção será claramente assinalada.

² Os termos em gregos serão pautados no glossário do Labeca: www.labeca.mae.usp.br. Os termos em itálico são aqueles que não foram “aportuguesados”.

³ Os termos *colônia*, *colonização* serão grifados em itálico para destacar seu significado especificamente relacionado ao caso grego e evitar analogias com movimentos de natureza diferente em época Moderna e Contemporânea.

Os tiranos da família Deinomenida - Gélon e Hiéron foram figuras importantes no quadro do crescimento econômico, político e social da pólis siracusana. A mobilidade compulsória das populações gregas e não gregas da ilha, promovida pelos projetos expansionistas dos tiranos fez Siracusa crescer, demandou investimentos em infra-estrutura e resultou no embelezamento da cidade, com a finalidade de reforçar um discurso visual visando a legitimação e propaganda dos governos tirânicos.

Diante da tradição histórica constituída a partir das fontes textuais e dos monumentos recuperados pela arqueologia Siracusa vem chamando a atenção dos estudiosos desde a Renascença. Paulo Orsi, um dos arqueólogos mais importantes da Itália, promoveu escavações sistemáticas desde o século XIX de nossa era, nas áreas de Ortigia e continente, contribuindo decisivamente para o conhecimento não só de Siracusa como de áreas vizinhas e outras pólis sicilianas.

Muitos esforços foram despendidos e uma grande quantidade de material foi encontrado, datado, analisado e interpretado. As pesquisas mais antigas, muitas vezes centradas na recuperação de artefatos, seguiram-se programas arqueológicos sistemáticos voltados para os assentamentos. A série “Notizie Degli Scavi di Antichità” vem registrando as pesquisas arqueológicas realizadas na área desde o século XIX.

Novos estudos foram sendo realizados na região, principalmente por um conjunto de arqueólogos da escola italiana ao longo do século XX, muitos inspirados nos relatórios de Paulo Orsi, que realizou escavações meticolosas e cuidadosas para os padrões da época e intuiu interpretações que vêm sendo confirmadas hoje, com melhores ferramentas de trabalho. Novos questionamentos foram colocados, ampliaram-se as perspectivas e apuraram-se os olhares para as dinâmicas sociais das populações não gregas. A vida na *khóra*, chamada de território, começou a receber mais atenção dos pesquisadores, juntamente com os santuários extra-urbanos; sua integração com a *ásty* e o paralelismo dos processos sociais e políticos nas duas áreas modificou a visão do espaço políade. Vale registrar, no entanto, que a documentação sobre a ocupação do território, suas atividades econômicas ainda carecem de dados sistematizados.

Frente a estas indagações que caracterizam o período arcaico em Siracusa, procuramos fazer um recorte da expansão urbanística desde a fundação até o período auge da tirania. Desenvolvemos todo o histórico das fundações, desde a chegada dos gregos em Ortigia e passamos para a fase da expansão urbanística, sob o poderio das tiranias dos Deinomenidas.

As tiranias disseminaram-se no mundo grego simultaneamente ao estabelecimento das cidades. No Ocidente grego os tiranos buscaram alçar-se ao patamar de oikistas, de fundadores de cidades e, como tal, merecerem honras devidas aos heróis. O tirano como herói é uma peculiaridade do Ocidente e é uma construção ideologicamente planejada. O discurso do poder tirânico articulado em torno de sua figura heróica era presente na arquitetura das grandes edificações de cunho cívico, na projeção pan-helênica advinda em vitórias nos jogos olímpicos e na sua narração por poetas líricos e dramaturgos. Tinha como objetivo fazer com que o tirano fosse reconhecido e seu poder legitimado pela comunidade siracusana, pelas outras pólis siceliotas, pela comunidade pan-helênica, pelas populações locais e pelos púnicos. Para cada uma dessas audiências promovia-se um discurso especial.

O Projeto “A Expansão Urbanística de Siracusa nos séculos VI e V ” tem como objetivo principal analisar o papel dos governos tirânicos siracusanos na reestruturação urbanística desta cidade, fundada pelos gregos na Sicília a partir do século VIII. A proposta era a de abordar a *ásty* e a *khóra* de Siracusa, buscando obter um corpus documental importante das áreas que compõem a pólis. Porém, nos deparamos com uma discrepância no que diz respeito ao volume de documentação existente sobre os espaços em questão. A *ásty* foi muito escavada, portanto há muita documentação arqueológica, além de fontes escritas em abundância sobre o assunto. A *khóra* é uma área ainda em pesquisa, como foi comentado, por isso há um déficit de dados no que diz respeito ao território. Porém, foi possível contemplar o tema, já que ao longo da pesquisa, os dados nos revelaram uma ligação bastante profunda entre estes espaços, através de caminhos construídos, áreas de contato com indígenas e a ligação com as sub-colônias.

Desse modo, a presente dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “A expansão grega no Ocidente e a fundação de Siracusa “ apresentamos uma síntese da expansão grega pelo

Mediterrâneo, suas motivações e repercussões no mundo grego como um todo. Inserimos aí uma rápida discussão sobre a pólis .A partir de estudos recentes como os liderados por Mogens Herman Hansen, um dos principais pesquisadores do *Copenhagen Pólis Centre* (CPC), vemos que novas perspectivas se abrem para os estudos sobre a pólis ,iniciados com os estudos do CPC sobre a própria palavra . Discorremos sobre a fundação de Siracusa, um breve histórico da cidade e de suas *sub-colônias* e as fontes escritas relacionadas.

No segundo capítulo intitulado “Da fundação ao final do século V: Fontes escritas” apresentamos a discussão sobre o papel das fontes escritas, que, em nosso caso, tem como principal autor o historiador siciliano Diodoro Sículo. O embate de fontes nos levou a uma abordagem mais relacional, ou seja, fazer com que as fontes escritas e arqueológicas dialogassem entre si. Inserimos, em princípio, uma discussão sobre a documentação escrita. Carol Dougherty (1993), autora base do capítulo, introduz uma perspectiva interpretativa das chamadas “narrativas coloniais”, como força atuante de negociações culturais. Com uma abordagem pós- moderna amplia a discussão sobre as fontes escritas e as coloca como fundamentais em termos de documentação, atuando como agentes no contexto. Com base neste raciocínio, trouxemos trechos selecionados da obra de Diodoro Sículo, relativos à tirania e sua dinâmica. São excertos traduzidos do grego e do inglês para o português, comentados, em que procuramos inserir o autor na obra. A partir do uso dos termos usados pelo autor, fizemos uma pesquisa minuciosa das palavras em grego: *tyrannos*, *basileus* e *dynasthês* e analisamos o discurso utilizado por Diodoro através das palavras empregadas. O termo *tyrannos* teve seu uso conceitual modificado ao longo do tempo. Essa discussão será mostrada no capítulo por meio das obras de Platão “A República” – Livro IX e Aristóteles “A Política”, filósofos de época clássica. O termo *tyrannos* era, nos textos de época arcaica, usado positivamente, na maioria dos casos. Enquanto que em época clássica o discurso em torno do termo muda. Os filósofos atacarão ardilosamente os tiranos, atribuindo negatividade à palavra.

O terceiro capítulo intitulado “A Expansão urbanística de Siracusa: dados arqueológicos” está dividido em 2 partes, na primeira parte procuramos trabalhar os vestígios em seu contexto. Por meio dos relatórios de escavação e

publicações sobre as áreas urbana e rural de Siracusa, trouxemos à tona a materialidade, a fim de reconstruir a expansão da cidade, desde a fundação até o século VI. Na segunda parte encontra-se o “Inventário Descritivo Urbanístico”, que tem como objetivo documentar as discussões nos capítulos que se seguem.

O quarto capítulo intitulado “ Tirania em Siracusa – A expansão urbanística e o poderio político dos Deinomenidas” está estruturado de forma a trazer a tirania para o debate, partindo dos dados reunidos na documentação textual e arqueológica. Comentamos a materialização dos feitos de Gélon e Hiéron, por meio da discussão teórica de poder e espaço. Discutimos os deslocamentos compulsórios de populações promovidos pelos tiranos, a monumentalização dos projetos contrutivos, o discurso visual construído e a remodelação do espaço poliade. Por fim, com a articulação dos dados podemos perceber Siracusa como um estudo de caso modelo sobre a tirania no Ocidente grego. Seu estudo nos permitiu ampliar a documentação para além das expectativas, remetendo-nos a novas perspectivas de pesquisa.

características do período subsequente. Finley descortinou em Homero um “mundo de Ulisses” muito próximo da Idade do Ferro Inicial –

“é um mundo de heróis, uma classe guerreira aristocrática, cujos objetos de luxos e armas de guerra eram feitas de bronze. Homero lembra-nos constantemente que está focalizando um passado deslumbrante, quando os homens tinham riqueza material, palácios de cinquenta aposentos, famílias patriarcalmente grandes e enorme força física” (FINLEY, 1998, p. 87).

Neste mundo, os aristocratas detinham o poder econômico, jurídico e religioso. As poderosas famílias controlavam a maior parte das terras, e especialmente as mais férteis, gerando uma grande desigualdade social que Homero retrata relatando situações de embate judicial entre a aristocracia e o campesinato. Há um trecho em que relata Tersites, um camponês que se revolta em meio à assembleia dos Argivos, repreendido por Odisseu por seus impropérios. (*Ilíada* II, 200-210). Tais confrontos são narrados não só nos poemas homéricos como no texto de Hesíodo *Os Trabalhos e os Dias* (260-264) que relata a dura vida dos camponeses impotentes diante dos “reis comedores de presentes”, ou seja, dos aristocratas que cobravam tributos pesados destes trabalhadores.

O campesinato (*thetes*) trabalhava nas terras dos aristocratas – os *aristoi*; não possuíam direitos políticos, mas participavam das assembleias como audiência, como se vê na *Ilíada*, em uma convocação:

[...] quando Agaménon ordena aos divinos arautos que chamem para a assembleia aos Acaios de soltos cabelos nos ombros. Gritam, sem mora, o pregão; apressados, aqueles concorrem. (*Ilíada* II, 50-52).

Em uma outra passagem vemos a figura de Tersites, um camponês que profere sua opinião frente aos problemas da cidade, porém seu discurso é interrompido rispidamente, por Ulisses que o censura:

[...] Pára essa bulha, covarde, e atenção presta aos ditos dos outros, que são melhores que tu, pois te mostras imbele e sem préstimo. Não vales nada na guerra, ou, sequer, nas reuniões dos Argivos. Reis não queiramos ser todos que, aqui, nos achamos reunidos. [...] Tersites sem pausa a falar continuava, pois tinha sempre o bestunto repleto de frases ineptas [...].Desse modo, é repreendido por Odisseu:

Ao te encontrar novamente dizendo impropérios como esses não mais nos ombros de herói Odisseu continue a cabeça, nem mais me orgulhe de ser designado por pai de Telêmaco, se sobre ti não puser logo as mãos, arrancando-te as vestes, o manto e a própria camisa e o que mais as vergonhas encobre, para enviar-te, depois, a chorar, para as rápidas naves, das reuniões expulsando-te com boa dose de açoites. (Ilíada II, 200-210).

Ao lado da insatisfação dos camponeses, as disputas entre os nobres pelo poder e pela posse das terras constituíam um quadro de instabilidade política. A primazia de uma família sobre as demais era contestada no momento da morte de seu líder e a luta era conduzida de forma a conduzir o mais capacitado ao posto de comando em uma região. A hereditariedade não era a regra na transmissão do poder e o episódio centrado do assalto promovido aos domínios de Ulisses pelos pretendentes de Penélope é um exemplo claro. Telêmaco, embora filho de Ulisses, não herda seu papel de liderança, deve conquistá-lo por suas qualidades pessoais.

A arqueologia delineia a materialidade da Idade do Ferro Inicial: os povoamentos esparsos do século XI duram pouco tempo, a população volta a crescer, as atividades agrícolas se intensificam, os contatos com o exterior são retomados. Tem início ao que Snodgrass denomina “Revolução Estrutural” em sua obra de 1980, hoje um clássico da arqueologia grega: “Archaic Greece.

The Age of Experiment.” Para o autor, esta época estabeleceu a base econômica da sociedade grega; as principais linhas de sua estrutura social. Traçou o mapa político do mundo grego em uma forma que permaneceu por quatro séculos; colocou, com ainda maior permanência, as formas de Estado que determinaram a história política grega; sedimentou não só para a arte grega como para a arte Ocidental como um todo, os seus objetivos e interesses, que permaneceram por milênios; deu à Grécia, nos poemas homéricos, na épica, um ideal de comportamento e a lembrança de um passado de glórias para sustentá-lo; proveu muito da base física e talvez também da espiritual da religião grega também muitas coisas menores como os meios para que a sociedade grega se defendesse militarmente preservando a sua independência. (Snodgrass, 1981, *passim*)

Ao lado da emergência da pólis, a expansão grega pelo Mediterrâneo, iniciada a partir do século VIII, insere-se nesse momento. A origem da pólis na Grécia Balcânica é um tema dos mais debatidos pelos historiadores e arqueólogos que se voltam para o mundo grego antigo.

A contemporaneidade entre o surgimento da pólis nos Bálcãs e no Ocidente, através das fundações gregas na Itália meridional e na Sicília, é um dado relevante que sinaliza a possibilidade de intercâmbios entre os fenômenos nas duas áreas: A pólis, enquanto quadro político-institucional, rede de relações sociais embebidas na prática religiosa, unidade econômica com pretensões à auto-suficiência, espaço físico apropriado e construído por uma comunidade, muito provavelmente estava ainda em processo de estruturação na Grécia. E não é na pólis que deitam raízes as mais originais criações helênicas? Como entender as apoikias gregas sem situá-las no mesmo processo de estruturação que, na mesma época, está colocado diante das metrópoles? Mais ainda, qual teria sido o impacto das experiências coloniais nas áreas metropolitanas? Teriam as chamadas proto-cidades das áreas coloniais (POLIGNAC, 1984) ou “pólis imaginárias” (HANSEN 2005, p. 12) “se constituído em fonte de inspiração para as emergentes pólis metropolitanas?” (HIRATA, 2010, p. 44).

Mogens Herman Hansen é um dos principais pesquisadores do *Copenhagen Polis Centre* (CPC), instituição criada em 1993 com o objetivo de pesquisar a cidade grega antiga e promover encontros de estudiosos da área,

seja historiadores, arqueólogos e linguistas. Segundo Hansen, para investigar a origem da pólis há que se levar em conta três diferentes tipos de evidências: a linguística, por meio de um estudo comparativo dos registros de palavras em outras línguas do tronco indo-europeu, a evidência literária e epigráfica e a material, com os remanescentes físicos da *colonização* e assentamentos (HANSEN, 2005, p.17).

O estudo etimológico torna-se importante, pois aponta as variantes da forma pólis, na forma *ptolis*, provavelmente atestada em linear B., sob a forma de po-to-ri-jo; comparando-se a forma grega com outras línguas indo-européias. Os resultados chegam, por exemplo, na Índia védica que apresenta a palavra sânscrita *púr* também com o significado de cidade, fortaleza. (HANSEN, 1993, p.9). No caso da evidência literária, Hansen parte, em seus estudos, de autores mais antigos como Homero e Hesíodo, buscando encontrar nos textos desses autores qual era o conceito de organização social e se havia similaridade ao que se denominou mais tarde como pólis. Por fim, Hansen traz a discussão para o papel do espaço físico na constituição da pólis.

Para o arqueólogo I. Morris, uma pólis significa uma comunidade de cidadãos, não simplesmente uma massa de sujeitos submetidos a uma elite diferenciada. A principal divisão entre os indivíduos seria entre cidadãos e escravos, embora também aparecesse uma clara divisão entre cidadãos e estrangeiros livres residentes que não teriam os mesmos direitos, mas poderiam ser muito ricos. Para o autor, com o surgimento da pólis há uma mudança estrutural ou uma revolução social, uma revolução na maneira como as pessoas viam o mundo. Aceita a ideia de Aristóteles de que a pólis não é um território ou um conjunto de edificações políticas mas configura-se, sim, nas relações entre os seus cidadãos. (MORRIS, 1991, p.26).

Para os gregos de época clássica, a emergência da pólis surge através de um processo de aglutinação que chamavam *synoikismos* (*sinecismo, viver junto*): de Tucídides a Aristóteles⁴ todos viam a pré-história da pólis como a

⁴ Aristóteles em sua *Política* conta que a origem da pólis vem da união do homem e mulher, e esta união é necessária para sobrevivência. Haveria duas formas sucessivas de união: O primeiro passo seria pela família, colônias compostas de filhos e netos, e na qual o primogênito comandava. O segundo passo é a *koinonia*, ou a união de várias aldeias, que criaram o que viria a ser pólis. Aristóteles propôs que as formas antigas de sociedade eram naturais, mas quanto às *koinonias* não há clareza se ele se referia a uma união somente social ou também física para que uma pólis fosse formada, já que Aristóteles não enfatiza o fator físico de união. Contudo, a lógica aristotélica, com suas esferas de expansão de

passagem da grande família para a aldeia e depois para a cidade. Assim, Platão afirma: *Na minha opinião, a cidade deve o seu nascimento à impossibilidade em que o indivíduo se encontra de prover a si mesmo e à necessidade que ele tem de mil coisas (Republica, II, 369b).*

O sinecismo arcaico seria uma operação puramente política que cria um Estado por centralização do poder sem modificar a estrutura do habitat: mesmo se uma cidade central desenvolve-se e as demais permanecem. De acordo com esta perspectiva, a pólis surge, em um primeiro momento, da necessidade econômica dos *aristoi*; em uma segunda etapa a necessidade política faz com que seja imprescindível a existência de órgãos de governo, de santuários de divindade tutelar, de leis, de ordenamento político e de normas conhecidas e aplicadas somente pelos *aristoi*. Nas palavras de Estrabão,

Os homens se reuniram em tribos e cidades porque eles tendem, por natureza, a fazer as coisas em comum, e ao mesmo tempo por causa da necessidade que eles têm uns dos outros; e eles se reúnem nos locais sagrados que lhes são comuns pelas mesmas razões: estar juntos em festas e assembleias. Porque todas as coisas como começar por tomar o alimento na mesma mesa, derramar as libações juntos, abrigar-se sob o mesmo teto, leva à amizade (philia) ”. (IX, 3, 5 – 419)

A sustentabilidade da pólis viria do território – a *khóra* - na extração da produção, e do centro urbano – a *ásty* - onde estava o poder político e os dispositivos institucionais que o sustentavam. Assim, em meados do século II. Pausânias questiona o status de pólis atribuído a Panopeo, localidade situada na Fócida:

“pode-se chamar pólis a um lugar assim, sem edifícios oficiais, sem ginásio, sem teatro, sem

autoridade, parece identificar a união como política e social. A maioria dos estudiosos do século XIX leram sua obra, a fim de buscar uma explicação para origem pólis, e muitos interpretaram como sendo uma união física.

agora, sem sequer água que flua de uma fonte, onde o povo vive em cabanas semelhantes a barracas de montanha na borda de uma ravina. Apesar de tudo isto têm fronteiras que os separam de seus vizinhos e enviam também seus representantes à assembléia fócia.” (Pausânias. 10.4.1)

Com os estudos recentes que acompanham os avanços na área arqueológica é possível questionar a posição de alguns estudiosos a respeito de cidade antiga, levando-se em considerações o estudo do território⁵ para se compreender a dinâmica da sociedade grega. A partir dos estudos relativos ao conceito de apropriação da paisagem, lugar, espaço, baseados em dados materiais, é possível discutir de uma forma mais aprofundada a relação da pólis com seu ambiente construído, tanto na *khóra* como na *ásty*⁶. As pesquisas mais sistemáticas em relação a esses espaços trazem informações sobre fenômenos sociais, políticos e religiosos. (HANSEN 1997, p. 13).

Para finalizarmos estes rápidos apontamentos sobre a ,ainda em aberto, questão da origem da pólis no mundo grego, citaremos o tão debatido “modelo de Polignac”⁷ que, para nós, tem a grande vantagem de considerar os dados do Ocidente grego em suas análises. No Prefácio à obra, assim avalia C. Mossé a importância de *Polignac*:

“A publicação, em 1984, do livro de François de Polignac significou um importante ponto de inflexão na análise das origens da forma específica de organização social e política constituída pela cidade-estado grega. Até então, particularmente

⁵ O conceito de território abordado baseia-se na concepção trazida no artigo: ZEDENO, M.N. *The archaeology of territory and territoriality*. In: Handbook of landscape archaeology. University Arizona-University Tucson. 2008:210-217. “chief among key concepts used to discuss human nature interactions is territory as object aggregate (land-naturel resources-human modifications) and territoriality as the sum of actions and emotions toward a specific space, with an emphasis toward influence, control, and differential access. (pg.211)

⁶ Para Finley M.I (1986), a verdadeira cidade na antiguidade clássica incluía a *khóra* e um centro urbano, *ásty*, onde residiam as “melhores pessoas” e onde estavam instalados os cultos públicos e a administração. A definição de cidade para Finley é pautada em Estrabão, que via a agricultura no espaço da *khóra* como propulsora de uma comunidade civilizada, de uma sociedade urbanizada. No cap.3 desta dissertação discutiremos os espaços da *khóra* e *ásty* aplicados à Siracusa.

⁷ Polignac expõe seu modelo na obra *La naissance de La cité grecque*. Paris, 1984.

na historiografia francesa, a emergência da cidade estava relacionada ao desenvolvimento de instituições políticas instaladas no lugar de estruturas “clônicas” baseadas no nascimento e no parentesco. Esta análise estava baseada nas reflexões de Aristóteles na **Política** onde, apoiando-se parcialmente nas explanações de Platão na **República**, toma a “necessidade” do homem, sua inabilidade de viver sozinho como o elemento catalisador na constituição primeiro da família, depois da aldeia e eventualmente da cidade. Mas esta análise estava baseada essencialmente no ‘modelo’ ateniense e os desenvolvimentos descritos por Aristóteles na **Constituição de Atenas**.

F. de Polignac deliberadamente desconstrói este modelo mostrando, em primeiro lugar, que o exemplo ateniense era relativo e que os historiadores da Grécia precisavam se libertar do discurso ateniense e buscar informações em outro lugar; e que este “outro lugar” poderia ser mais bem revelado pela arqueologia do que pelas repetidas leituras da documentação literária.” (MOSSE, 1995:vii)

De Polignac parte dos dados trazidos pelas escavações arqueológicas na Grécia Balcânica-Egéia e no Ocidente grego. Centrou-se na afirmativa dos arqueólogos de que, do final do séc. IX em diante, a re-ocupação das terras se fez acompanhar de rápido crescimento demográfico, como já havia relatado Snoggrass, em 1981. A prova material vinha do crescimento do número de depósitos de oferendas votivas mas, contrariamente ao que a interpretação tradicional sugeria, não era na *ásty*, no centro do espaço urbano da futura pólis que estas oferendas se acumulavam, mas nos limites da *khóra*, do território, onde estavam localizados os santuários extra-urbanos.⁸ O mais longo capítulo do seu livro esmiuçava as fontes materiais associadas ao estudo destes locais sagrados e possibilitou ao autor demonstrar que estes santuários

⁸ Atenas é vista por de Polignac como a exceção ,não a regra, que seria a cidade de organização bipolar: *ásty* e *khóra* interligadas.

desempenharam papel crucial, tanto na definição do território da pólis quanto promovendo a integração dos grupos sociais que compunham a comunidade cívica. Com base desta hipótese, propôs-se que cada pólis era, em primeiro lugar, uma comunidade de culto. Sua teoria interpretativa foi então estendida da Grécia Balcânica-Egeia para o mundo grego ocidental, com o destaque que a presença de comunidades locais dava aos assentamentos de lá características próprias. O autor conclui que a pólis é resultado de um progressivo estabelecimento de hierarquias e coesões sociais, delineando-se em uma forma que busca um acordo na escolha de cultos mediadores e participação nos ritos. (POLIGNAC, 1984, passim)

Os cultos que exerciam papel mediador eram, em primeiro lugar, aqueles devotados às divindades que protegiam o território, a *khóra*, mas também, no centro do espaço urbano, na *ásty*, os que a comunidade devotava aos seus heróis – os fundadores reais ou míticos da cidade. A configuração da pólis assumia um caráter bipolar e nos dois pólos do espaço cívico, os santuários extra-urbanos e as tumbas de heróis interligavam-se para confirmar o domínio sobre o território pela comunidade preparada também para defendê-lo. Os santuários extra-urbanos cumprem a função de reafirmar a posse da *khóra* e a definição das fronteiras, e são dedicados a divindades protetoras do espaço rural, das margens, das passagens. A *ágora* e os santuários urbanos interligam-se com a *khóra* via procissões, rituais comuns previstos nos calendários religiosos da pólis. A posse de um território, ao enraizar a comunidade de culto em um espaço, lança os alicerces da futura pólis, seja na Península Balcânica, seja nas costas da Península Itálica e Sicília.

As fundações gregas no Ocidente, resultantes do processo de expansão iniciado paralelamente ao processo de estruturação das pólis balcânicas, vão também progressivamente transformando-se em pólis. Mas qual teria sido a motivação desses gregos que se voltam para a busca de novos espaços, criando apoikias, ou seja, casas “longe de casa”?

As teorias tradicionais buscam explicar as razões da expansão grega no Mediterrâneo Ocidental a partir de explicações únicas: a tese “mercantilista”, que via no comércio e especialmente na busca de metais a principal motivação para o abandono das áreas de origem; a teoria “agrária” que via na escassez de terras no território balcânico o principal impulso para a mobilidade desses

grupos .Na verdade, nenhuma delas dá conta da diversidade de motivações, que seriam tantas quantas as áreas de origem (*idades-mãe,metrópoles*) envolvidas .Vale lembrar que a Grécia, em época arcaica, é um conjunto de entidades citadinas em formação (pólis) e étnicas (*ethne*) com diferentes estruturas políticas e institucionais, tradições culturais, dialetos variados, embora para Jannelli; Longo (2004, passim) houvesse uma mesma matriz cultural. Diante dessa diversidade, as motivações estariam na história de cada pólis.

Desse modo, por exemplo, para alguns autores, como Holloway (1991), a principal razão estava no descontentamento da aristocracia diante da perda crescente de privilégio e diante da ascensão do demos quando da estruturação das pólis nascentes, enquanto que para Austin e Vidal Naquet: “As colônias típicas, e de longe as mais numerosas, são estabelecimentos essencialmente agrários, como se concorda geralmente agora em o reconhecer, e como toda uma série de indícios o deixa supor”. (1986,p. 71-76). A expulsão de um grupo de cidadãos da própria comunidade aos quais se proíbe o retorno à pátria é relatada por Heródoto a respeito da partida de migrantes de Tera para a fundação de Cirene ,na costa norte-africana:

A cidade (Thera) resolveu que em cada família um de dois irmãos partiria,designado à sorte,e que cada um dos seus distritos – tinha sete-forneceria um certo número de colonos, tendo Battos por chefe e rei.Mandaram pois partir para Platéia duas pentaconteras (Heródoto,4. 153)

Estariamos,neste caso,diante de uma *stasis* como a motivação da expulsão de uma parte dos habitantes de Tera ?Ou a falta de terras ,devido `a concentração dos latifúndios em poucos proprietários,inviabilizando o usufruto de direitos políticos ⁹?

⁹ Devemos lembrar que estas mesmas *staseis* vão se reproduzir nas novas cidades depois de algumas gerações,devido à concentração de propriedades e direitos nas mãos de dos herdeiros diretos dos primeiros fundadores aqueles que tinham recebido os melhores lotes de terra e nas vizinhanças dos centros urbanos:**Gamoroi** (proprietários de terra de Siracusa) **Pachéis** (Os gordos,de M.Hibléia) **Hippéis** (Cavaleiros de Lentino).Isto tinha como resultado novas **apoikiai** ,chamadas,de forma ambígua de sub-colônias quase querendo marcar uma dependência que não corresponde à realidade.

Osborne (1998, p.251-269) propõe inverter a perspectiva: o caráter das antigas fundações seria o eixo de análise do processo em si: “We will never understand what is going on in Italy and Sicily in the eighth and seventh centuries until we properly understand the character of the settlement there.” (1998, p, 268). O autor destaca também a importância de se levar em conta a característica mobilidade do mundo grego de época arcaica, o amplo conhecimento armazenado sobre as costas do Mediterrâneo e suas populações, facilitando e estimulando os deslocamentos.

Para a arqueóloga especializada no estudo das fundações sicilianas, Francesca Veronese (2006, p.24), a Idade arcaica é um período particularmente rico para a formação da cidade, a experimentação arquitetônica e a formação de um novo equilíbrio político. Entretanto, o homem grego também se encontrava conscientemente em um dilema de pertencimento a uma nova identidade étnica, construída com a *colonização*, com o estabelecimento de uma nova pólis. Este movimento para o qual F. Veronese nos chama a atenção diz respeito à identidade étnica frente a um novo território já habitado, que se forma a partir da troca entre gregos e autóctones, de maneira que essa nova pólis nascente já virá com peculiaridades no âmbito da paisagem e da cultura material. Essa mistura de populações se fará visível nos espaços especializados, principalmente nas necrópoles, onde tumbas de autóctones e gregos encontram-se em um mesmo espaço, além de ser evidenciada em cerâmicas encontradas nas pólis da Sicília.

As escavações em fundações gregas da Sicília e sul da Itália, vêm trazendo elementos cruciais na compreensão da pólis como uma organização complexa, em que interagem fatores religiosos, políticos, econômicos e sociais. As variáveis, em termos de modelos de assentamentos, encontradas nas pólis ocidentais ampliaram o conceito de cidade, pois vetores como os contatos com a população local, a maior disponibilidade de espaço fértil para a agricultura – fator agregador em termos políticos e sociais – um planejamento urbano pensado, fazem com que seja possível trabalhar melhor os dados e levantar hipóteses em relação à Grécia Balcânica. Dentre estes, o fator ligado à presença da população local, cujas áreas de ocupação eram vizinhas às

gregas e tiveram grande impacto no processo de crescimento das pólis nascentes. A demanda de produtos de ambos os lados impulsionou redes de trocas regionais e internacionais. O mundo balcânico foi, dessa forma, positivamente estimulado aumentando a produção de cerâmica, por exemplo.

Com os estudos recentes, as observações começaram a se voltar para a hinterlândia, ou seja, para a *khóra*, que de acordo com a historiografia tradicional era vista como uma espécie de complemento da *ásty* - uma área importante para o sustento do centro urbano. Mas a arqueologia voltada aos territórios, à paisagem, extraiu outras informações que nos fizeram mais atentos à questão rural e seus desdobramentos no cotidiano das pólis.

A relação estreita entre *ásty* e *khóra* mostra que os cidadãos sobreviviam especialmente pelo trabalho agrário, mas transitavam regularmente pelo centro urbano. Com os estudos de território, os surveys, foi possível perceber, em algumas regiões como na Beócia, a relação direta de interdependência entre a *khóra* e os núcleos urbanos, estabelecida ao longo do tempo.(BINTLIFF,2006). Outra questão importante seria com relação à agricultura, pois de acordo com as pesquisas de campo foi possível levantar a hipótese de que o foco não seria somente na produção para o auto-consumo, mas para a exportação de produtos agrícolas. Esse fator econômico gera a necessidade de mão de obra e o crescimento dos núcleos urbanos (BINTLIFF, 2006, passim). Atualmente multiplicam-se os estudos pautados, por exemplo, na distância entre *ásty* e *khóra*, levando ao cálculo do tempo de deslocamento deste trabalhador indo, por vezes de sua moradia na *ásty* até o campo e qual a relação desse dado com as produções agrícolas específicas. A existência de habitações sazonais na *khóra* e concomitante formação de núcleos populacionais dotados de dispositivos arquitetônicos com templos, necrópoles vem a nuançar as diferenças entre *ásty* e *khóra* e a presença de cultos análogos nas duas áreas levam a uma perspectiva cada vez mais integradora dos espaços da pólis. Estas novas perspectivas trazem uma nova visão para o conjunto do que seria a dinâmica das *pólis*, sua organização espacial, a importância dos templos de fronteira, a sua sustentabilidade econômica.

Segundo Carter (2006), com o nascimento da pólis sustenta-se uma nova fórmula de administração e de auto-governo, gerenciada por uma vasta

população; um novo modo de conduzir a guerra; uma nova forma de organização econômica, baseada na pequena família, gerida de modo individualizado. Segundo o autor, as evidências materiais encontradas em Metaponto, fundação grega na Itália do Sul revelaram a intensificação e diversificação da agricultura para utilização do solo em larga escala; nas pesquisas aí realizadas, utilizou-se o estudo dos restos de animais e vegetais para comparação e datação do surgimento das fazendas monofamiliares. (CARTER 2006, p.47).

Ao contrário do que aconteceu no caso dos chamados empórios¹⁰, nas pólis nascentes construíam-se novas casas, mais amplas do que nas terras da área de origem (CARTER, 2006. p, 48). Muitas apoikias superaram a própria cidade-mãe ao conquistar fama e riqueza. Neste caso, é possível perceber que não somente os gêneros agrícolas necessários ao sustento das cidades eram cultivados na *khóra* mas, sobretudo os gêneros exportáveis, os quais realmente faziam a diferença na economia dessas cidades.

A partir de seus estudos sobre Metaponto, Carter (2006) afirma que a *khóra* fora omitida nos trabalhos arqueológicos, privilegiando-se o centro urbano e os santuários centrais. Para o autor, a *ásty* e a *khóra* eram, na mente dos antigos, duas partes indissociáveis da pólis, não podendo existir de modo independente.

O movimento de expansão dos gregos da área balcânica-Egeia para o Mediterrâneo Ocidental partiu de regiões que já eram pioneiras no comércio marítimo. Os *eubóicos* que já freqüentavam com assiduidade o Mediterrâneo Oriental estabelecendo contatos e trocando produto, por exemplo, em Al-Mina na Síria, foram os primeiros a viajar para o Mediterrâneo Ocidental depois dos fenícios, por volta do início do século VIII, estabelecendo povoações ao longo das costas da Itália e da Sicília; depois vieram os coríntios, que visitaram o Adriático, chegando ao Mediterrâneo Ocidental mais tardiamente.

¹⁰ **empóron:** (masculino; plural *empória*) praça de comércio marítimo; daí cidade situada no litoral, com grande porto e grande atividade comercial. Substantivado a partir do grego ἐμπόριος, α, ov. Retirado do site: www.mae.usp.br/labeca/pdf/glossario.

Segundo Carter (2006) indevidamente chamados de apoikias.

No século VIII ,na sociedade grega, a aristocracia proprietária de terras tinha como representante máximo o basileu, líder do oïko¹¹. Este oïko era um grande domínio territorial que englobava a família do patriarca, agregados e servos, seus rebanhos e tesouros.

A descrição que Homero faz do oiko de Ulisses parece muito se aproximar de uma situação real.As expedições navais e o comércio de longa distância foram iniciados pela própria aristocracia,que, também guerreira,promovia saques em cidades costeiras pelo Mediterrâneo. O conhecimento náutico acumulado desde época micênica era um estímulo `as viagens em busca de produtos exóticos de escravos e da conquista de parceiros nas trocas.

1.2 A fundação de Siracusa:uma *colônia*?

O termo *colônia*¹² foi usado pelos romanos ,deriva de **colere (cultivar)** e era empregado para designar cidadãos que mantinham com Roma vínculos de natureza variada e aos quais se assegurava terra para cultivo. Já os próprios gregos denominavam estas novas pólis que nascem da separação de um grupo de cidadãos da própria cidade de origem de **apoikía** ;o verbo **apoikízo** indica o ato de separar-se.

Para guiar os **apoikoi** há um chefe,um líder religioso, militar,estrategista, o **oikista**, que será,após a morte,de acordo com as fontes escritas,sepultado como herói na ágora.

Os primeiros tempos das novas pólis vêm sendo reconstituídos pela pesquisa arqueológica por meio da definição da implantação do espaço político(ágora)dos locais de culto,com os numerosos santuários deslocados seja para o interior da área urbana seja ao exterior,da área habitacional,dos espaços de cultivo.

¹¹ *Oïko- casa; unidade social e econômica na Grécia Antiga constituída pelos bens móveis e imóveis: a família, os escravos, a casa, as terras, as ferramentas, o mobiliário.*

¹² Há um grande debate entre os arqueólogos e historiadores do mundo grego sobre a adequação do uso da palavra colônia já que poderia induzir a analogias com fenômenos modernos e contemporâneos.Como existem muitos autores e muita produção bibliográfica sobre a polêmica,optamos por remeter os interessados `a síntese apresentada por Hirata (2010).

Imediatamente ao exterior do centro urbano são localizadas as necrópoles. Observando a posição geográfica das implantações pode-se reconhecer algumas constantes :

1. Localização perto do mar e dos cursos d'água e a disponibilidade de terras para cultivar;
2. O território – a *Khóra* – com dimensões e características muito diferentes é o aspecto que caracteriza as apoikias desde que isto garanta a auto-suficiência e a independência da fundação.

As apoikias gregas foram estabelecidas em regiões possivelmente já conhecidas pelos gregos, mas o contato com as populações nativas trouxe aos gregos um conhecimento maior do espaço e território. A convivência, por vezes pacífica, envolveu também conflitos, como se verá adiante, quando da fundação de Siracusa e expulsão dos nativos¹³. Hoje os especialistas acreditam que as fundações das pólis coloniais tiveram êxito em parte graças à interação com os habitantes da nova terra. O diálogo cultural trouxe como resultado a formação de sociedades novas no Ocidente grego. A circulação de produtos, pessoas e ideias se dava em múltiplas redes: entre as fundações e suas áreas de origem; entre gregos vindos de várias partes dos Bálcãs; entre gregos e não-gregos; entre gregos e fenícios.

Dispomos de alguns registros escritos que descrevem aspectos diversificados do processo de fundação:

1. Sobre o papel de Apolo Arquegeta como protetor das viagens que autorizaria via consulta prévia, pelo oikista, ao oráculo de Delfos:

a. Sobre a fundação de Naxos e Apolo Arquegeta

*Os primeiros gregos que desembarcaram na ilha
foram calcídeos da Eubeia que, sob a orientação
de seu oikistes, Tucles, se instalaram em
Naxos. Erigiram em honra de Apolo Arquegeta um*

¹³ De acordo com Torelli, F.; Coarelli, M. (1984, p. 222), quando os gregos chegaram a Ortigia, os habitantes autóctones tiveram uma experiência traumática, por ter sido um encontro violento. Há historiadores antigos, como Heródoto, que narram uma relação absolutamente pacífica entre autóctones e gregos. Há muitas contradições no documento escrito, mas os vestígios mostram indícios de resistência.

altar,que agora se ergue fora da cidade
(Tucídides,6.3)

b.Sobre as oferendas devidas ao deus

Desembarcaram na orla do mar e tiraram das ondas o rápido navio,alandando-o para a terra,bem acima da areia;dispuseram sobre os seus flancos uma linha de barrotes grossos e fizeram um altar na praia. Acenderam o fogo e, segundo as ordens do deus,ali consagraram farinhas brancas,orando agrupados em redor do altar. A seguir comeram a sua refeição perto do rápido navio negro e ofereceram libações aos deuses venturosos,senhores do Olimpo” (Hino Homérico a Apolo,5.505-512)

c.Sobre a obrigatoriedade de consulta ao Oráculo de Delfos antes da viagem

(...) Dorieu reuniu um grupo de homens e deixou o país para ir fundar algures uma colônia. Sentia-se tão indignado por se ver preterido que embarcou para a Líbia sem ao menos consultar o oráculo sobre o lugar onde deveria estabelecer-se e sem observar nenhuma das cerimônias adotadas em tais ocasiões. Ali chegando, em companhia dos de Terá que lhe serviram de guias, estabeleceu-se em Cinips, belo cantão da Líbia, às margens do rio do mesmo nome; mas, sendo dali expulso ao cabo de três anos, pelos Macios, povo de origem líbia, e pelos Cartagineses, voltou para o Peloponeso (Heródoto, 5, 42,2).

2. Sobre a ocupação da terra

Que poderosa memória deviam ter os homens desse tempo! Quantas indicações lhes eram dadas sobre a maneira de identificar os lugares, sobre os momentos propícios aos seus empreendimentos, sobre os sacrifícios a fazer aos deuses de além-mar, sobre os monumentos aos heróis cuja localização era secreta e muito difícil de encontrar em regiões tão afastadas da Grécia! (...) Quantos indícios tinham eles de discernir para encontrarem o lugar atribuído e fixado a cada um deles para aí fundarem a sua colônia” (Plutarco, Sobre os oráculos da Pitia, 407f-408 a)

3. Sobre os primeiros atos

Rodeou a sua cidade com uma muralha, edificou casa e templos e distribuiu terras” (Odisséia, 6, 7-11) Cabia ao oikista, enquanto líder investido de poderes por Apolo, promover, logo à chegada, a divisão dos lotes, indicar o local dos santuários, estabelecer o contato com as populações nativas, resolver, enfim, todos os problemas que ameaçassem a nova fundação. Era o chefe político, religioso e militar.

A conservação da memória da fundação era um dos aspectos mais importantes na história da nova cidade e se mantinha na forma de um culto de cunho heroico celebrado após a morte do oikista, em torno da tumba que a ele era erigida na ágora. Há menções a este culto em vários autores antigos, bem como vestígios arqueológicos encontrados em Cirene (norte da África), Mégara Hibleia, Selinonte e Gela (Sicília) e Poseidônia (Península Itálica).

As primeiras colônias, fundadas na chamada Magna Grécia, situaram-se ao redor da baía de Nápoles: por volta de 750, gregos vindos da Erétria assentaram-se na atual Ilha de Ischia, denominada pelos colonizadores de Pitecusa. De acordo com Tito Lívio e Estrabão, essa fundação precedeu a de

Cumas, estabelecida em 725 no continente, por colonizadores vindos de Cálcis.

Na Sicília, Naxos foi estabelecida na costa oriental. O material arqueológico mais antigo data de 750-725 . É possível que os gregos já conhecessem a região e que já houvesse trocas de produtos com os nativos. A região de Naxos oferecia muitas possibilidades de trocas comerciais, dispondo de um pequeno porto protegido pelo promontório de cabo Schisò, bem defendido pela encosta norte do monte Etna e pela barreira das montanhas Nebrodi e Peloritani.

Tucídides (6.3.2) conta que um ano após a fundação de Naxos, o coríntio Árquias conduziu um grupo de colonos para Siracusa, estabelecendo-se na ilha de Ortígia, expulsando de lá os sículos.

Os primeiros helenos que navegaram para lá foram os calcídios da Eubeia; eles colonizaram Naxos, tendo Tucles como fundador, e construíram um altar em honra de Apolo Archegeta. Atualmente o altar fica fora da cidade e nele os emissários sagrados ofereciam sacrifícios antes de partir da Sicília. No ano seguinte Siracusa foi fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sícelos da então ilha, que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade interna; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas, e se tornou também muito populosa. No quinto ano após a fundação de Siracusa, Tucles e os calcídios, partindo de Naxos, expulsaram os sícelos após uma guerra e fundaram Leontinos; logo depois fundaram Catana. Os cataneus, todavia, escolheram entre eles Êuarcos para ser o fundador. (Tucídides, 6,3)

Uma versão mais detalhada se encontra em Estrabão (6, 2.4) apud Torelli e Coarelli (1984, p. 210). Segundo Estrabão, Árquias, vindo de Corinto

na mesma época em que foi fundada Naxos e Megara, veio junto a Miscello, futuro fundador de Crotona, ao oráculo de Delfos. O oráculo perguntou se eles preferiam a riqueza ou a saúde. Árquias fundou a cidade grega mais rica, e Miscello a mais salubre, célebre por seus atletas e médicos.

Siracusa prosperou, tornando-se a maior cidade da Sicília. Os recém chegados receberam concessões de terras na planície, favorecendo o crescimento de uma emergente elite proprietária de terras, os *gamoroi*. Com o crescimento econômico, demográfico e o contínuo afluxo de novas levas de colonos, veio a necessidade de expansão. Tucídides (6.5.2) informa-nos que Siracusa iniciou seu próprio processo de ocupação das terras vizinhas, resultando na fundação de Acras, por volta de 663. Já no sudeste da Sicília, a dominação de Siracusa foi mais vigorosa, pois ali foram fundadas Casmenes, por volta de 643, e Camarina, por volta de 598.

Acras e Casmene têm características topográficas montanhosas, são cidades altas do vale Anapo, a oeste de Siracusa. Acras está localizada no topo de uma colina íngreme ; Casmene ocupa uma área bem maior (Graham 1982, p.176). Ambas ocupam antigas áreas de habitação sícula e sua fundação estabeleceu os limites da *khóra* siracusana.

Fontes escritas como Tucídides não nomeiam os oikistas destas apoikias ,vistas como subordinadas e dependentes de Siracusa, e cuja função principal era a de defender o território de Siracusa. Segundo fontes escritas¹⁴ os siracusanos fizeram alguns sículos de servos, dependentes em tributos (GRAHAM 1982, p.176).

Camarina, por sua vez, é localizada na costa sul da ilha, a 112 quilômetros a sudeste de Siracusa, entre os rios Hipparis e Oanis, um local aparentemente inabitado, segundo as fontes escritas. Tucídides situa sua fundação em 598 e a arqueologia confirma esta datação por meio da cerâmica encontrada nas tumbas do cemitério arcaico de Rifriscolari. Este cemitério está situado a nordeste da cidade (GRAHAM, 1982, p.177). Tucídides (6.5.2) e Píndaro (Ol.5.16) contam que a Camarina tinha dois oikistas, que era uma pólis independente em questão de organização social, porém afirmam sua dependência política em relação a Siracusa. As evidências arqueológicas, mais

¹⁴ (Tucídides III. 103.I; VI.20.4; 88.5 e Diodoro XII.30.I).

especificamente tumbas, permitem identificar que havia gregos e nativos vivendo lado a lado em 570. Há relatos de uma guerra contra Siracusa e os camarinenses teriam tido como aliados os sículos. Os siracusanos expulsaram os habitantes de Camarina; as evidências arqueológicas mostram que os habitantes reassentaram-se neste território por volta de 550.

Muitas das descrições históricas e topográficas de Siracusa, em períodos diferentes, são baseadas em autores antigos como Diodoro, Tucídides e Plutarco. Essas descrições nos trazem muitas informações indispensáveis, porém pouco claras e por vezes contraditórias. Com o avanço das pesquisas arqueológicas foi possível integrar o documento escrito ao registro arqueológico, trazendo grandes contribuições às pesquisas relacionadas ao arranjo do espaço nessa fundação grega.

Veremos, nos capítulos subsequentes, o trabalho com os dados referentes à expansão urbanística de Siracusa em época arcaica. Contemplaremos os dados escritos e os dados arqueológicos, procurando documentar a dinâmica de uso e disciplinamento do espaço e a estrutura de poder, relacionando-os. O nosso objetivo é o de compreender esta relação no registro arqueológico.

CAPÍTULO 2- DA FUNDAÇÃO AO FINAL DO SÉCULO V: AS FONTES ESCRITAS.

2.1 Fontes Escritas: Uma Introdução

(...) embora os arqueólogos possam ler os textos da cultura material de forma semelhante à maneira como lemos os documentos escritos, há diferenças marcantes entre a cultura material e a linguagem escrita ou falada (...) Ian Hodder (1994, p.169)

As fontes escritas relativas à implantação e expansão da pólis siracusana são relativamente escassas e, excetuando as descrições pormenorizadas de Diodoro Sículo, as demais tratam marginalmente do Ocidente grego. A história do mundo grego, como sabemos, caracteriza-se pelo predomínio de documentação textual produzida em Atenas de época clássica. O viés “atenocêntrico” sinalizava para uma visão “centro-periferia” que classificava as pólis do Ocidente como simples desdobramentos da cultura grega original. Sua história, portanto, era contada à medida que colaborava para o conhecimento da Grécia Balcânica.

Assim, para os primeiros tempos da vida das pólis siciliotas dispomos de historiadores como Heródoto e Tucídides que escreveram cerca de três séculos depois dos acontecimentos relatados e descreveram aspectos das fundações e mesmo da história política das pólis ocidentais a partir de um olhar crítico ateniense. Os filósofos Platão e Aristóteles também elaboraram interpretações dos governos tirânicos ocidentais que representam expressões do pensamento político que emerge na Atenas dos séculos V e IV, como veremos adiante (Bignotto, 1988).

Para Vernant (1986, p.68),

“no imaginário grego a figura do tirano, tal como ela se desenha nos séculos V e IV, esposa os traços do herói legendário; eleito e maldito. Rejeitando todas as regras

que fundam, aos olhos dos gregos, a vida em comum,o tirano se põe fora do jogo social. Ele é exterior ao conjunto de relações que une, segundo regras precisas, o cidadão ao cidadão, o homem à mulher,o pai ao filho.Ele se distancia, para o melhor e o pior, de todos os canais através dos quais os indivíduos entram em comunicação uns com os outros e constituem uma comunidade civilizada”

De início, pretendemos refletir sobre a questão da natureza das fontes escritas na construção da narrativa sobre os eventos decorrentes da expansão dos gregos balcânicos pelo Mediterrâneo no período arcaico. Carol Dougherty, no livro *The poetics of colonization: From city to text in archaic Greece* (1993), introduz uma perspectiva interpretativa das chamadas “narrativas coloniais”, que se assenta no pressuposto de que elas são uma força atuante nas negociações culturais sempre em curso em uma sociedade, e assim deixam de ser vistas como meros produtos de manipulações sociais, políticas, religiosas e literárias (DOUGHERTY 1993 apud HIRATA, 2010, passim)

O livro de Dougherty é o primeiro estudo sistemático das fontes escritas sobre a expansão grega de época arcaica reunindo textos poéticos, anedotas, narrativas históricas, tratados religiosos, pronunciamentos oraculares. A autora tem por objetivo definir uma tipologia da narrativa colonial que permita entender como os gregos criaram e enraizaram a sua memória da *colonização* arcaica. (Dougherty 1993, p.8). Ampliando ao limite o universo das fontes escritas, a autora dispensa assertivas habituais que indicam o texto como primeiro primordial; debate os pressupostos de história como verdade e mito como ficção; discute a pertinência de se considerar as fontes mais antigas como mais valiosas do que as mais tardias (Dougherty 1993, p.8). Em sua perspectiva analítica as *narrativas coloniais* se constituem em uma força atuante nas negociações, sempre em andamento, presentes em uma sociedade. Em síntese, para Dougherty é fundamental atentar para o papel ativo que os textos desempenham, criando a realidade.

Para a autora, a memória das fundações, forjada pelas várias modalidades de relato vai se constituindo em um discurso coerente, um construto cultural socialmente instituído, cuja análise é importante para o conhecimento do que esse processo significou para as sociedades helênicas arcaicas. O enfrentamento de uma nova situação, envolvendo desde um novo ambiente a explorar, passando pelo estranhamento cultural diante de costumes de populações diferentes, representou, para os gregos, a urgência de criar instrumentos de conhecimento que lhes permitissem lidar com o desconhecido, com o não familiar. O uso das narrativas como documentação da memória destas fundações é, para Carol Dougherty, uma representação do contexto histórico da época. O objetivo da autora é lidar com as metáforas inseridas neste discurso, visualizá-las da perspectiva histórica e analisar as narrativas coloniais como produto helênico, um *topos* que se estende desde os poemas homéricos até a *Moralia* de Plutarco (DOUGHERTY, 1993, p. 5).

Assim, o discurso colonial e a descrição de um novo mundo foram elaborados com o recurso recorrente de metáforas¹⁵: “eles usam uma imagem, instituição ou conceito familiar para se aproximar e apropriar do que é novo e indescritível” (DOUGHERTY, 1993, p.157). As narrativas coloniais envolvem, na grande maioria dos casos, uma sequencia de eventos: crise na área de origem→consulta ao Oráculo de Delfos→resolução do problema: uma nova fundação.

Trataremos rapidamente de uma metáfora muito recorrente em inúmeros relatos coloniais, analisada por Dougherty como o meio de justificar o ato de separação de uma parte de seus pares, promovido pela comunidade, ao enviá-los para «longe de casa».

Trata-se da metáfora do fundador como um assassino que deve se afastar da comunidade e realizar, no exílio, ações benéficas que o purifiquem. Para a autora, as similaridades entre a situação de um assassino e um fundador começam com a obrigatoriedade de ambos pautarem sua trajetória futura, um após o assassinato perpetrado e o outro diante da missão de fundar uma cidade, pelo que lhes reservará a consulta ao Oráculo de Delfos. Afirma

¹⁵.As metáforas recorrentes nos *relatos de fundação* são a purificação por assassinato,a resolução de um enigma,o casamento e as vitórias atléticas,que teriam auxiliado os gregos a representar a partida de casa e o estabelecimento na nova terra (Dougherty :1993,**passim**).

Dougherty que o assassino, para ser purificado, deve abandonar sua comunidade, ir para o exílio, sob a supervisão de Apolo Delfico. O fundador, o oikista, – muitas vezes motivado por um cataclisma natural ou desastre político – deve consultar o mesmo Apolo Delfico para que possa ser bem sucedido em sua missão. No entanto as duas situações podem sobrepor-se quando a própria história da fundação de uma cidade refere-se ao seu fundador como um assassino, obrigado ao exílio e que paralelamente atua como o seu oikista.

“O Apolo que purifica torna-se o Apolo que coloniza; o assassino assume o papel de fundador. Platão esclarece esta conexão entre *colonização* e purificação de um assassino via exílio caracterizando o ímpeto para ambos nos mesmos termos – como um processo de divisão. *Colonização*, então, opera como um eufemismo para a purgação, efetivada pela cidade, de seus elementos indesejáveis ” (Dougherty 1993, p.157).

O modelo “assassinato-poluição-purificação” é, no fundo, um processo de negociação de representações no âmbito de uma comunidade que decidiu expulsar parte de seus membros para que os que ficam tenham uma situação melhor. A resolução deste paradoxo é inserida no sistema religioso que, ao identificar um indivíduo ou um grupo como portadores de poluição, promove o seu afastamento do grupo – o exílio – e após o período de separação, que implica paralelamente a purificação, os transforma em fonte positiva de poder. (Dougherty 1993, p.157-163)

Vejamos, como exemplo do uso desta metáfora, a forma como Plutarco descreve a fundação de Siracusa:

Melissus tinha um filho chamado Acteon, o mais belo e modesto jovem de sua idade; ele tinha muitos apaixonados, especialmente Archias, um descendente dos Heracleidas e o mais proeminente homem em Corinto, tanto em riqueza quanto em poder. Quando Archias não conseguiu persuadir o menino a ser seu amante

decidiu tomá-lo pela força. Ele levou junto uma multidão de amigos e servos e foram para a casa de Melissus em uma bebedeira festiva para tentar tomar o menino. O pai de Acteon e seus amigos resistiram; os vizinhos correram para ajudar a empurrar com violência os assaltantes e no final Acteon estava em pedaços e morto. Os meninos então fugiram e Melissus carregou o cadáver de seu filho para a agora dos coríntios e o expôs, pedindo reparação daqueles que haviam cometido estes crimes. Mas os coríntios nada fizeram além de ter pena do homem. Sem sucesso Melissus foi embora e esperou o festival Istímico onde foi para o templo de Posidon e criticou os Baquíadas e lembrou ao deus os grandes feitos de seu pai Habron. Invocando os deuses ele se atira das pedras. Não muito tempo depois, seca e praga assolam a cidade. Quando os coríntios consultaram o deus sobre alívio ele lhes diz que a raiva de Posídon não se amainaria até que eles buscassem punição para a morte de Acteon. Archias aprendeu estas coisas pois ele era um dos que consultaram o oráculo e ele decidiu de livre vontade não retornar a Corinto. Em vez disso navegou à Sicília e fundou a colônia de Siracusa. Lá ele tornou-se pai de duas filhas, Ortígia e Siracusa, e foi traiçoeiramente morto por Tephus, seu amante que tinha navegado com ele para a Sicília, encarregado de um navio. (Mor. 772e-773b)

As narrativas apontadas pela autora não são vistas como simples literatura, mas como um produto cultural bastante ativo neste contexto que se delineou no período de formação das pólis. Dentro desta perspectiva, a narrativa forjada pelos gregos das épocas que se seguiram ao movimento expansionista seria um conjunto ordenado e seletivo de eventos representativos que sustentaram as empreitadas.

Dougherty encontra paralelos ao caso grego comparando os textos antigos com os da época da *colonização* da América do Norte, de 1621. Cita uma carta de Robert Cushman, um dos líderes da empreitada colonial inglesa,

onde a justificativa para a ocupação do espaço coloca-se como um imperativo moral de Deus, e que, portanto, os devotos europeus devem levar o Cristianismo aos pagãos. A América é vista como o “quintal” da Europa e precisa ser colonizada, pois é “*um vasto e vazio caos*”. Para Cushman, antes da chegada dos europeus a terra era improdutiva, inóspita e sem religião já que o Deus cristão é a base da “verdadeira religião”. Este discurso foi usado como uma justificativa para a *colonização* europeia na América e mais tarde para o neocolonialismo na África e na Ásia.

A imagem da terra vazia, plena de oportunidades para aqueles que a saibam, tenham competência para fazê-la prosperar aparece já em Homero, ao tratar da terra não civilizada dos Ciclopes:

Ora, ergue-se, diante do porto, uma ilha coberta de mato,...,coberta de bosques,onde pastam inúmeras cabras selvagens;... Não se enxergam ali pastagens,nem campos de cultivo;não é habitada por homens e nela só pastam balantes cabras.Por que os Ciclopes não possuem navios de bochechas pintadas de vermelhão,nem carpinteiros capazes de fabricar navios munidos de belas pontes,aptos para todas as viagens marítimas,de cidade em cidade,como essas outras naus que transportam por mar os homens que entre si traficam. Como aquelas gentes podiam ter valorizado uma ilha tão bem situada! Pois,não sendo estéril,seria capaz de produzir frutos em todas as estações do ano.Há ali,ao longo das praias do alvacento mar,úmidos prados de terra macia,onde os vinhedos seriam de fecundidade inesgotável;um solo plano que se presta a ser lavrado,no qual seria fácil ceifar,na estação própria,abundantes messes;pois o elemento fértil penetra profundamente este solo.Possui também a ilha um porto seguro ,excelente ancoradouro,onde as naus não precisam ser amarradas a terra,nem de lançar ao mar âncoras ou cabos...’ (Odisseia.9.125-36)

O discurso é claro - levar a vida civilizada a uma terra desocupada, desperdiçada por criaturas que são o “outro absoluto”, justificativa para a ação.

Hayden White (1973;1978), ao propor uma metodologia para discutir as narrativas históricas, é visto por Dougherty como um autor inspirador para análises dos relatos gregos sobre a *colonização* e a leva a afirmar que os gregos representam a *colonização* como uma história familiar, como se culturalmente, a narrativa fosse autorizada. A autodeterminação das fontes é algo importante a se destacar, e a autora, ao abordar os elementos literários como força ativa, marca uma posição significativa nesta interpretação. Os modelos narrativos ou enredos que tratam da *colonização* grega arcaica são padrão, pois trazem em seus repertórios, como vimos, uma ênfase na crise cívica e a consulta ao oráculo de Apolo em Delfos, destacando também o importantíssimo papel do fundador, do oikista. Apolo autoriza a fundação de uma nova cidade e sendo esta empreitada bem sucedida, o oikista responsável deve ser imortalizado com um culto heróico dedicado ao fundador.

Dougherty, então, formula duas questões básicas: como circulavam essas tradições coloniais? Quais eram as poéticas e contextos culturais adequados para contar a história das origens de uma cidade? E a autora constata que a poesia coral, devido em grande parte à sua natureza cívica e contexto de performance, cria um espaço particularmente adequado para situar a história das origens de uma cidade; estabelece então, como um estudo de caso, as tradições textuais e imagéticas relativas a Hiéron de Siracusa e sua fundação de Aetna e explora a poesia epinícia e a tragédia como dois gêneros da poesia coral que “acomodam o discurso colonial dentro de suas próprias arenas poéticas (Dougherty,1993, p.83)

A narrativa colonial descreve, muitas vezes, os oikistas como exilados relutantes em busca de um novo local para viver. No discurso há pois, indícios de uma resistência ao abandono do lar em direção do desconhecido, ao novo espaço. Muitas vezes a consulta ao oráculo leva-os à conquista de terras, como é o caso de Miscellus de Rhype, que foi consultar-se sobre ter filhos e é instruído a colonizar uma cidade na Sicília, Crotona (Diodoro Sículo.8.17.1). A consulta ao oráculo é a porta de entrada para as novas fundações ao longo do Mediterrâneo, e os discursos são direcionados nas narrativas, de modo a expor

o pensamento vigente e a sustentar o pensamento da época. A consulta a Apolo tornou-se um ponto-chave da narrativa: o oikista recebe da divindade um poder absoluto, ao mesmo tempo secular e sagrado, a ele cabe distribuir as terras e definir o espaço a ser destinado às divindades, estabelecer os contatos com as populações nativas, resolver, enfim, todos os problemas que ameaçassem a nova fundação. Ele era o chefe político, religioso e militar (MALKIN, 1987). O oikista é investido deste poder por Apolo, tornando-se o representante da vontade do deus na Terra. Ao oikista caberá a incumbência do transporte do fogo sagrado, desde a cidade-mãe até a *colônia* estabelecendo laços culturais que dificilmente serão rompidos. Este é um símbolo importante da identidade política de uma cidade grega, pois é levada ao pritaneu, na ágora¹⁶, onde se localizará o túmulo do oikista. O simbolismo da transferência do fogo sagrado à terra recém povoada marca a viagem, traz bons augúrios. Segundo Graham (1964, p.25) a intenção deste ato ritual era o de fazer com que a nova comunidade que está surgindo se sentisse como o prolongamento da que lhe deu origem. O oikista, pois, tem um papel central, crucial nas narrações das fundações pois dele depende o sucesso da nova pólis; suas ações o tornam um ser excepcional, um herói, aquele cujo culto perpetuará a memória da cidade-mãe na *colônia*. A conservação da memória da fundação era um dos aspectos mais importantes na história da nova cidade e se mantinha na forma do culto de cunho heroico, celebrado após a morte do oikista, em torno da tumba que, a ele era erigida, na ágora. Há menções a este culto em vários autores antigos mas os vestígios arqueológicos da tumba na ágora são mais raros, tendo sido encontrados possivelmente em Mégara Hibléia, Selinonte (Sicília), Poseidônia (Magna Grécia) e Cirene (norte da África).

Assim como o fundador está enterrado no meio da ágora, a narrativa colonial ocupa uma posição central no desenvolvimento e produção da auto-identidade da cidade emergente. (DOUGHERTY, 1993, p. 83). Veremos como na história posterior das fundações e, especialmente em Siracusa, os

¹⁶ Assim, a nova cidade concebe mais uma função para a ágora, a de abrigar o túmulo do oikista, o que não ocorria na área balcânica (MALKIN, 2002, p. 203) O espaço do herói na ágora foi uma atribuição espacial que diferenciou funções espaciais na pólis colonial e por consequência, os discursos proferidos tanto nas fontes escritas como nas fontes materiais.

governantes procuraram se aproximar da figura do oikista emulando a sua criação suprema: a fundação de uma cidade.

Diodoro Siculo (11.49) explica como o tirano siracusano Hiéron recebeu, após a sua morte, honras heróicas por ter sido o fundador da cidade de Etna. Em vida Hiéron foi aclamado como oikista, mas Diodoro o retrata como um tirano cruel e arrogante, antítese de seu irmão Gélon, que o precedeu. Embora a fundação tenha ocorrido no sec. V, Hiéron adota fielmente o modelo e funções de um fundador arcaico, um oikista: escolhe o sitio, concede lotes de terra aos seus seguidores e dá um nome à cidade.

Hiéron convidou os poetas líricos mais famosos de sua época, dentre eles Píndaro, Baquilides, Simônides, para que cantassem suas vitórias em guerras, seu poder e especialmente seu ato como oikista: a fundação de Etna. Ésquilo escreveu uma peça, *Aetnaeae*, da qual restaram apenas quatro linhas para celebrar a fundação. Segundo Eliano (Ael. VH: Aelian, Varia História, 4,15), além das poesias encomendadas havia uma moeda cunhada em sua homenagem.

Assim, a memória das fundações, para Dougherty, é forjada pelas várias modalidades do relato, que vai se constituindo em um discurso colonial, construído social e culturalmente (HIRATA 1993, p.60).

O posicionamento de Dougherty frente aos observadores do passado, vivendo no presente, ou seja, nós, pesquisadores, é que somos também colonizadores do passado. (DOUGHERTY 1993, p.162). Observa-se que a autora traz uma discussão importante e nova para o contexto das fontes escritas, já que trabalha com o texto agente, o texto que faz parte das ações de uma época. Esta visão pós-moderna do documento é uma forma de interpretação, nos tira dos limites da literatura e do fato histórico como estanque, agora passa a ter vida, passa a de fato a incluir o pesquisador na interpretação, incutindo função ativa naquilo que é dito, nos discursos incutidos em uma época, sob a ótica de um presente, em que o observador também é ativo. Com isso, a autonomia da fonte é reforçada neste capítulo e em toda a dissertação, já que faremos um comparativo com fontes materiais. Cada fonte tem suas peculiaridades e discursos imbuídos, complementando-se. Para o enriquecimento do trabalho com os dados arqueológicos, o objetivo deste

capítulo e das fontes escritas que o cercam está na leitura autônoma¹⁷ de cada documento, com a finalidade de nos proporcionar o enriquecimento dos dados materiais, também envolvidos por um discurso, podendo vir a ser corroborados ou não.

A escolha da metodologia deveu-se à materialidade descrita nas fontes escritas, analisando-as de um ponto de vista crítico e interpretando-as como um documento agente no discurso, muitas vezes associada ao discurso material contido no registro, levando em consideração o contexto da pólis, sua época arcaica, seu espaço, sua memória.

As fontes materiais podem ser trabalhadas em conjunto com as fontes escritas, considerando-se a natureza discursiva de ambos os documentos. Ian Hodder (1994, *passim*) salienta e reforça que a cultura material é um texto também, podendo existir uma multiplicidade de leituras do passado.

Artefatos e textos podem ser percebidos tanto como iguais como diferentes. Sob uma perspectiva textual, os artefatos podem ser vistos como textos e as semelhanças têm sido salientadas nos últimos anos (ANDRÉN, 1998).

Partimos do pressuposto de que a arqueologia trabalha no presente e por meio de interpretações do contexto antigo constrói visões contemporâneas, baseadas na documentação, seja ela material ou textual. Por outro lado, a autonomia de cada categoria de fonte é essencial para o trabalho do arqueólogo clássico, pois é através da especificidade dos dados advindos de textos e escavações que o conhecimento é construído.¹⁸

2.2 Siracusa e a Sicília: Fontes Escritas

Principais autores antigos: colonização e tirania

Pretendemos, a partir dos trechos selecionados das principais fontes escritas sobre Siracusa, trabalhar os excertos em conjunto com a

¹⁷ Segundo Ian Hodder em *Interpretación en arqueología*. Crítica. Barcelona. 1994:169 a documentação material ou cultura material pode ser lida como um texto, pois pode existir uma multiplicidade de leituras no passado. Desse modo, reforça a natureza discursiva de ambos os documentos.

¹⁸ Autores como Charles W. Hedrick, Jr. em *Ancient History. Monuments and Documents*. Blackwell, 2006, p.147 reforçam que o arqueólogo privilegia o valor cultural do objeto material, enquanto o historiador da arte é que valoriza cultura material e texto.

documentação material. A relação entre a tirania e a expansão urbanística de Siracusa no século VI e V é nosso foco. Os dados arqueológicos trouxeram-nos informações sobre a construção e expansão da cidade de Siracusa e as fontes escritas, com seu discurso próprio trouxe-nos uma visão da dinâmica da cidade, revivida através dos fragmentos de textos.

O discurso impresso na monumentalidade criada pelos tiranos nos guiará por diversas questões como a política tirânica, o significado desta forma de governo, a sociedade da época e sua conexão com a cidade-mãe. A materialidade nos deixa lacunas que podem ser complementadas pela documentação escrita. Diodoro Sículo, principal fonte da época será o guia primordial, e nos deteremos neste autor para nos aprofundarmos melhor nos comentários críticos; para tanto realizaremos um cotejo minucioso de alguns trechos da obra, explorando melhor a tradução de termos diretamente da língua grega. Desse modo, o objetivo é o de nos aproximarmos de suas metáforas, de seu discurso e de sua construção linguística.

Outros autores como Heródoto, Tucídides e os geógrafos e viajantes Estrabão, Políbio, Cícero e o poeta Píndaro também serão importantes, mas terão menos ênfase, e seus trechos serão inseridos ao longo da dissertação. Tais autores, além de nos fornecerem informações acerca do contexto histórico abordado, fornecem informações pertinentes sobre assentamentos, fundações, *colonização*, monumentalidade, tirania e deslocamentos populacionais na Sicília.

Heródoto teria nascido em 484 em Halicarnasso, capital da Cária. De possível família abastada tinha largos recursos à disposição, tendo viajado pelo Egito, Líbia, Fenícia, Babilônia e provavelmente Pérsia. Nas viagens recolhia materiais para a sua grande obra *História*, o relato clássico da guerra entre Gregos e Persas. Esta obra é uma espécie de obra universal, orientada para o conflito entre Gregos e o povo persa. No livro VII – Polímnia ele tratará de um episódio importante na Sicília, a embaixada enviada pelos gregos ao tirano Gélon. Portanto, é uma obra que nos trará elementos importantes para este trabalho, seguido de um outro grande historiador Tucídides.

Tucídides nasceu provavelmente entre 460 e 455, no distrito (*demos*) de Halimunte, em Atenas. Tucídides inovou o método histórico influenciado pelo racionalismo de Anaxágoras e pelo espírito crítico e iconoclasta dos sofistas.

Ao longo da obra observa-se sua objetividade e cuidado ao aferir a realidade. A sua obra *História da Guerra do Peloponeso*, compõe-se de 5 partes. A intenção do historiador era relatar detalhadamente, com fins didáticos, um manual de estratégia e política. Como a guerra envolveu praticamente todo o mundo helênico e outras regiões mais remotas com as quais a Hélade mantinha relações, inclusive a região do sul da Itália e Sicília entre os anos 431-404, o historiador nos trará referências importantes sobre a política e sociedade no auge da emergência tirânica.

Estrabão (63? .-24? d.C.), geógrafo e historiador grego. Afirmou haver viajado da Armênia à Sardenha e do mar Negro à Etiópia. Somente se conservam alguns fragmentos de seu trabalho histórico. Sua Geografia é uma descrição detalhada do mundo tal como se conheceu na Antigüidade. O texto de Estrabão relata também a prosperidade de algumas colônias, que atingiram um nível muito elevado. Síbaris e Siracusa são descritas como cidades de grande riqueza. Sua obra *Geografia*, é composta de 17 livros e em 15 deles há descrições de locais visitados, abordando transformações no território ao longo do tempo.

Píndaro¹⁹, cuja fama foi grande ainda em vida, tendo sido citado por Platão e Heródoto como *clássico*, desenvolveu numerosos poemas, incluindo todas as formas de lirismo coral, que compreende hinos, peãs, ditirambos, trenos, elogios, prosódias, hiporquemas, partenéias, epinícios, agrupados pelos alexandrinos em dezessete livros, de acordo com cada categoria. (HIRATA, 2010, p.201).As odes triunfais ou epinícios, comemorativas de vitórias nos jogos pan-helênicos – Olímpicos, Istmicos, Píticos e Nemeus – costumavam ser encomendadas pelos vencedores, sendo que as mais famosas foram dedicadas a Hiéron de Siracusa e Téron de Agrigento. Assim, o elogio dos tiranos sempre busca, no resgate de um antepassado ilustre – mítico ou histórico – formas de legitimação do poder agora exercido.

Políbio nasceu em Megalópolis, Arcádia, por volta de 200 . Logo se envolveu em atividades políticas, esteve no Egito em 180 como representante da Liga Aquéia e se tornou o comandante de sua cavalaria. Com a derrota da Liga, retornou à Grécia para organizar a nova província da Macedônia,

¹⁹ Todos os trechos comentados de Píndaro foram retirados de (HIRATA, 2010).

conquistada em guerras. Voltou a Roma, mas continuou viajando. Esteve aparentemente em Sardes, em Alexandria e em Numância, na Península Ibérica, quando a cidade foi conquistada por Cipião Emiliano (133). Voltou à Grécia após a morte do amigo em 129 e morreu por volta de 118 , em consequência de uma queda de cavalo. Políbio escreveu um panegírico dedicado a Filopemen, falecido em 182 , um texto sobre táticas militares, uma história da tomada de Numância e um tratado sobre as regiões equatoriais, mas foram perdidos. Sua mais importante obra «Histórias», de 40 volumes, cobria o período de 264 a 146 . Políbio considerava a história uma verdadeira ciência, que exigia verdade, um exame metódico e crítico das informações disponíveis e, ainda, o exame dos locais em que os eventos ocorreram (Políbio.12-28). Ele foi, aparentemente, o primeiro historiador a atribuir importância à geografia.

Marco Túlio Cícero nasceu em 106 , em Arpino, a 100 quilômetros a sul de Roma. Apresentou aos romanos as escolas de filosofia grega e criou um vocabulário filosófico em latim. Alcançou a carreira administrativa e foi nomeado questor da Sicília. Na Itália, seu nome tornou-se conhecido e venerado, mas quando ele, insurgindo-se contra os desmandos de Verres, pretor na Sicília na época, produziu discursos sob o nome de *Verrinas*, começou a não ser benquisto na Itália. Escreveu muito sobre Siracusa, seus monumentos. Seus escritos são de suma importância para este trabalho, pois Cícero traz aspectos da monumentalidade e detalhes da malha urbana, que foram legados dos tiranos de época arcaica. Diodoro Sículo, por sua vez, será uma fonte chave para o trabalho com a Sicília, por ter descrito muitas passagens sobre Siracusa na época tirânica. Em sua obra intitulada *Biblioteca da História Universal* de quarenta volumes, uma compilação de materiais de seus antecessores, é uma base de apoio importante por conter passagens sobre as fundações e detalhes da política tirânica.

Diodoro mesmo disse que sua cidade de nascimento era Agira na Sicília, uma das mais antigas cidades do interior. Tinha um grande apreço pelo Império Romano e sua grandiosidade. Muitas de suas narrações esbarram com acontecimentos vividos por grandes figuras como Júlio Cesar e Augusto. Na Sicília, e mais especificamente em Siracusa, os tiranos são descritos de forma muito favorável por Diodoro. Ao tratar das conquistas de Gélon e Hiéron e suas

empreitadas em colônias vizinhas, não há referências negativas nas descrições por ele feitas, ao referir-se aos tiranos, não há hostilidade, ao contrário, as referências denotam muita admiração em alguns excertos. Alguns eventos como a transposição compulsória de populações na Sicília promovida pelos tiranos é narrada por Diodoro de maneira minuciosa e atenta.

Para compreender qual seria o sentido de tais narrações bastante particulares da história das colonizações foi necessário recorrer à filosofia corrente na época. Junto com a dominação romana a ideia dos Estóicos de um cosmopolitismo era o caminho seguido na ocasião. O Estoicismo no império romano tinha um estatuto institucional com temas predominantemente éticos e moralizantes, diferentemente do que ocorria na Grécia, seu berço. No período de Augusto a Nero o Estoicismo esteve inserido em um contexto positivo. Augusto sustentava dois filósofos estóicos, Atenodoro de Tarso e Áriode Dídimo.

Alguns estóicos dessa época disseminavam em seus trabalhos ou tratados a doutrina que predominaria tanto entre poetas quanto entre historiadores, influenciando-os. Algumas ideias importantes do estoicismo serão pertinentes para a compreensão da forma discursiva que Diodoro se apropria em suas Histórias. Sêneca difunde em “As questões naturais” uma forma de linguagem “natural”, ou seja não sendo simplesmente um conjunto de símbolos convencionais. Cícero propõe a ideia de apropriação adequada dos papéis sociais. Como são *tratados* propõem uma doutrina, que influenciou a literatura vigente. A ideia de perfeição do sábio e a tolice e irracionalidade de todos os demais, traz a ideia de admiração pelos grandes feitos, pela tirania, pelo poder, pois o tirano é um sábio, assim como Julio César e Augusto. Uma ideia bastante forte no estoicismo seria o “destino” como força arbitrária e condutora.

Diodoro propõe uma história geral ou eventos gerais. A ideia de que o mundo mediterrâneo trazia coisas interessantes com a finalidade de beneficiar a todos com comum valor era corrente. Diodoro enfatiza os fenômenos particulares e fatos da história de seu interesse. No prefácio do primeiro livro a doutrina estóica fica clara, a ideia de *utilitas* da história, ou seja a ideia de enfatizar e nunca entreter. A menção a fatos marcados da história está baseada na filosofia estóica, a narração exaustiva se dá pela ideia da utilidade.

A obra de Diodoro divide-se em *Livros*:

Livro I – descrição do período mítico;

Livro II – história da Assíria, descrição da Índia, Arábia e as ilhas do oceano;

Livro III – Etiópia, África, os habitantes de Atlântida e a origem dos primeiros deuses;

Livro IV – principal deus grego, os Argonautas, Teseu e os Sete de Tebas;

Livro V – as ilhas e pessoas do Ocidente grego, Rodas e Creta;

Livro VI – X – fragmentos da guerra de Tróia;

Livro XI – XXV – a história de 480 a 301 .

O confronto²⁰ entre material escrito e arqueológico é primordial neste trabalho, já que pretendemos fazer uma análise cronológica das mudanças urbanísticas desde o início da *colonização* em Ortigia até a emergência e ações dos tiranos no século V.

A relação entre as fontes material e escrita é de suma importância para a completude da pesquisa em si. Segundo I. Morris (200, p.6-7) o uso da documentação escrita para a interpretação arqueológica traz a precisão no trabalho com a arqueologia. Porém, é importante ressaltar as especificidades de cada categoria documental. Desse modo artefatos e textos se complementam à medida que textos e artefatos possuem semelhanças em seu contexto de produção e uma relação intrínseca, como expressão de uma sociedade (ANDREN, 1998, p.148-149).

Tirania em época arcaica: etimologia da palavra

“A tirania, assim como a democracia, é uma invenção grega” (Bignotto,1988, p.13). Ao longo da história política do Ocidente este termo

²⁰ Segundo o dicionário HOUAISS (2010) a palavra confrontar significa 1- estar em frente de 2 – pôr ou ficar frente a frente (com). Desse modo, utilizamos também em nossa metodologia a palavra embate, que no mesmo dicionário tem o significado de choque ou encontro vigoroso. O embate de fontes com o qual deparamos neste trabalho tem o objetivo de colocar frente a frente documentos díspares, com finalidades iguais. O encontro vigoroso dá-se no momento em que as informações se cruzam, no momento em que podemos compará-las, relacioná-las dentro da limitação de cada uma delas. Mesmo que não haja confronto, a ausência e as lacunas também se complementam. Os discursos são diferentes, mas não significa falta de informação, é igualmente importante no registro arqueológico a ausência de confronto com o documento escrito. Utilizaremos também “abordagem relacional”, já que presenciamos ao mesmo tempo o confronto, o embate e a relação. Portanto, para esta abordagem, não são termos que se contrapõem.

ganhou um amplo campo de significações. A complexidade do termo nos leva a uma pesquisa etimológica desta palavra.

O termo “*tyrannos*”²¹ foi empregado pela primeira vez na literatura de Arquíloco, quando referiu-se ao usurpador do trono Lídio, afirmando: “Não tenho ciúme do trabalho dos deuses e não desejo uma grande tirania”²². Mas há controvérsias, já que não se sabe se a palavra utilizada pelo autor significa usurpador.

Mas é no século VI que a palavra é largamente utilizada, pois Sólon a profere de forma clara e direta em seus discursos. A palavra começa a ser amplamente utilizada por autores políticos na Grécia, porém com significados díspares. Nas tragédias gregas os autores usam a palavra “*tyrannos*” no lugar de basileu sem denotar negatividade ao sentido.

Na idade arcaica, o significado negativo de tirania ainda não havia sido atribuído, mas, segundo Maria Grazia Fileni há controvérsias, e para isso nos traz à discussão dois fragmentos de Alceu e de Teógnides (Alc.70,6-9) (Alc. 1179-1182) (Teóg.129,21-24). Segundo a autora, a dinâmica da noção de tirania causa ambivalência semântica, pois o termo transita ora na oligarquia, ora na democracia. Não é a questão do significado negativo que envolve o termo tirano: a ideia antitirânica se concretiza ao nível poético, com a adoção da imagem do tirano devorador da cidade e da população (FILENI,1983, p.29-35).

Alceu coloca-se no âmbito da família aristocrática da cidade de Mitilene, nos séculos VII-VI, em um contexto de disputa de poder. No fragmento 129 V²³ Alceu refere-se a Pittaco, tirano de Mitilene, o odiado filho de Irra, sucessor de Myrsillus, chamado de “o devorador de cidades”. No contexto da disputa de poder em Mitilene, Pittaco participou de guerras civis e liderou a conspiração que derrubaria do poder Melancro, em meados do século VII. Myrsillus sobe ao poder e permanece até o século V, quando Pittaco assume a liderança em Mitilene, permanecendo por dez anos. Ele é denominado por Alceu, em dois poemas como um animal selvagem, devorador de cidades, não como um tirano. De acordo com Alceu (fr.70 V) apud Fileni (1983) a vítima do chamado

²¹Segundo A. Andrews a palavra *tyrannos* aparece pela primeira vez em um fragmento de Arquíloco, tendo significado de *basileus*. (1956:21).

²² ARQUÍLOCO (frag25) apud CORREA, P. C, 1998.

²³ Trecho citado pela autora FILENI (1983, P.30)

“tirano-besta” seria a *pólis*. A metáfora do “animal devorador” é utilizada por Alceu para designar esta forma de governo. A demofagia pode ter diversos significados, comenta Fileni (1983), pois irá depender da tradição épica que atribui significado a uma palavra, em determinado contexto, em determinada época.²⁴

Estes dados são importantes, pois revelam a possibilidade de atribuição de valor negativo aos tiranos já na idade arcaica. A ideia do tirano *devorador de cidades* pode ter influenciado o pensamento grego de época arcaica, porém há particularidades e contextos que devem ser analisados, por isso a cautela com os dados escritos. A obra do professor da UFMG, Newton Bignotto, intitulada *O tirano e a cidade* apresenta uma importante interpretação da trajetória do termo associando-o à invenção da política pelos helenos. Afirma o autor:

“(...) assim como o processo de consolidação da imagem que os atenienses tinham da democracia foi lento e complexo, também no caso do tirano podemos esperar um longo período de maturação, que acompanha de perto a aventura do gênio grego na criação de instituições, de sua representação e da teoria que as explicava.”
(Bignotto, 1988, p.15).

Com as transformações do pensamento político na Grécia clássica e especialmente em ambiente ateniense, o tirano passa a ser visto como uma ameaça, como bem é colocado na *República* de Platão.

A origem das formas tirânicas de governo na área balcânica e no Ocidente grego é, ainda hoje, um tema muito debatido. Tirania seria um “termo-guarda-chuva” aplicável a um conjunto muito variável de governos. Para Andrews (1957, p.8 apud Bignotto 1989, p.18) “o tirano marca uma viragem no desenvolvimento político da Grécia, o momento no qual a velha ordem já tinha desmoronado e uma nova ordem ainda não tinha se estabelecido”. É possível

²⁴ Maria Grazia Fileni (1983) em seu artigo, irá tratar da tirania por meio de poetas arcaicos. O seu ponto de vista é baseado estritamente no texto. É importante para este trabalho trazer análises referentes a textos único-exclusivamente, pois é um ponto de vista a discutir. A ambiguidade dos termos utilizados por poetas e suas tradições épicas problematizam o termo “tyrannos”, bastante diverso e complexo de se interpretar somente pelos textos.

observar, já em Tucídides, o estabelecimento de uma relação entre as modificações econômicas por que passa a Grécia no início do período arcaico e o surgimento de novas formas de governo: a tirania e a democracia. Assim, o historiador afirma:

A Grécia tinha se tornado mais poderosa, as riquezas sendo maiores do que antes, foi então, com o aumento dos recursos, que as tiranias se estabeleceram na maior parte das vezes, quando só havia realezas hereditárias, gozando de um número determinado de privilégios. (Tucídides, 1.13).

Baseados nesta assertiva autores como Andrews e Mossé vinculam progressos técnicos realizados entre os séculos IX e VII, crescimento da produção e das trocas, novos contatos culturais a mudanças políticas na Grécia. No caso de Corinto, por exemplo, por volta do século VII houve um grande crescimento no comércio, estendendo-se para muito além da Grécia. Isso, de alguma forma desestruturou as velhas bases sociais calcadas na posse de terras. Esse processo foi talvez um dos muitos fatores que favoreceram o surgimento da tirania como nova forma de governo. Ante esta nova conjuntura, teria havido a necessidade de uma liderança que promovesse a unidade?

Por outro lado, com o processo de estruturação das pólis aparecem os exércitos hoplitas, há uma modificação dos armamentos utilizados em combates e isto fez com que a velha aristocracia guerreira perdesse espaço no domínio da força bélica. Esse processo favoreceu a consolidação de lideranças oriundas dos demos, indivíduos que declararam vingança à aristocracia vigente, transformando-se assim, muitos destes, em tiranos. Essa conexão que Mossé faz entre os exércitos hoplitas e a tirania baseia-se em um estudo da tirania de Fídon em Argos, quando esta cidade consegue obter supremacia militar e derrota espartana. A vitória é atribuída à adoção do novo tipo de combatente, o que permitiu a Fídon dirigir a cidade como um tirano e não mais como um rei (basileus), mesmo chegando ao poder pelas vias legais e hereditárias (Andrewes, 1956). A tirania, segundo Andrewes, era o que se

poderia chamar hoje de ditadura, o governo de alguém que obteve poder em sua cidade desafiando as leis em vigor. O tirano era um hábil líder, mais efetivamente um governante que normalmente surgia de uma crise.

Na *Ilíada* de Homero, personagens que representam basileu como é o caso de Agamêmnon exerceram o poder de forma absoluta, porém havia a presença de um conselho que ligava a autoridade aos súditos, o que não ocorria na tirania. Devido a uma série de modificações ocorridas no mundo grego a partir do século VII a aristocracia ocupou parcelas mais significativas de poder. Famílias importantes, como os Eupátridas em Atenas e os Baquíadas em Corinto ocuparam o lugar dos reis. Os *aristoi* se viam no direito de governar, por pertencerem a um ramo familiar que ligaria a história dos antepassados aos deuses. Com a crise agrária e a ascensão da aristocracia, a população conseqüentemente tornou-se miserável. Esta situação fez com que a dinâmica social se modificasse, já que as transformações eram latentes, como o surgimento da pólis, a expansão dos territórios, descoberta de novas terras, enfim toda uma nova configuração que culminou em novas formas de poder, características e particulares de cada região.

No caso das apoikias siciliotas, a tirania era vista como endêmica na região (Woodhead, 1962). A instabilidade política resultante das constantes guerras entre as próprias apoikias, delas com as populações locais e com os cartagineses seria o motor para a tomada do poder por parte de chefes militares com o apoio da população da pólis ou de facções aristocráticas. É neste contexto de *stasis* permanente que os tiranos se sucedem nas cidades siciliotas, como veremos a seguir.

Um caso exemplar: a família Deinomênida

A atuação política dos tiranos siciliotas, à diferença de seus pares da Grécia Balcânica, foi impregnada por projetos imperialistas que resultaram em guerras sucessivas, visando a anexação das cidades sob o domínio de uma delas. Siracusa assumiu, em vários momentos, esta liderança que a partir da época helenística tornou-se definitiva.

Holloway (1991, p.43) interpretando a Sicília grega, considera as duas décadas, entre 480 e 460 ., como a “Age of the Tyrants”, ressaltando o papel

importante dos líderes das famílias dos Deinomênidas de Gela e Siracusa e dos Emênidas de Agrigento, na vida política da ilha. Os tiranos Gélon e Hiéron (Siracusa) e Téron (Agrigento) são as principais figuras da época. Elencaremos a seguir, de maneira sumária, os principais passos que marcaram a atuação dos Deinomênidas na Sicília. Lembramos que este tema será retomado no decorrer de toda esta dissertação.

Dinomenes teria sido o patriarca da família Deinomênida, pai de Gélon, Hiéron, Polizalos e Trasíbulos. Segundo Plutarco em *De Pythiae Oraculis*, 19, Dinomene consultou o oráculo de Delfos sobre o futuro dos filhos e este lhe respondeu que eles seriam tiranos. Gélon foi o que primeiro cumpriu a profecia: sucedeu o tirano Hipócrates de Gela, usurpando o poder de seu herdeiro natural, o filho de Hipócrates. O fez dado o destaque que lhe garantia o cargo de chefe militar, comandando a cavalaria e ampliando o domínio gelense sobre as áreas vizinhas. Tornou-se tirano sediando seu governo em Siracusa. Conseguiu derrotar os invasores cartagineses da Sicília, aliando-se a Téron de Agrigento. Gélon também foi conhecido por sua medida em relação aos inimigos vencidos, aliando-se a eles, assim como ocorreu no pós guerra contra os cartagineses, quando nem Himera, nem Messina foram punidas ou mesmo atacadas pelo apoio dado ao inimigo púnico.

Quando Gélon morre em 478, Hiéron o substitui em Siracusa dando continuidade às políticas de Gélon. Hiéron teve oportunidade de realizar empreendimentos militares não só na Sicília como na Magna Grécia. Na guerra dos etruscos contra Cumas (476), Hiéron envia ajuda a Cumas, que vence a disputa. De forma diplomática, sem guerra, Hiéron afasta a ameaça de Anaxilas de Régio Locres, que também era cobiçada por ele. Hiéron foi um chefe militar promotor de guerras e um homem político, com muita diplomacia e estratégia. Sua corte era muito frequentada por poetas e artistas, ele foi um mecenas, protegendo a arte e as letras, hospedando Xenófantes, Baquilides, Simônides, Píndaro, Ésquilo e Epicarmo. Hiéron tinha a pretensão de que sua corte fosse a mais brilhante da Grécia.

Hiéron tinha ambições não só de inspirar respeito e obter poder, mas de ser fundador de uma cidade e receber as glórias de *oikista*. Assim o faz, transportando os habitantes de Naxos e Catânia para Leontini e, no local da antiga cidade, fundou Etna, povoada com mercenários siracusanos e

peloponésios. Com a morte de Hiéron em 467, seu irmão Trasíbulo o substitui, porém a sua atuação desastrosa permite que seja estabelecida a democracia em Siracusa em 466 .

Tirania e filosofia

Dentre os pensadores antigos que refletiram sobre a forma tirânica de governar destacam-se Platão e Aristóteles, neste sentido apresentaremos a seguir algumas das temáticas presentes nas discussões destes filósofos sobre a figura do *usurpador do poder*, o tirano.

Platão, na *República* formula sua crítica à tirania de forma a contextualizá-la como um obstáculo ao ideal de justiça. Os tiranos, para o filósofo, adotam um mau governo, simbolizam a injustiça, a usurpação. De acordo com o Livro IX da *República* a figura do tirano representa uma ameaça ao bom governo e à justiça no contexto da pólis ideal.

Trasímaco é um personagem crucial da *República*, já que este representará em seu discurso o governo do mais forte. Ao referir-se à justiça, menciona que o justo é aquele que se aproveita de sua força. A primeira vez que Trasímaco refere-se à tirania é para mostrar que cada governo estipula suas leis de acordo com os governantes, ou seja, favorável ao próprio. Ao longo de seu argumento coloca o poder à frente da justiça, e indiretamente demonstra que a tirania ocupava um lugar importante entre os regimes políticos, tal como a democracia, e que isso espelhava a distribuição de força existente na cidade.

O destaque de Trasímaco na *República* não é irrelevante, pelo contrário, demonstra uma discussão vigente na *pólis*, no âmbito político. Este personagem é uma figura polêmica e relevante, digno do debate mais inquietante da *República*. Sócrates, personagem principal de Platão, não o considera um opositor fraco, mas um adversário de argumentos fortes e convincentes. A refutação socrática segue o preceito de que a filosofia pesquisa os significados, e não recua diante do que lhe é colocado, diferentemente dos sofistas, que não argumentam a verdade, mas persuadem apropriando-se da inverdade.

Para Trasímaco a injustiça das atividades humanas poderia ser convencional, baseada nos interesses e vontades particulares, ao contrário da proposta filosófica defendida por Platão, que preza as virtudes públicas. Desse modo, é possível entender que a defesa da injustiça pelo personagem segue os preceitos naturais, de felicidade individual levando-o à defesa da injustiça.

A tirania para Trasímaco portanto é símbolo da injustiça humana, pois procura satisfazer os interesses próprios em primeiro lugar. O sofista avalia o tirano de acordo com o senso comum da época. O tirano não é virtuoso para ele, apenas associa a “rapinagem” ao domínio alheio, o que demonstra concordância de que o tirano é um usurpador. A felicidade também, segundo Trasímaco não pode ser associada ao poder, como é visto nas tragédias, em que os tiranos terão sempre um destino terrível. O personagem, bastante ambíguo não defende claramente a tirania, mas argumenta lucidamente sobre o assunto, tornando-o um debatedor à altura de Sócrates. Platão estrategicamente o coloca nesta posição, pois suscita uma discussão vigente na época, ainda bastante controversa, era um assunto incômodo.

Mas a *República* traz o ideal da cidade justa, do filósofo no poder, portanto traz a imagem do sofista frágil, deixando em sua argumentação muitas lacunas, então preenchidas por Sócrates ao longo dos livros. As respostas às questões pendentes serão respondidas, já que o filósofo busca a verdade, não a persuasão e o convencimento.

O Livro IX de Platão traz algumas passagens importantes para a compreensão dos argumentos colocados por Trasímaco, e mostra como o homem tirânico nasce e torna-se um usurpador.

Sócrates, no referido livro acima inicia a sua fala com uma pauta de discussão: a tirania; como um homem tirânico emerge de uma política democrática. Sócrates argumenta sobre a alma racional, dominada pela alma irracional e bestial, capaz de cometer loucuras (Platão, Rep. 571a).

A seguir, Sócrates entra na questão dos excessos de um homem democrático, pois se este tiver uma criação regada por valores questionáveis, este sentimento excessivo poderá emergir. O tirano nasce dos excessos cometidos, da loucura, da irracionalidade. Na ótica platônica a tirania emerge da democracia, da sua degeneração. O processo de formação é semelhante ao

de outros regimes imperfeitos. A aplicação excessiva do princípio que dá vida à constituição nasce do seu oposto (Platão, Rep 572 a).

A tirania é para Platão um regime que domina a vida das cidades democráticas. O grupo de “zangões” é aquele alimentado por “amor, incensos, perfume” (573 a). Esse grupo surge da distância entre o grupo dos ricos e dos pobres, desse modo torna fértil para “os zangões de grandes asas” se beneficiarem do poder através do ódio e da inveja. Então o povo imagina que é possível destruir os valores apreciados pelo mais ricos, colocando no poder um “defensor” das camadas populares.

A figura do tirano no livro IX tem toda a parte irracional destacada, é o extremo do excesso. A cidade (a *pólis*) por ele governada seria escravizada, dominada pelos desejos, já que o tirano é dominado pelas emoções. O povo, pelo medo de tornar-se escravo de homens livres, terá escravos como senhores (569 c). A lógica do mais forte exposta por Trasímaco no livro I encontra-se com a lógica de Eros no livro IX, que compõe assim a figura do tirano. A vitória dos desejos mais baixos sobre civilização é o que demonstra a tese de Platão com relação à tirania.

A tirania segue um mesmo caminho corruptível de outras formas de governo, porém o tirano é produto do jovem democrático racional, tornando-se irracional ao longo de sua vida. Platão nos traz uma luta interna de expressão e poder da tirania, fazendo uma analogia com o contexto político da época.

Platão igualmente traça uma crítica à democracia no final do livro IX, aproveitando-se da imagem tradicional da tirania e da repulsa que causa aos concidadãos e aponta seus riscos. Desse modo a tirania para o filósofo é o pior regime de todos, demarcando um limite negativo da alma, sendo destrutiva, o que distancia o homem da virtude e justiça.

Para Aristóteles há três espécies de tiranias: 1- aquela em que há eleição e onde se governa de acordo com a lei 2- aquele em que o tirano é déspota 3- aquela em que se governa sem responsabilidade, para o bem somente do tirano.

Aristóteles, assim como Platão tem uma visão negativa no que diz respeito à tirania, pois para o filósofo é a pior das formas de governo. Há tiranias do tipo estabelecidas segundo as leis, como monarquias, com consentimento dos súditos, há também tiranias despóticas, em que o governante segue suas

próprias leis sem se preocupar com seus súditos e há a tirania por excelência, sem responsabilidades, em que o governante exerce o poder contra a vontade de todos. Segundo o filósofo a *pólis* que se apresenta com excesso de indigentes ou excesso de ricos acaba por estabelecer uma democracia extrema, ou uma oligarquia intemperante, e por causa dos extremos surgem as tiranias. Para Aristóteles os extremos não se justificam, ou seja, a crítica pode bem ser feita nos limites da pólis e não no extremo dela como Platão coloca na República. Na política é possível delimitar através de leis racionais a ação dos tiranos, e o justo é procurar o meio termo, assim como a lei, afirma o filósofo, para quem, a tirania se arruína de maneira igual para cada uma das formas de politeia: a democracia extrema é tirania.

2.3 Excertos da Obra: *Biblioteca Histórica*, de Diodoro Sículo. Trechos traduzidos e comentados – Livros XI e XIV

Os trechos selecionados abaixo, traduzidos do inglês para o português e cotejados com o original grego antigo.

Livro XI

Trechos:

20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 38, 49, 66, 67, 68, 72, 76.

Livro XIV

Trechos:

62 (3-5), 63, 66.

Os comentários buscam contextualizar os dados apresentados por Diodoro, no que diz respeito à análise da dinâmica populacional em época tirânica. Objetivamos também destacar, no discurso de Diodoro, sua apreciação sobre os tiranos Gélon e Hiéron. Perceberemos que as menções feitas a Gélon são positivas, elogiosas enquanto que Hiéron recebe, em geral, críticas duras.

O embate das fontes – escritas e arqueológicas - estará presente principalmente nos capítulos 3 e 4, onde abordaremos os dados arqueológicos.

Certamente utilizaremos outros trechos de Diodoro, além dos relacionados a seguir, pois a seleção apresentada objetiva mais detidamente o uso dos discursos intencionais, em meio a um momento histórico de conflitos e expansão territorial. Os tiranos tiveram um papel importante neste período e a forma como são descritos os seus feitos e a linguagem utilizada são elementos importantes para que tenhamos um olhar amplo sobre o documento escrito, suas peculiaridades, seus discursos e seu papel na abordagem arqueológica.

LIVRO XI

Livro XI,20

20. Ἡμεῖς δὲ ἀρκούντως διεληλυθότες περὶ τῶν κατὰ τὴν Εὐρώπην πραχθέντων, μεταβιβάζομεν τὴν διήγησιν ἐπὶ τὰς ἑτερογενεῖς πράξεις. Καρχηδόνιοι γὰρ συντεθειμένοι¹ πρὸς Πέρσας τοῖς αὐτοῖς καιροῖς καταπολεμῆσαι τοὺς κατὰ τὴν Σικελίαν Ἕλληνας, μεγάλας παρασκευὰς ἐποιήσαντο τῶν πρὸς τὸν πόλεμον χρησίμων. ὥς δ' εὐτρεπῇ πάντα αὐτοῖς ὑπῆρχε, στρατηγὸν εἵλοντο Ἀμίλκωνα, τὸν μάλιστα παρ' αὐτοῖς θαυμαζόμενον προκρίναντες. ² οὗτος δὲ παραλαβὼν πεζὰς τε καὶ ναυτικὰς δυνάμεις μεγάλας ἐξέπλευσεν ἐκ τῆς Καρχηδόνας, ἔχων πεζὴν μὲν δύναμιν οὐκ ἐλάττω τῶν τριάκοντα

¹ So Dindorf: συντιθέμενοι.

μυριάδων, ναῦς δὲ μακρὰς πλείους τῶν διακοσίων,¹
 καὶ χωρὶς πολλὰς ναῦς φορτίδας τὰς κομιζούσας
 τὴν ἀγορὰν, ὑπὲρ τὰς τρισχιλίας. οὗτος μὲν οὖν
 διανύσας τὸ Λιβυκὸν πέλαγος καὶ χειμασθεὶς ἀπ-
 ἔβαλε τῶν σκαφῶν τὰ κομίζοντα τοὺς ἱππεῖς καὶ τὰ
 ἄρματα. καταπλεύσας δὲ τῆς Σικελίας εἰς τὸν ἐν
 τῷ Πανόρμῳ λιμένα διαπεπολεμηκέναι τὸν πόλεμον
 ἔφησε· πεφοβῆσθαι γὰρ μήποτε ἢ θάλαττα τοὺς
 3 Σικελιώτας ἐξέλῃται τῶν κινδύνων. ἐπὶ δὲ τρεῖς
 ἡμέρας ἀναλαβὼν τοὺς στρατιώτας καὶ διορθω-
 σάμενος τὴν ἐν τῷ χειμῶνι γενομένην ναυαγίαν,
 προῆγε μετὰ τῆς δυνάμεως ἐπὶ τὴν Ἰμέραν, συμ-
 παραπλέοντος τοῦ ναυτικοῦ. ὥς δ' ἦλθε πλησίον
 τῆς προειρημένης πόλεως, δύο παρεμβολὰς ἔθετο,
 τὴν μὲν τῷ πεζῷ στρατεύματι, τὴν δὲ τῇ ναυτικῇ
 δυνάμει. καὶ τὰς μὲν μακρὰς ναῦς ἀπάσας ἐνεώλ-
 κησε καὶ τάφρῳ βαθείᾳ καὶ τείχει ξυλίνῳ περι-
 ἔλαβε, τὴν δὲ τῶν πεζῶν παρεμβολὴν ὠχύρωσεν
 ἀντιπρόσωπον ποιήσας τῇ πόλει καὶ παρεκτείνας
 ἀπὸ τοῦ ναυτικοῦ παρατειχίσματος μέχρι τῶν
 4 ὑπερκειμένων λόφων. καθόλου δὲ πᾶν τὸ πρὸς
 δυσμὰς μέρος καταλαβόμενος, τὴν μὲν ἀγορὰν
 ἅπασαν ἐκ τῶν φορτίδων νεῶν ἐξείλετο, τὰ δὲ
 πλοῖα ἅπαντα ταχέως ἐξαπέστειλε, προστάξας ἕκ-
 τε τῆς Λιβύης καὶ Σαρδοῦς σῖτον καὶ τὴν ἄλλην
 5 ἀγορὰν κομίζειν. αὐτὸς δὲ τοὺς ἀρίστους τῶν
 στρατιωτῶν ἀναλαβὼν ἦκεν ἐπὶ τὴν πόλιν, καὶ τῶν
 Ἱμεραίων τοὺς ἐπεξιόντας τρεψάμενος καὶ πολλοὺς
 ἀνελὼν κατεπλήξατο τοὺς ἐν τῇ πόλει. διὸ καὶ
 Θήρων ὁ Ἀκραγαντίνων δυνάστης, ἔχων δύναμιν
 ἱκανὴν καὶ παραφυλάττων τὴν Ἰμέραν, φοβηθεὶς

¹ So Dindorf: δισχιλίων.

εὐθὺς ἀπέστειλεν εἰς τὰς Συρακούσας, ἀξιῶν τὸν
 Γέλωνα βοηθεῖν τὴν ταχίστην.

Tradução Livro XI, 20:

Agora que descrevemos os eventos na Europa em suficiente extensão, devemos mudar nossa narrativa para os casos de outros povos. Os cartaginenses, nós retomamos, concordaram com os persas em subjugar os gregos da Sicília ao mesmo tempo e fizeram preparativos em larga escala de tais materiais como se fossem úteis ao levar uma guerra. E quando eles tinham tudo pronto, escolheram por general Amílcar, tendo o selecionado como o homem em que mantinham a maior estima. Ele assumiu o comando de

enormes forças, ambas terrestres e navais, e navegou direto de Cartago com um exército de não menos que trezentos mil homens e uma frota de mais de duzentos navios de guerra, sem mencionar muitos navios de carga para levar suprimentos, enumerando mais de três mil. Enquanto ele estava cruzando o mar da Líbia encontrou uma tempestade e perdeu aqueles que estavam carregando os cavalos e carros. E quando ele aportou na Sicília, no porto de Panormo, observou que ele finalizara a guerra; pois temera que o mar resgatasse os siciliotas dos perigos do conflito. Ele levou três dias para descansar seus soldados e reparar o estrago que a tempestade infligira aos seus navios, e então avançaram juntamente com seu anfitrião contra Himera, a frota beirando a costa com ele. E quando ele aproximou-se da cidade que acabamos de mencionar, levantou dois acampamentos, um para o exército, outro para a força naval. Ele transportou todos os navios de guerra para terra e lançou um profundo fosso ao redor deles, e uma paliçada de madeira, e ele fortificou o acampamento do exército, o qual situou de modo que ficasse em frente à cidade, e o prolongou de modo que tomasse a área da muralha, estendendo-se ao longo do acampamento naval tão longe quanto as colinas que beiravam a cidade. Geralmente falando, ele tomou o controle do lado oeste inteiro, ao qual ele depois descarregou todos os suprimentos dos navios de carga e imediatamente os despachou, ordenando-lhes que trouxessem grãos e outros suprimentos da Líbia e da Sardenha. Então, pegando suas melhores tropas, ele avançou para a cidade, derrotando os himerenses, que o atacaram, e matando muitos deles, ele aterrorizou os habitantes da cidade. Consequentemente, Téron, o líder dos agrigentinos, o qual, com força considerável, estava a postos para guardar Himera, temeroso, apressadamente comunicou-se com Siracusa, solicitando a Gélon que viesse a seu auxílio o mais rapidamente possível.

Comentário Livro XI, 20:

Diodoro descreve como Hamílcar e as tropas cartaginesas invadiram Siracusa por Himera; dá detalhes sobre o exército, quantidade de suprimentos e navios, inclusive relata fatos menos importantes como a perda de embarcações e suprimentos com a tempestade. O relato minucioso de como Hamílcar e seu

exército levantaram acampamentos junto a Himera e de como cercaram a cidade e avançaram sobre os habitantes da cidade parece pretender destacar o terror provocado pela ação e assim destacar o papel dos tiranos nessa guerra.

Vale destacar que ao mencionar Téron, tirano de Agrigento, o trata como *dynasthès*. Este pede auxílio a Gélon, que como a narrativa posterior indica já era tirano de Siracusa. A relação entre as famílias Deinomênidas (de Gela e Siracusa) e Emênidas de Agrigento era selada por casamentos: Gélon casa-se com Damarete, filha de Téron enquanto este desposa a sobrinha de Gélon, filha de seu irmão Polizelo. Com a morte de Gélon, Polizelo casa-se com a cunhada viúva, Damaretê e Hiéron, mais tarde, desposa uma sobrinha de ambos.

Ao longo da narrativa, na análise dos excertos que se seguem, será possível perceber a forma laudatória com que Diodoro refere-se a Gélon, exaltando como conquistou a fama de grandioso pelos seus feitos nesta guerra. É a figura acabada do benfeitor e salvador das cidades ameaçadas pelos *bárbaros*, é *euerghètes* e *sotér*

É pertinente notar que Diodoro não era um viajante, no sentido herodotiano do termo, embora tenha feito viagens. Ele não confirma o que fala, é acima de tudo um erudito que viaja para conhecer livros, bibliotecas e arquivos, um *philomathês* e procurava representar o mundo (*diáγραμμα*). A proposta era uma narrativa enxuta, porém informativa, que trouxesse os acontecimentos para um determinado público. O objetivo de Diodoro, fica claro em seu prólogo, é o desejo de pesquisar em outros autores os acontecimentos do passado. O tratamento que dispensa especialmente a Gélon, no entanto, o vincula à difusão de representações positivas da tirania como forma de governo necessária para o enfrentamento das crises da Sicília.

21. Ὁ δὲ Γέλων καὶ αὐτὸς ἡτοιμακῶς ἦν τὴν δύναμιν, πυθόμενος δὲ τὴν τῶν Ἱμεραίων ἀθυμίαν ἀνέζευξεν ἐκ τῶν Συρακουσῶν κατὰ σπουδὴν, ἔχων πεζοὺς μὲν οὐκ ἐλάττους τῶν πεντακισμυρίων, ἵππεις δὲ ὑπὲρ τοὺς πεντακισχιλίους. διανύσας δὲ ταχέως τὴν ὁδὸν καὶ πλησιάσας τῇ πόλει τῶν Ἱμεραίων, ἐποίησε θαρρεῖν τοὺς πρότερον καταπεπληγμένους τὰς τῶν Καρχηδονίων δυνάμεις.
- 2 αὐτὸς μὲν γὰρ στρατοπεδεῖαν οἰκείαν βαλόμενος τῶν περὶ τὴν πόλιν τόπων, ταύτην μὲν ὠχύρωσε τάφρῳ βαθείᾳ καὶ χαρακώματι περιλαβών, τοὺς δ' ἵππεις ἅπαντας ἐξαπέστειλεν ἐπὶ τοὺς κατὰ τὴν χώραν πλανωμένους τῶν πολεμίων καὶ περὶ τὰς ὠφελείας διατρίβοντας. οὗτοι δὲ παραδόξως ἐπιφανέντες διεσπαρμένοις ἀτάκτως κατὰ τὴν χώραν, τοσοῦτους ἀνῆγον αἰχμαλώτους ὅσους ἕκαστος ἄγειν ἠδύνατο. εἰσαχθέντων δὲ αἰχμαλώτων εἰς τὴν πόλιν πλειόνων ἢ μυρίων, ὁ μὲν Γέλων μεγάλης ἀποδοχῆς ἐτύγχανεν, οἱ δὲ κατὰ τὴν Ἱμέραν κατ-
- 3 ἐφρόνησαν τῶν πολεμίων. ἀκόλουθα δὲ τούτοις πράττων ὁ μὲν Γέλων ἀπάσας τὰς πύλας, ἃς διὰ φόβον πρότερον ἐνωκοδόμησαν οἱ περὶ Θήρωνα, ταύτας τοῦναντίον διὰ τὴν καταφρόνησιν ἐξωκοδόμησε, καὶ ἄλλας προσκατεσκεύασε, δι' ὧν ἦν εὐχρηστεῖσθαι πρὸς τὰς κατεπειγούσας χρεῖας.
- Καθόλου δὲ Γέλων στρατηγία καὶ συνέσει διαφέρων εὐθὺς ἐζήτει δι' οὗ τρόπου καταστρατηγήσας τοὺς βαρβάρους ἀκινδύνως αὐτῶν ἄρδην ἀνελεῖ τὴν δύναμιν. συνεβάλετο δὲ αὐτῷ καὶ τὸ αὐτόματον πρὸς τὴν ἐπίνοιαν μεγάλα, τοιαύτης

4 γενομένης περιστάσεως. κρίναντος αὐτοῦ τὰς τῶν πολεμίων ναῦς ἐμπρῆσαι, καὶ τοῦ Ἀμίλκα διατρίβοντος μὲν κατὰ τὴν ναυτικὴν στρατοπεδείαν, παρασκευαζομένου δὲ θύειν τῷ Ποσειδῶνι μεγαλοπρεπῶς, ἦκον ἀπὸ τῆς χώρας ἵππεῖς ἄγοντες πρὸς τὸν Γέλωνα βιβλιαφόρον ἐπιστολὰς κομίζοντα παρὰ Σελινουντίων, ἐν αἷς ἦν γεγραμμένον, ὅτι πρὸς ἣν ἔγραψεν ἡμέραν Ἀμίλκας ἀποστεῖλαι τοὺς ἵππεῖς, πρὸς αὐτὴν ἐκπέμψουσιν. οὕσης δὲ τῆς ἡμέρας ταύτης καθ' ἣν ἔμελλε συντελεῖν τὴν θυσίαν Ἀμίλκας, κατὰ ταύτην Γέλων ἀπέστειλεν ἰδίους ἵππεῖς, οἷς ἦν προστεταγμένον περιελθεῖν τοὺς πλησίον τόπους καὶ προσελαύνειν ἅμ' ἡμέρᾳ πρὸς τὴν ναυτικὴν στρατοπεδείαν, ὥς ὄντας Σελινουντίων συμμάχους, γενομένους δ' ἐντὸς τοῦ ξυλίνου τείχους τὸν μὲν Ἀμίλκαν ἀποκτεῖναι, τὰς δὲ ναῦς ἐμπρῆσαι. ἐξέπεμψε δὲ καὶ σκοποὺς εἰς τοὺς ὑπερκείμενους λόφους, οἷς προσέταξεν, ὅταν ἴδωσι τοὺς ἵππεῖς γενομένους ἐντὸς τοῦ τείχους, ἄραι τὸ σύσσημον. αὐτὸς δ' ἅμ' ἡμέρᾳ τὴν δύναμιν διατεταχὼς ἀνέμενε τὴν ἀπὸ τῶν σκοπῶν ἐσομένην δῆλωσιν.

Tradução Livro XI, 21:

Gélon, que igualmente mantivera seu exército pronto, ao saber que os himerenses estavam desesperados, partiu de Siracusa com toda velocidade, acompanhado por não menos que cinquenta mil soldados a pé e uma cavalaria de mais de cinco mil. Ele cobriu a distância rapidamente, e à medida que se aproximava da cidade dos himerenses, inspirou coragem nos corações daqueles que outrora foram consternados pelas forças dos cartagineses. Para depois levantar um acampamento que era apropriado ao terreno ao redor da cidade, ele não apenas o fortificou com um profundo fosso e uma paliçada, mas despachou seu corpo de cavalaria inteiro contra as forças do inimigo que se espalhavam pelo interior em busca de pilhagem. E a cavalaria, inesperadamente aparecendo para homens que estavam dispersos pelo interior, sem ordem militar, aprisionou tantos quanto cada homem poderia levar consigo. E quando o número de mais de dez mil prisioneiros foi trazido à cidade, não apenas foi a Gélon concedida grande aprovação, mas os himerenses também vieram desprezar o inimigo. Levando adiante o que já

consequira, todos os portões que Térón, bloqueara anteriormente estavam agora, ao contrário, abertos por Gélon, em seu desprezo pelo inimigo, ele mesmo construiu portões adicionais os quais poderiam servir a ele em caso de urgente necessidade.

Em uma palavra, Gélon, sobressaindo-se em sua técnica como general e em perspicácia, começou com imediatamente descobrir como ele poderia vencer os bárbaros e destruir completamente o seu poder sem nenhum risco ao seu exército. E sua própria ingenuidade foi grandemente ajudada por acidente, por causa da seguinte circunstância. Ele decidiu incendiar os navios do inimigo; e enquanto Amílcar¹ estivesse ocupado com a preparação de um magnífico sacrifício a Poseidon no acampamento, homens da cavalaria vieram do interior trazendo a Gélon um mensageiro que estava levando comunicados do povo de Selinunte, nos quais estava escrito que enviariam a cavalaria para aquele dia em que Amílcar escrevera que os enviassem. O dia era aquele em que Amílcar planejava celebrar o sacrifício. E naquele dia Gélon enviou sua própria cavalaria, que estava sob a ordem de circundar a vizinhança imediata e cavalgar ao amanhecer para o acampamento naval, como se fossem os aliados de Selinunte, e assim que estivessem dentro da paliçada de madeira, de matar Amílcar e incendiar os navios. Ele também mandou batedores às colinas que davam para a cidade, ordenando-lhes que dessem o sinal assim que vissem que os cavaleiros estivessem dentro da muralha. De sua parte, ao amanhecer ele parou seu exército e aguardou pelo sinal que viria dos batedores.

1- Rodapé do autor: Embora Diodoro coloque acima que Amílcar foi morto em batalha, Heródoto (7, 179) diz que ele se jogou no fogo no qual ele derramava libações e oferecendo vítimas inteiras para trazer vitória. Se sua autoimolação é autêntica, o deus ao qual ele sacrificava era provavelmente o fenício Meleearth, o Moloch bíblico.²⁵

Comentários Livro XI, 21

Vemos, neste trecho, a continuidade do processo de construção de uma imagem positiva de Gélon que lealmente e astuciosamente mantivera seu

²⁵ Trecho retirado e traduzido literalmente da obra de Diodoro Sículo.

exército pronto e utilizando estratégias bélicas eficientes consegue entrar no acampamento de Hamilcar . surpreendendo os inimigos.

Este trecho é importante, pois reforça a força bélica do tirano Gélon, suas estratégias de guerra, que fizeram com que ele conquistasse fama, escravos de guerra e aliados em outras pólis. Isso culminará na expansão de Siracusa, pois a política de ostentação monumental, remanejamentos obrigatórios de população, exigia toda uma estratégia e astúcia na guerra.

22. Τῶν δ' ἱππέων ἅμα τῇ κατὰ τὸν ἥλιον ἀνατολῇ προσιππευσάντων τῇ ναυτικῇ τῶν Καρχηδονίων στρατοπεδείᾳ, καὶ προσδεχθέντων ὑπὸ τῶν φυλάκων ὡς συμμάχων, οὗτοι μὲν εὐθὺς προσδραμόντες τῷ Ἀμίλκᾳ περὶ τὴν θυσίαν γινομένῳ, τοῦτον μὲν ἀνείλον, τὰς δὲ ναῦς ἐνέπρησαν· ἔπειτα τῶν σκοπῶν ἀράντων τὸ σύσσημον, ὃ Γέλων πάσῃ τῇ δυνάμει συντεταγμένη προῆγεν ἐπὶ τὴν παρεμβολὴν τῶν Καρχηδονίων. οἱ δὲ ἐν τῇ στρατοπεδείᾳ

τῶν Φοινίκων ἡγεμόνες τὸ μὲν πρῶτον ἐξαγαγόντες τὴν δύναμιν ἀπῆντων τοῖς Σικελιώταις καὶ συνάψαντες μάχην εὐρώστως ἡγωνίζοντο· ὁμοῦ δὲ ταῖς σάλπιγξιν ἐν ἀμφοτέροις τοῖς στρατοπέδοις ἐσήμαινον τὸ πολεμικόν, καὶ κραυγὴ τῶν δυνάμεων ἐναλλάξ ἐγίνετο, φιλοτιμουμένων ἀμφοτέρων τῷ μεγέθει τῆς βοῆς ὑπερᾶραι τοὺς ἀντιτεταγμένους. πολλοῦ δὲ γενομένου φόνου, καὶ τῆς μάχης δεῦρο κἀκεῖσε ταλαντευομένης, ἄφνω τῆς κατὰ τὰς ναῦς φλογὸς ἀρθείσης εἰς ὕψος, καὶ τινων ἀπαργειλάντων τὸν τοῦ στρατηγοῦ φόνον, οἱ μὲν Ἕλληνες ἐθάρρησαν, καὶ ταῖς φωναῖς καὶ ταῖς ἐλπίσι τῆς νίκης ἐπαρθέντες τοῖς φρονήμασιν¹ ἐπέκειντο θρασύτερον τοῖς βαρβάροις, οἱ δὲ Καρχηδόνιοι καταπλαγέντες καὶ τὴν νίκην ἀπογνόντες πρὸς φυγὴν ἐτράπησαν.

4 Τοῦ δὲ Γέλωνος παραγγείλαντος μηδένα ζωγρεῖν, πολὺς ἐγένετο φόνος τῶν φευγόντων, καὶ πέρας κατεκόπησαν αὐτῶν οὐκ ἐλάττους τῶν πεντεκαίδεκα μυριάδων. οἱ δὲ λοιποὶ φυγόντες ἐπὶ τινὰ τόπον ἐρυμνὸν τὸ μὲν πρῶτον ἡμύνοντο τοὺς βιαζομένους, ἄνδρον δὲ κατειληφότες τόπον καὶ τῷ δῦβει πιεζόμενοι ἠναγκάσθησαν ἑαυτοὺς παραδοῦναι τοῖς κρατοῦσι. 5 Γέλων δὲ ἐπιφανεστάτῃ μάχῃ νικήσας, καὶ ταύτην κατωρθωκὼς μάλιστα διὰ τῆς ἰδίας στρατηγίας, περιβόητον ἔσχε τὴν δόξαν οὐ μόνον παρὰ τοῖς Σικελιώταις, ἀλλὰ καὶ παρὰ 6 τοῖς ἄλλοις ἅπασιν· οὐδεὶς γὰρ τῶν πρὸ αὐτοῦ μνημονεύεται τοιοῦτῳ στρατηγήματι κεχρημένος, οὐδὲ πλείονας ἐν μιᾷ παρατάξει κατακόψας τῶν βαρβάρων οὐδὲ πλήθος αἰχμαλώτων τοσοῦτον χειρωσάμενος.

¹ Various emendations have been suggested in the passage ταῖς φωναῖς . . . φρονήμασιν.

Tradução Livro XI, 22:

Ao nascer do sol, os homens da cavalaria foram ao acampamento naval dos cartaginenses, e quando os guardas os receberam, pensando serem aliados, eles imediatamente galoparam para onde Amílcar estava ocupado com o sacrifício, o mataram, e incendiaram os navios; a seguir os batedores levantaram o sinal e Gélon avançou com seu exército inteiro em ordem de batalha contra o acampamento cartaginense. Os comandantes dos fenícios no acampamento, no início levaram suas tropas ao encontro dos siciliotas e onde as linhas se fecharam, eles iniciaram uma luta vigorosa; ao mesmo tempo, em ambos os campos trombetas soaram em sinal de batalha e um grito surgiu dos dois exércitos, um após o outro, cada um empenhando-se avidamente para sobrepujar seus adversários no volume de seus ânimos. O massacre foi grande, e a batalha oscilava, quando subitamente as chamas dos navios começaram a subir e vários reportaram que o general tinha sido morto; então os gregos foram encorajados e com seus espíritos exultantes pelos rumores e pela esperança de vitória, eles pressionaram com maior audácia sobre os bárbaros, enquanto os cartaginenses, desanimados e desesperados, fugiram. Visto que Gélon tinha ordens para não tomar prisioneiro nenhum, seguiu-se um grande massacre do inimigo em fuga, e no final, não menos que cento e cinquenta mil deles foram mortos. Todos os que escaparam da batalha para uma posição forte primeiro repeliram os agressores, mas a posição que alcançaram não possuía água, e a sede fez com que se rendessem aos vencedores. Gélon, que ganhara a vitória em uma batalha excepcional e obteve seu sucesso principalmente por sua própria técnica como general, adquiriu uma fama que foi amplamente louvada, não apenas entre os siciliotas, mas entre todos os outros homens também; pela memória, nenhum homem antes dele teria usado um estratagema desses, nem matado mais bárbaros em combate, ou tomado uma multidão tão grande de prisioneiros.

Comentários Livro XI, 22:

O sucesso de Gélon, merece de Diodoro, neste momento, um destaque especial: nenhum militar antes dele teria realizado tais feitos; justifica as ações do tirano, vangloria seus feitos e os “romantiza” dizendo que todo o homem de bem sabia ou saberia das suas ações gloriosas e de seu estratagema único, eficaz contra os inimigos. Na perspectiva de que “os fins justificam os meios” a carnificina é justificada e leva ao reconhecimento do valor do tiranos para além da Sicília.

Livro XI, 23

23. Διὸ καὶ πολλοὶ τῶν συγγραφέων παραβά-
 λουσι ταύτην τὴν μάχην τῇ περὶ Πλαταιᾶς γενο-
 μένῃ τοῖς Ἑλλήσι καὶ στρατήγημα τὸ Γέλωνος τοῖς
 ἐπινοήμασι τοῖς Θεμιστοκλέους, καὶ τὸ πρωτεῖον
 διὰ τὰς ἀμφοτέρων ὑπερβολὰς τῆς ἀρετῆς οἱ μὲν
 2 τούτοις, οἱ δὲ τοῖς ἑτέροις ἀπονέμουσι. καὶ γὰρ
 τῶν κατὰ τὴν Ἑλλάδα καὶ τῶν κατὰ τὴν Σικελίαν
 πρὸ τῆς μάχης καταπεπληγμένων τὸ πλῆθος τῶν
 βαρβαρικῶν δυνάμεων, οἱ κατὰ Σικελίαν πρότερον
 νικήσαντες ἐποίησαν τοὺς κατὰ τὴν Ἑλλάδα θαρ-
 ρῆσαι, πυθόμενους τὴν τοῦ Γέλωνος νίκην· καὶ τῶν
 τὴν ὅλην ἡγεμονίαν παρ' ἀμφοτέροις ἐσχηκότων
 παρὰ μὲν τοῖς Πέρσαις συνέβη¹ διαπεφευγῆναι τὸν
 βασιλέα καὶ πολλὰς μυριάδας μετ' αὐτοῦ, παρὰ δὲ
 τοῖς Καρχηδονίοις μὴ μόνον ἀπολέσθαι τὸν στρα-
 τηγόν, ἀλλὰ καὶ τοὺς μετασχόντας τοῦ πολέμου
 κατακοπῆναι, καὶ τὸ δὴ λεγόμενον μηδὲ ἄγγελον
 3 εἰς τὴν Καρχηδόνα διασωθῆναι. πρὸς δὲ τούτοις
 τοὺς ἐπιφανεστάτους τῶν ἡγεμόνων παρὰ μὲν τοῖς
 Ἑλλήσι, Πausanίαν καὶ Θεμιστοκλέα, τὸν μὲν ὑπὸ
 τῶν ἰδίων πολιτῶν θανατωθῆναι διὰ πλεονεξίαν καὶ
 προδοσίαν, τὸν δ' ἐξ ἀπάσης τῆς Ἑλλάδος ἐξ-
 ελαθέντα καταφυγεῖν πρὸς τὸν ἐχθρότατον Ξέρ-
 ξην καὶ παρ' ἐκείνῳ βιώσαι μέχρι τῆς τελευτῆς,
 Γέλωνα δὲ μετὰ τὴν μάχην αἰεὶ καὶ μᾶλλον ἀπο-
 δοχῆς τυγχάνοντα παρὰ τοῖς Συρακοσίοις ἐγγηρά-
 σαι τῇ βασιλείᾳ καὶ τελευτῆσαι θαυμαζόμενον, καὶ
 τοσοῦτον ἰσχύσαι τὴν πρὸς αὐτὸν εὐνοίαν παρὰ

¹ Added by Reiske and Madvig.

τοῖς πολίταις, ὥστε καὶ τρισὶν ἐκ τῆς οἰκίας τῆς
 ἐκείνου τὴν ἀρχὴν διαφυλαχθῆναι.

Ἄλλὰ γὰρ τούτων οἱ δικαίαν δόξαν κεκτημένοι
 τοὺς προσήκοντας ἐπαίνους καὶ παρ' ἡμῶν ἔχουσιν,
 ἐπὶ δὲ τὸ συνεχὲς τοῖς προειρημένοις μεταβησόμεθα.

Tradução Livro XI, 23:

Por causa desse feito, muitos historiadores comparam essa batalha com a que os gregos lutaram em Plateias, e o estratagema de Gélon com os esquemas engenhosos de Temístocles, e o primeiro lugar eles assinalam, visto que tal mérito excepcional foi mostrado por ambos, alguns para um e alguns para o

outro. E a razão é que, quando o povo da Grécia de um lado, e o povo da Sicília de outro foram atingidos com desânimo antes do conflito com a multidão de exércitos bárbaros, foi a vitória anterior dos gregos sicilianos que deu coragem ao povo da Grécia quando souberam da vitória de Gélon; e para os homens que tinham o comando superior em ambos os casos, nós sabemos que no caso dos persas o rei escapou com vida e muitas miríades junto com ele, enquanto que no caso dos cartaginenses não apenas o general sucumbiu mas também todos os que participaram da guerra foram mortos, e como dizem, nem mesmo um homem voltou vivo para Cartago para dar a notícia. Além disso, dos mais ilustres líderes gregos, Pausânias e Temístocles, o anterior foi condenado à morte por seus concidadãos por sua presunçosa cobiça por poder e traição, e o último foi expulso de todo canto da Grécia e correu para o refúgio de Xerxes, seu pior inimigo, de cuja hospitalidade ele viveu até o fim de sua vida; enquanto que Gélon depois da batalha recebeu maior aprovação todo ano das mãos dos siracusanos, envelheceu na realeza, e morreu na estima de seu povo, e tão forte era a afeição dos cidadãos por ele, que a realeza foi mantida por três membros de sua casa².

Entretanto, agora que estes homens, que desfrutam uma fama bem merecida, receberam de nós também os elogios por seus méritos, devemos continuar com a narrativa precedente.

2- Rodapé do autor: Gélon e seus dois irmãos Hiéron e Trasíbulo; conforme capítulo 57. Diodoro, como siciliano nativo, não deixou escapar a oportunidade de ampliar as façanhas de seus compatriotas.

Comentários Livro XI, 23:

Diodoro insiste na exaltação dos feitos de Gélon, e menciona a comparação feita pelos historiadores entre a batalha contra os cartagineses e a batalha de Platéia. Mas Diodoro distingue e destaca o tirano e a batalha contra os cartagineses dizendo que ele recebeu aprovação dos siracusanos, envelheceu e morreu com honra, mantendo membros da cidade em sua casa. Perceba-se a vinculação das vitórias ao crescimento do prestígio das cidades da Sicília. Explicita sua admiração e o conclama como rei, “basileu”. Quando o mencionou

como “*dynasthès*”, ou seja o poderoso, ainda não havia narrado seus feitos. Portanto, ao que parece o termo *basileu* tem mais força honrosa do que “*dynasthès*”²⁶. Para o caso específico contextual parece que *basileu* tem um sentido diferente de outros termos como *tyrannós* ou *dynasthès*, mas veremos que no trecho 66 deste mesmo livro, *Hiéron* também é tratado como *basileu*.

Livro XI, 24/25

24.¹ Συνέβη γὰρ τῇ αὐτῇ ἡμέρᾳ τὸν Γέλωνα νικῆσαι καὶ τοὺς περὶ Θερμοπύλας μετὰ Λεωνίδου διαγωνίσασθαι πρὸς Ξέρξην, ὥσπερ ἐπίτηδες τοῦ δαιμονίου περὶ τὸν αὐτὸν καιρὸν ποιήσαντος γενέσθαι τὴν τε καλλίστην νίκην καὶ τὴν ἐνδοξοτάτην
 2 ἦτταν. μετὰ δὲ τὴν γενομένην μάχην πρὸς τῇ πόλει τῶν Ἱμεραίων εἴκοσι νῆες μακραὶ διέφυγον τὸν κίνδυνον, ἃς Ἀμίλκας οὐκ² ἐνεώλκησε πρὸς τὰς ἀναγκαίας χρείας. διὸ καὶ τῶν ἀνδρῶν σχεδὸν ἀπάντων τῶν μὲν ἀνηρημένων, τῶν δὲ ἐζωγρημένων, ἔφθασαν αὐταὶ τὸν ἀπόπλουν ποιησάμεναι. πολλοὺς δὲ τῶν φευγόντων ἀναλαβοῦσαι, καὶ διὰ τοῦτο κατάγομοι γενόμεναι, περιέπεσον χειμῶνι καὶ πᾶσαι διεφθάρησαν· ὀλίγοι δέ τινες ἐν μικρῷ σκάφει διασωθέντες εἰς Καρχηδόνα διεσάφησαν τοῖς πολίταις, σύντομον ποιησάμενοι τὴν ἀπόφασιν, ὅτι
 3 πάντες οἱ διαβάντες εἰς τὴν Σικελίαν ἀπολώλασιν.
 4 Οἱ δὲ Καρχηδόνιοι παρ’ ἐλπίδας μεγάλη συμφορὰ περιπεσόντες ἐπὶ τοσοῦτο κατεπλάγησαν, ὥστε τὰς νύκτας ἅπαντας διαγρυπνεῖν φυλάττοντας τὴν πόλιν, ὡς τοῦ Γέλωνος πάσῃ τῇ δυνάμει παρα-
 4 χρῆμα διεγνωκότος πλεῖν ἐπὶ τὴν Καρχηδόνα. διὰ

¹ The conventional beginning of the chapter has been at ἐπὶ δὲ τὸ συνεχές in the preceding paragraph.

² οὐκ added by Rhodoman, Dindorf, Bekker, omitted by Vogel.

²⁶ Esta é uma hipótese.

δὲ τὸ πλῆθος τῶν ἀπολωλότων ἢ τε πόλις ἐπένθησε κοινῇ καὶ κατ' ἰδίαν αἱ τῶν ἰδιωτῶν οἰκίαι κλαυθμοῦ καὶ πένθους ἐπληροῦντο. οἱ μὲν γὰρ υἱούς, οἱ δὲ ἀδελφούς ἐπέζήτουν, πλείστοι δὲ παῖδες ὀρφανοὶ πατέρων γεγονότες ἔρημοι ὠδύροντο τὸν τε τῶν γεγεννηκότων θάνατον καὶ τὴν ἰδίαν ἐρημίαν τῶν βοηθούντων. οἱ δὲ Καρχηδόνιοι φοβούμενοι μὴ φθάσῃ διαβάς εἰς Λιβύην Γέλων, εὐθὺς ἐξέπεμψαν πρὸς αὐτὸν πρεσβευτὰς αὐτοκράτορας τοὺς δυνατωτάτους εἰπεῖν τε καὶ βουλεύσασθαι.

25. Ὁ δὲ Γέλων μετὰ τὴν νίκην τοὺς τε ἱππεῖς τοὺς ἀνελόντας τὸν Ἀμίλκαν δωρεαῖς ἐτίμησε καὶ τῶν ἄλλων τοὺς ἠνδραγαθηκότας ἀριστείois ἐκόσμησε. τῶν δὲ λαφύρων τὰ καλλιστεύοντα παρεφύλαξε, βουλόμενος τοὺς ἐν ταῖς Συρακούσαις νεῶς κοσμήσαι τοῖς σκύλοις· τῶν δ' ἄλλων πολλὰ μὲν ἐν Ἰμέρα προσήλωσε τοῖς ἐπιφανεστάτοις τῶν ἱερῶν, τὰ δὲ λοιπὰ μετὰ τῶν αἰχμαλώτων διεμέρισε τοῖς συμμάχοις, κατὰ τὸν ἀριθμὸν τῶν συστρατευ-
2 σάντων τὴν ἀναλογίαν ποιησάμενος. αἱ δὲ πόλεις εἰς πέδας κατέστησαν τοὺς διαιρεθέντας αἰχμαλώτους, καὶ τὰ δημόσια τῶν ἔργων διὰ τούτων ἐπεσκεύαζον. πλείστους δὲ λαβόντες Ἀκραγαντῖνοι τὴν τε πόλιν αὐτῶν καὶ τὴν χώραν ἐκόσμησαν· τοσοῦτον γὰρ παρ' αὐτοῖς τῶν ἡλωκότων ἦν τὸ πλῆθος, ὥστε πολλοὺς τῶν ἰδιωτῶν παρ' αὐτοῖς ἔχειν δεσμώτας πεντακοσίους. συνεβάλετο γὰρ αὐτοῖς πρὸς τὸ πλῆθος τῶν αἰχμαλώτων οὐ μόνον ὅτι πολλοὺς στρατιώτας ἀπεσταλκότες ἦσαν ἐπὶ τὴν μάχην, ἀλλὰ καὶ διότι γενομένης τῆς τροπῆς

πολλοὶ τῶν φευγόντων εἰς τὴν μεσόγειον ἀνεχώρησαν, μάλιστα δὲ εἰς τὴν Ἀκραγαντίνων, ὧν ἀπάντων ὑπὸ τῶν Ἀκραγαντίνων ζωγρηθέντων ἔγεμεν ³ ἡ πόλις τῶν ἐαλωκότων. πλείστων δὲ εἰς τὸ δημόσιον ἀνενεχθέντων, οὗτοι μὲν τοὺς λίθους ἔτεμνον, ἐξ ὧν οὐ μόνον οἱ μέγιστοι τῶν θεῶν ναοὶ κατεσκευάσθησαν, ἀλλὰ καὶ πρὸς τὰς τῶν ὑδάτων ἐκ τῆς πόλεως ἐκροὰς ὑπόνομοι κατεσκευάσθησαν τηλικούτοι τὸ μέγεθος, ὥστε ἀξιοθέατον εἶναι τὸ κατασκευάσμα, καίπερ διὰ τὴν εὐτέλειαν καταφρονούμενον. ἐπιστάτης δὲ γενόμενος τούτων τῶν ἔργων ὁ προσαγορευόμενος Φαίαξ διὰ τὴν δόξαν τοῦ κατασκευάσματος ἐποίησεν ἀφ' ἑαυτοῦ κληθῆ- ⁴ ναι τοὺς ὑπονόμους φαίακας. κατεσκεύασαν δὲ οἱ Ἀκραγαντῖνοι καὶ κολυμβήθραν πολυτελεῆ, τὴν περιμετρον ἔχουσαν σταδίων ἑπτὰ, τὸ δὲ βάθος περὶ χῶν εἴκοσι. εἰς δὲ ταύτην ἐπαγομένων ποταμίων¹ καὶ κρηναίων ὑδάτων ἰχθυοτροφεῖον ἐγένετο, πολλοὺς παρεχόμενον ἰχθῦς εἰς τροφήν καὶ ἀπόλαυσιν· κύκνων τε πλείστων εἰς αὐτὴν καταπταμένων συνέβη τὴν πρόσοψιν αὐτῆς ἐπιτερπῆ γενέσθαι. ἀλλ' αὕτη μὲν ἐν τοῖς ὕστερον χρόνοις ἀμεληθεῖσα συνεχώσθη καὶ διὰ τὸ πλῆθος τοῦ χρόνου κατεφθάρη, ⁵ τὴν δὲ χώραν ἅπασαν ἀγαθὴν οὖσαν ἀμπελόφυτον ἐποίησαν καὶ δένδρεσι παντοίοις πεφυκνωμένην, ὥστε λαμβάνειν ἐξ αὐτῆς μεγάλας προσόδους.

Γέλων δὲ τοὺς συμμάχους ἀπολύσας τοὺς πολίτας ἀπήγαγεν εἰς τὰς Συρακούσας, καὶ διὰ τὸ μέγεθος τῆς εὐημερίας ἀποδοχῆς ἐτύγχανεν οὐ μόνον παρὰ τοῖς πολίταις, ἀλλὰ καὶ καθ' ὅλην τὴν Σικελίαν· ἐπήγετο γὰρ αἰχμαλώτων τοσοῦτο πλῆθος, ὥστε

¹ So Coraes : ποταμῶν.

δοκεῖν ὑπὸ τῆς νήσου γεγονέναι τὴν Λιβύην ὅλην αἰχμαλώτων.

Tradução: Livro XI, 24:

Agora, aconteceu que Gélon conseguiu sua vitória no mesmo dia em que Leonidas e seus soldados lutavam contra Xerxes em Termópilas³, como se a divindade intencionalmente arranjasse que a mais justa vitória e a mais honorável derrota acontecessem ao mesmo tempo. Depois da batalha na cidade dos himerenses, vinte navios de guerra fugiram da luta, sendo estes os que Amílcar, para atender suas obrigações de rotina, não arrastou ao litoral. Consequentemente, embora praticamente todo o resto dos combatentes ou foi

morto ou feito prisioneiro, essas embarcações conseguiram navegar antes que fossem notadas. Mas elas pegaram muitos fugitivos, e enquanto sobrecarregadas por causa disso, encontraram uma tempestade e foram todas perdidas. Apenas um punhado de sobreviventes chegou a salvo em Cartago em um pequeno bote para dar aos seus concidadãos uma afirmação muito breve: “Todos os que atravessaram para a Sicília pereceram.”.

Os cartaginenses, que sofreram um grande desastre tão contrário às suas esperanças, estavam tão aterrorizados que toda noite eles mantinham vigília guardando a cidade, acreditando que Gélon e sua força toda tinham decidido navegar imediatamente contra Cartago. E por causa dessas várias perdas a cidade caiu em lamento público, enquanto privativamente os lares dos cidadãos se enchiam de pranto e lamentação. Alguns continuaram a perguntar por filhos, outros por irmãos, enquanto um grande número de crianças que perderam seus pais, agora sozinhas no mundo, entristeciam-se com a morte daqueles que os geraram e com sua própria desolação através da perda daqueles que poderiam socorrê-las. E os cartaginenses, temendo que Gélon os prevenisse em atravessar para a Líbia, imediatamente despacharam a ele como embaixadores plenipotenciários seus oradores e conselheiros mais capazes.

Rodapé do autor: 3- Heródoto (7.166) diz que a batalha de Himera aconteceu no mesmo dia que a batalha de Salamina.

Comentários: Livro XI, 24/ 25:

Quanto a Gélon, depois de sua vitória ele não apenas honrou com presentes os cavaleiros que mataram Amílcar, mas também recompensou por proezas todos os outros que haviam cumprido seu papel de homens. A parte mais justa da pilhagem ele separou, visto o seu desejo de embelezar os templos de Siracusa com os espólios; quanto ao resto da pilhagem, muito dela ele pegou para os mais notáveis templos de Himera, e o restante disso, junto com os cativos, ele dividiu entre os aliados, as porções de acordo com o número que servira com ele. As cidades acorrentaram os cativos alocados a si e os usaram em suas obras de construção pública. Um número muito grande foi recebido

pelos agrigentinos, que embelezaram sua cidade e arredores; tão grande era a multidão de prisioneiros ao seu dispor que muitos cidadãos tinham quinhentos cativos em seus lares. Uma razão que contribuiu para o enorme número de cativos entre eles não era apenas que mandaram muitos soldados para a batalha, mas também que, quando ocorreu a fuga, muitos dos fugitivos se dirigiram ao interior, especialmente ao território dos agrigentinos, e visto que todos os homens deles foram capturados pelos agrigentinos, a cidade estava abarrotada de escravos. Muitos deles foram cedidos ao Estado, eram esses homens que extraíam as pedras com as quais não apenas os maiores templos dos deuses foram construídos, mas também os canais subterrâneos para conduzir as águas para fora da cidade; estes são tão largos que sua construção é muito digna de se ver, embora seja pouco pensada, uma vez que são obras a baixo custo. O construtor responsável por essas obras, chamado *Phaeax*, trouxe o assunto, por causa da fama da construção, os canais subterrâneos foram denominados *Pheaceans*, devido a ele. Os agrigentinos ainda construíram uma *cara kolymbetra*, sete estádios de circunferência e vinte cúbitos de profundidade. As águas de rios e fontes foram conduzidas para dentro dela, e se tornou um tanque para peixes, fornecendo-os em abundância para alimento e para agradar o paladar; e visto que um grande número de cisnes estabeleceu-se nela, a piscina tornou-se uma visão a admirar. Nos últimos anos, no entanto, a piscina foi obstruída por descuido e foi destruída pela longa passagem do tempo; mas em todo o local, que era fértil, os habitantes plantaram vinhas e árvores de toda descrição juntas, para que delas viessem grandes frutos.

Gélon, depois de dispensar os aliados, liderou os cidadãos de volta a Siracusa, e devido à magnitude de seu sucesso ele foi entusiasmadamente recebido não apenas por seus concidadãos, mas também por toda a Sicília; por trazer consigo tantos cativos parecia que a ilha tinha feito toda a Líbia cativa.

26. εὐθὺς δὲ καὶ τῶν πρότερον ἐναντιουμένων πόλεων τε καὶ δυναστῶν παρεγένοντο πρὸς αὐτὸν πρέσβεις, ἐπὶ μὲν τοῖς ἡγνοημένοις αἰτούμενοι συγγνώμην, εἰς δὲ τὸ λοιπὸν ἐπαγγελλόμενοι πᾶν ποιήσιν τὸ προσταττόμενον. ὁ δὲ πᾶσιν ἐπιεικῶς χρησάμενος συμμαχίαν συνετίθετο, καὶ τὴν εὐτυχίαν ἀνθρωπίνως ἔφερεν οὐκ ἐπὶ τούτων μόνον, ἀλλὰ καὶ ἐπὶ τῶν πολεμιωτάτων Καρχηδονίων. παραγενομένων γὰρ πρὸς αὐτὸν ἐκ τῆς Καρχηδόνος τῶν ἀπεσταλμένων πρέσβεων καὶ μετὰ δακρύων δεομένων ἀνθρωπίνως αὐτοῖς χρήσασθαι, συνεχώρησε τὴν εἰρήνην, ἐπράξατο δὲ παρ' αὐτῶν τὰς εἰς τὸν πόλεμον γεγενημένας δαπάνας, ἀργυρίου δισχίλια τάλαντα, καὶ δύο ναοὺς προσέταξεν οἰκοδομῆσαι, καθ' οὓς ἔδει τὰς συνθήκας ἀνατεθῆναι. οἱ δὲ Καρχηδόνιοι παραδόξως τῆς σωτηρίας τετευχότες ταῦτά τε δώσιν προσεδέξαντο καὶ στέφανον χρυσοῦν τῇ γυναικὶ τοῦ Γέλωνος Δαμαρέτη προσωμολόγησαν. αὕτη γὰρ ὑπ' αὐτῶν ἀξιωθεῖσα συνήργησε πλείστον εἰς τὴν σύνθεσιν τῆς εἰρήνης, καὶ στεφανωθείσα ὑπ' αὐτῶν ἑκατὸν τάλαντοις χρυσοῦ, νόμισμα ἐξέκοψε τὸ κληθὲν ἀπ' ἐκείνης Δαμαρέτειον· τοῦτο δ' εἶχε μὲν Ἀττικὰς δραχμὰς δέκα, ἐκλήθη δὲ παρὰ τοῖς Σικελιώταις ἀπὸ τοῦ σταθμοῦ πεντηκοντάλιτρον.

4 Ὁ δὲ Γέλων ἐχρήτο πᾶσιν ἐπιεικῶς, μάλιστα μὲν εἰς¹ τὸν ἴδιον τρόπον, οὐχ ἥκιστα δὲ καὶ σπεύδων ἅπαντας ἔχειν ταῖς εὐνοίαις ἰδίους· παρεσκευάζετο γὰρ πολλῇ δυνάμει πλεῖν ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα καὶ συμ-

5 μαχεῖν τοῖς Ἑλλησι κατὰ τῶν Περσῶν. ἤδη δ'

¹ εἰς P, Vogel ; διὰ vulg., other editors.

Tradução: Livro XI, 26:

E imediatamente vieram a ele embaixadores de ambas as cidades, e líderes que anteriormente se opuseram a ele, pedindo perdão por seus erros passados e prometendo seguir todo seu comando no futuro. Com todos eles ele lidou igualmente e fechou alianças, tendo sua fortuna como os homens devem, não apenas em relação a eles, mas mesmo aos cartagineses, seus piores inimigos. Quando os embaixadores que foram despachados de Cartago vieram a ele e com lágrimas, lhe imploraram que os tratasse humanamente, ele os

garantiu paz, exigindo deles a despesa que ele tivera com a guerra, dois mil talentos de prata, e requerendo a eles que construíssem dois templos nos quais colocariam cópias do tratado. Os cartaginenses, tendo inesperadamente ganho sua libertação, não apenas concordaram com tudo isso, mas também prometeram dar, além disso, uma coroa de ouro para Damaretê, a esposa de Gélon. Ao seu pedido, Damaretê contribuiu para a maior ajuda na conclusão da paz, e quando ela recebeu a coroa de cem talentos de ouro deles, ela lançou uma moeda que foi denominada *Damareteion*. Esta valia dez dracmas áticos e era chamada pelos gregos sicilianos, pelo seu peso, de *pentekontalitron*⁴

Gélon tratou todo homem justamente, principalmente por que esta era sua disposição, mas não por menos importante motivo, que era ele estar ávido para fazer de todos os homens seus por atos de boa vontade. Por exemplo, ele estava aprontando-se para navegar à Grécia com uma grande força e juntar-se aos gregos em sua guerra contra os persas. E ele já estava a ponto de partir para o mar, quando certo homem de Corinto alocou-se em Siracusa e trouxe notícias que os gregos haviam vencido a batalha de Salamina e que Xerxes e uma parte de seu armamento tinham recuado para a Europa. Consequentemente ele parou seus preparativos para embarque, enquanto bem recebia o entusiasmo dos soldados; e quando ele os chamou para uma assembléia, emitindo ordens para cada homem estar completamente armado. Quanto a si mesmo, ele veio à assembléia não apenas sem armas, mas nem mesmo usando uma túnica, e envolvido apenas em uma capa, e dando um passo à frente contou toda a sua vida e tudo o que fizera pelos siracusanos; e quando a multidão gritou sua aprovação a cada ação mencionada por ele, e mostrou sua admiração especialmente por ele se colocar desarmado nas mãos que alguém que poderia querer matá-lo, tão longe ele estava de ser uma vítima de vingança como tirano que eles se uniram em aclamá-lo em uma só voz benfeitor, salvador e rei⁵. Depois desse incidente Gélon construiu templos notáveis para Deméter e Koré⁶ com os espólios, e fazendo um tripé dourado no valor de dezesseis talentos ele o colocou no recinto sagrado de Delfos como uma oferenda de agradecimento a Apolo. Mais tarde ele proporia a construção de um templo à Deméter em Etna, visto que ela não tinha nenhum nesse lugar; mas ele não o completou, sua vida sendo interrompida pelo destino.

Na poesia lírica, Píndaro estava em seu auge nesse período. Agora esses são, em geral, os eventos mais notáveis que aconteceram neste ano.

Rodapé do autor:

4-Uma “litra de cinquenta”, sendo a *litra* uma moeda de prata da Sicília.

5-Tal aclamação reconhece a liderança de Gélon como constitucional, não “tirânica”.

6-As duas entidades chefe da Sicília: conforme Livro 5.2.

Comentários Livro XI, 26:

Este trecho é o registro da consagração de Gélon: foi aclamado como benfeitor, salvador e rei pela população de Siracusa. A *propaganda* dos feitos do tirano é oficializada por meio da cunhagem de uma moeda, o *demaretêion* em homenagem à esposa de Gélon, Demaretê, figura importante no restabelecimento da paz na cidade. O episódio da apresentação de Gélon, desarmado, frente à assembleia, é emblemático: o tirano é legitimado no poder, esquece-se sua origem como usurpador do cargo e ele é reconhecido como governante legítimo, como aquele que tudo faz pelo bem de sua cidade e de seus habitantes. A construção de templos a Deméter e Koré – divindades extremamente populares entre gregos de todas as cidades – consolida a relação intrínseca entre religião e política e atua como instrumento de representação do poder internamente, frente aos habitantes siracusanos e de outras pólis sicilianas. Ao enviar o tripé dourado a Delfos, como homenagem a Apolo, faz circular em uma rede mais ampla, pan-helênica, a lembrança de sua atuação bélica. A menção a Píndaro e à poesia lírica sugere mais uma via de difusão do poderio da família Deinomênida.

ἑαυτοῦ ταφῆς ἐνετείλατο διαστελλόμενος ἀκριβῶς
 τηρῆσαι τὸ νόμιμον. διὸ καὶ τελευτήσαντος αὐτοῦ
 τὴν ἐκφορὰν κατὰ τὴν ἐπαγγελίαν αὐτοῦ συνετέλε-
 4 σεν ὁ διαδεξάμενος τὴν βασιλείαν. ἐτάφη δ'
 αὐτοῦ τὸ σῶμα κατὰ τὸν ἀγρὸν τῆς γυναικὸς ἐν
 ταῖς καλουμέναις Ἑννέα τύρσεσιν, οὓσαις τῷ βάρει
 τῶν ἔργων θαυμασταῖς. ὁ δὲ ὄχλος ἐκ τῆς πόλεως
 ἅπας συνηκολούθησεν, ἀπέχοντος τοῦ τόπου στα-
 5 δίους διακοσίους. ἐνταῦθα δ' αὐτοῦ ταφέντος ὁ μὲν
 δῆμος τάφον ἀξιόλογον ἐπιστήσας ἥρωικαῖς τιμαῖς
 ἐτίμησε τὸν Γέλωνα, ὕστερον δὲ τὸ μὲν μνήμα
 ἀνείλον Καρχηδόνιοι στρατεύσαντες ἐπὶ Συρακού-
 σας, τὰς δὲ τύρσεις Ἀγαθοκλῆς κατέβαλε διὰ τὸν
 φθόνον. ἀλλ' ὅμως οὔτε Καρχηδόνιοι διὰ τὴν
 ἔχθραν οὔτε Ἀγαθοκλῆς διὰ τὴν ἰδίαν κακίαν οὔτε
 ἄλλος οὐδεὶς¹ ἠδυνήθη τοῦ Γέλωνος ἀφελέσθαι τὴν
 6 δόξαν· ἡ γὰρ τῆς ἱστορίας δικαία μαρτυρία τετήρη-
 κε τὴν περὶ αὐτοῦ φήμην, κηρύττουσα διαπρυ-
 σίως εἰς ἅπαντα τὸν αἰῶνα. δίκαιον γὰρ ἅμα καὶ
 συμφέρον ἐστὶ τῷ κοινῷ βίῳ διὰ τὴν ἱστορίαν τοὺς
 μὲν πονηροὺς τῶν ἐν ταῖς ἐξουσίαις γεγενημένων
 βλασφημεῖσθαι, τοὺς δὲ εὐεργετικούς τυγχάνειν
 ἀθανάτου μνήμης· οὕτω γὰρ μάλιστα συμβήσεται
 πολλοὺς ἐπὶ τὴν κοινὴν εὐεργεσίαν προτρέπεσθαι
 τῶν μεταγενεστέρων.
 7 Γέλων μὲν οὖν ἑπταετῇ χρόνον ἐβασίλευσεν, Ἱέρ-
 ρων δ' ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ διαδεξάμενος τὴν ἀρχὴν
 ἐβασίλευσε τῶν Συρακοσίων ἔτη ἑνδεκα καὶ μῆνας
 ὀκτώ.

¹ οὐδεὶς *Const. Exc. 4*, p. 308 : οὐδὲ εἰς.

Tradução XI, 38:

Quando Timóstenes era arconte em Atenas em Roma Caeso Fabius e Lucios Aemilius Mamercus sucederam ao consulato. Durante esse ano por toda a Sicília uma quase completa paz impregnava a ilha, os cartaginenses finalmente tendo sido humilhados, e Gélon estabelecera uma liderança benevolente aos gregos sicilianos e estava provendo suas cidades com um governo de alto grau de ordem e uma abundância de toda necessidade para viver. E visto que os siracusanos tinham, por lei, acabado com funerais custosos e abolido a

despesa que era, por costume, incorrida aos mortos, havia sido especificado na lei mesmo os funerais completamente baratos, o rei Gélon, desejando promover e manter o interesse do povo em todos os sentidos, manteve a lei relativa aos enterros intacta em seu próprio caso; quando ele adoeceu e perdeu a esperança de viver, ele entregou a coroa a Hiéron, seu irmão mais velho, e em relação ao próprio enterro ele deu ordens para que as prescrições da lei fossem estritamente observadas. Consequentemente, com sua morte seu funeral foi realizado por seu sucessor ao trono como ele havia ordenado. Seu corpo foi enterrado na propriedade de sua esposa nas Nove Torres, como era chamada, que é uma maravilha aos homens, por sua forte construção. E toda a população acompanhou seu corpo da cidade, embora o lugar fosse distante duzentos stadion. Aqui ele foi enterrado, e as pessoas ergueram uma notável tumba e deram a Gélon as honras que pertenciam aos heróis; mas mais tarde o monumento seria destruído pelos cartaginenses em uma campanha contra Siracusa, enquanto as torres foram derrubadas por Agátocles por inveja. Mesmo assim, nem os cartaginenses em sua hostilidade nem Agátocles em sua baixaza nata, nem qualquer outro homem foi capaz de privar Gélon de sua glória; apenas a História como testemunha guardou sua justa fama, anunciando-a ao exterior com voz penetrante, para sempre. Certamente é justo e benéfico à sociedade que a História acumule imprecizações sobre os homens que ocuparam posições de autoridade, mas deveria outorgar eterna memória àqueles que foram líderes benfazejos; nesse caso especialmente, será encontrado, muitos homens de gerações posteriores serão impelidos a trabalhar pelo bem geral da humanidade.

Comentários Livro XI, 38

Diodoro relata a morte de Gélon como a perda de um benfeitor da cidade, um governante que teve um papel importante e que mereceu receber as honras devidas a um herói. Embora tenha sido enterrado na propriedade da esposa, segundo a narrativa, em área afastada, foi homenageado com a construção de uma tumba avaliada como notável. Isto a despeito de sua vontade de respeitar as novas leis que limitavam a pompa dos funerais.

Temos que enfatizar que o uso que Diodoro faz do termo grego *basileus* em referência a Gélon indica reconhecimento de legitimidade e talvez até busca de aproximação com os reis homéricos. Percebe-se que o termo *tyrannós* com conotação negativa somente será utilizado no livro XIX de Diodoro, Até o século IV , quando Agátocles toma o poder em Siracusa não há menção ao termo referente ao tirano malfeitor.

No excerto Diodoro afirma que é justo que homens que governaram de forma benéfica para a sociedade deveriam receber homenagens diferenciadas em relação aos que somente ocuparam cargos de autoridade. Ao serem lembrados como heróis, imortais na lembrança das gerações vindouras, tornam-se exemplos de humanidade na posteridade. Assim, defende um funeral com honras de herói somente para os que realmente mereceram. Outra menção importante foi relativa à posterior destruição do túmulo de Gélon, seria um indício de ações bélicas comuns, o que explicaria a dificuldade da arqueologia em recuperar os *heroa* dos oikistas tão citados pelas fontes escritas?

49. Ἰέρων δὲ τοὺς τε Ναξίους καὶ τοὺς Καταναίους ἐκ τῶν πόλεων ἀναστήσας, ἰδίους οἰκήτορας ἀπέστειλεν, ἐκ μὲν Πελοποννήσου πεντακισχιλίους ἀθροίσας, ἐκ δὲ Συρακουσῶν ἄλλους τοσούτους προσθείς· καὶ τὴν μὲν Κατάνην μετωνόμασεν Αἴτνην, τὴν δὲ χώραν οὐ μόνον τὴν Καταναίαν, ἀλλὰ καὶ πολλὴν τῆς ὁμόρου προσθείς κατεκληρούχησε, ² μυρίους πληρώσας οἰκήτορας. τοῦτο δ' ἔπραξε σπεύδων ἅμα μὲν ἔχειν βοήθειαν ἐτοίμην ἀξιόλογον πρὸς τὰς ἐπιούσας χρείας, ἅμα δὲ καὶ ἐκ τῆς γενομένης μυριάδρου πόλεως τιμὰς ἔχειν ἥρωικάς. τοὺς δὲ Ναξίους καὶ τοὺς Καταναίους ἐκ τῶν πατρίδων ἀνασταθέντας μετώκισεν εἰς τοὺς Λεοντί-
³ νους, καὶ μετὰ τῶν ἐγχωρίων προσέταξε κατοικεῖν τὴν πόλιν. Θήρων δὲ μετὰ τὴν Ἰμεραίων σφαγὴν ὄρων τὴν πόλιν οἰκητόρων δεομένην, συνώκισεν εἰς ταύτην τοὺς τε Δωριεῖς καὶ τῶν ἄλλων τοὺς ⁴ βουλομένους ἐπολιτογράφησεν. οὗτοι μὲν οὖν μετ' ἀλλήλων καλῶς πολιτευόμενοι διετέλεσαν ἔτη πεντήκοντα καὶ ὀκτώ· τότε δὲ τῆς πόλεως ὑπὸ Καρχηδονίων χειρωθείσης καὶ κατασκαφείσης, διέμεινεν ἀοίκητος μέχρι τῶν καθ' ἡμᾶς καιρῶν.

Tradução Livro XI, 49:

Hiéron removeu o povo de Naxos e Catania de suas cidades e mandou para lá colonos de sua própria escolha, tendo juntado cinco mil do Peloponeso e adicionando igual número de outros de Siracusa; e o nome de Catania ele mudou para Etna, e não apenas o território de Catania, mas também muitas das terras vizinhas que ele adicionou ao mesmo ele dividiu em lotes, até completar o montante de dez mil colonos. Isso ele fez por desejar, não apenas porque teria uma ajuda substancial à mão para qualquer necessidade que surgisse, mas também pelo recém-fundado Estado de dez mil homens ele receberia as honras destinadas aos heróis. E os habitantes de Naxos e de Catania que ele removera de sua terra natal ele transferiu para Leontinos e os ordenou que se estabelecessem junto à população local. E Téron, vendo que após o massacre dos himerianos a cidade necessitava de colonos, fez uma multidão mista ali, admitindo como seus cidadãos os dóricos e outros que

assim o quisessem. Esses cidadãos viveram juntos em harmonia no Estado por cinquenta e oito anos; mas ao expirar esse período a cidade foi conquistada e arrasada pelos cartaginenses e permaneceu desabitada até hoje.

Comentários Livro XI, 49:

Diodoro, ao relatar o episódio em que Hiéron remove a população de Naxos e Catânia, para fundar uma nova cidade, documenta o passo fundamental do tirano em sua busca de reconhecimento como fundador, oikista. Nomeia a fundação como Etna, divide as terras, repartindo em lotes entre os colonos que o acompanham. Como já dissemos, executa os atos primordiais de um oikista. Neste sentido, supera Gélon, que remodelou Siracusa, pode ter até *refundado* a pólis com seus remanejamentos urbanísticos, mas nunca se colocou como um fundador.

66. Ἐπ' ἄρχοντος δ' Ἀθήνησι Λυσιστράτου
Ῥωμαῖοι κατέστησαν ὑπάτους Λεύκιον Πινάριον
Μαμερτῖνον καὶ Πούπλιον Φούριον Φίφρωνα. ἐπὶ

δὲ τούτων Ἰέρων ὁ τῶν Συρακοσίων βασιλεὺς τοὺς
Ἀναξίλα παῖδας τοῦ γενομένου τυράννου Ζάγκλης
εἰς Συρακούσας μεταπεμψάμενος μεγάλας δωρεαῖς
ἀνεμίμησκει τῆς Γέλωνος γενομένης πρὸς τὸν
πατέρα αὐτῶν εὐεργεσίας, καὶ συνεβούλευεν αὐτοῖς
ἤδη τὴν ἡλικίαν ἡνδρωμένοις ἀπαιτῆσαι λόγον παρὰ
Μίκυθου τοῦ ἐπιτροπεύοντος, καὶ τὴν δυναστείαν
2 αὐτοὺς παραλαβεῖν. τούτων δ' ἐπανελθόντων εἰς
τὸ Ῥήγιον, καὶ τὸν ἐπίτροπον λόγον ἀπαιτούντων
τῶν διωκημένων, ὁ Μίκυθος, ἀνὴρ ὢν ἀγαθός,
συνήγαγε τοὺς πατρικοὺς φίλους τῶν παίδων καὶ
τὸν λόγον οὕτω καθαρῶς ἀπέδωκεν, ὥστε ἅπαντας
τοὺς παρόντας θαυμάζειν τὴν τε δικαιοσύνην καὶ
τὴν πίστιν, τοὺς δὲ παῖδας μεταμεληθέντας ἐπὶ τοῖς
πραχθεῖσιν ἀξιοῦν τὸν Μίκυθον πάλιν τὴν ἀρχὴν
παραλαβεῖν, καὶ πατρὸς ἐξουσίαν ἔχοντα καὶ τάξιν
3 διοικεῖν τὰ κατὰ τὴν δυναστείαν. οὐ μὲν ὁ Μίκυ-
θός γε συνεχώρησεν, ἀλλὰ πάντα παραδοὺς ἀκριβῶς
καὶ τὴν ἰδίαν οὐσίαν ἐνθέμενος εἰς πλοῖον ἐξέπλευ-
σεν ἐκ τοῦ Ῥηγίου, προπεμπόμενος ὑπὸ τῆς τῶν
ὄχλων εὐνοίας. οὗτος μὲν οὖν εἰς τὴν Ἑλλάδα
κατάρas ἐν Τεγέαις τῆς Ἀρκαδίας κατεβίωσεν
ἐπαινούμενος. Ἰέρων δ' ὁ τῶν Συρακοσίων βασι-
4 λεὺς ἐτελεύτησεν ἐν τῇ Κατάνῃ, καὶ τιμῶν ἡρωι-
κῶν ἔτυχεν, ὥς ἂν κτίστης γεγονὼς τῆς πόλεως.
οὗτος μὲν οὖν ἄρξας ἔτη ἑνδεκα κατέλιπε τὴν
βασιλείαν Θρασυβούλῳ τῷ ἀδελφῷ, ὃς ἥρξε Συ-
ρακοσίων ἐνιαυτὸν ἓνα.

Tradução Livro XI, 66

Quando Lisístrato era arconte em Atenas, os romanos elegeram como cônsules Lucius Pinarius Mamertinus e Publius Furius Fifron. Nesse ano Hiéron, o rei dos siracusanos, convocando a Siracusa os filhos de Anaxilas, o ex-tirano de Zancle, e dando-lhes grandes presentes, os recordou dos benefícios que Gélon concedera ao pai deles, e os aconselhou, agora que haviam atingido a maturidade, a solicitar um balanço de Micythus, seu tutor, e

eles mesmos tomarem o governo de Zancle. E quando eles retornaram a Rhegium e pediram ao seu tutor um balanço de sua administração, Micythus, que era um homem íntegro, juntou os antigos amigos da família das crianças e apresentou um balanço tão honesto que todos os presentes encheram-se de admiração por sua justiça e boa-fé; e as crianças, arrependendo-se dos passos que tomaram, imploraram a Micythus que tomasse a administração de volta e para conduzir os assuntos de Estado com o poder e posição de um pai. Micythus, no entanto, não atendeu ao pedido, mas depois de deixar tudo pontualmente nas mãos deles e colocando seus próprios bens a bordo de um navio, ele partiu de Rhegium, acompanhado pela boa vontade da população; e chegando à Grécia ele passou o resto de sua vida em Tegea, na Arcádia, desfrutando da aprovação dos outros. E Hiéron, o rei dos siracusanos, morreu em Catania e recebeu as honras destinadas aos heróis, por ter sido o fundador da cidade. Ele governara por onze anos, e deixou o reino para seu irmão Trasíbulo, que governou os siracusanos por um ano.

Comentários Livro XI, 66

Ao comentar a morte de Hiéron Diodoro usa o termo *basileus* mas não exorta seus feitos: é lacônico e econômico nas palavras. Relaciona as honras heróicas ao seu feito com fundador. O contraste com a descrição da morte de Gélon é vivo.

67. Ἐπ' ἄρχοντος δ' Ἀθήνησι Λυσανίου Ῥωμαῖοι κατέστησαν ὑπάτους Ἀππίον Κλαύδιον καὶ Τίτον Κοῖντιον Καπιτώλιον. ἐπὶ δὲ τούτων Θρασύβουλος ὁ τῶν Συρακοσίων βασιλεὺς ἐξέπεσεν ἐκ

τῆς ἀρχῆς, περὶ οὗ τὰ¹ κατὰ μέρος ἀναγράφοντας ἡμᾶς ἀναγκαῖόν ἐστι βραχὺ τοῖς χρόνοις ἀναδραμόντας ἀπ' ἀρχῆς ἅπαντα καθαρῶς ἐκθεῖναι.

² Γέλων ὁ Δεινομένους ἀρετῇ καὶ στρατηγίᾳ πολὺ τοὺς ἄλλους διενέγκας καὶ Καρχηδονίους καταστρατηγήσας ἐνίκησε παρατάξει μεγάλη τοὺς βαρβάρους, καθότι προείρηται· χρησάμενος δὲ ἐπιεικῶς τοῖς καταπολεμηθεῖσι καὶ καθόλου τοῖς πλησιόχωροις πᾶσι προσενεχθεὶς φιланθρώπως, μεγάλης ³ ἔτυχεν ἀποδοχῆς παρὰ τοῖς Σικελιώταις. οὗτος μὲν οὖν ὑπὸ πάντων ἀγαπώμενος διὰ τὴν πραότητα, διετέλεσε τὸν βίον εἰρηνικῶς μέχρι τῆς τελευτῆς. τὴν δὲ βασιλείαν διαδεξάμενος Ἰέρων ὁ πρεσβύτατος τῶν ἀδελφῶν οὐχ ὁμοίως ἦρχε τῶν ὑπο⁴ τεταγμένων· ἦν γὰρ καὶ φιλάργυρος καὶ βίαιος καὶ καθόλου τῆς ἀπλότητος καὶ καλοκάγαθίας² ἄλλοτριώτατος. διὸ καὶ πλείονές τινες ἀφίστασθαι βουλόμενοι παρακατέσχον τὰς ἰδίας ὁρμὰς διὰ τὴν Γέλωνος δόξαν καὶ τὴν εἰς τοὺς ἅπαντας Σικελιώτας εὐνοίαν. μετὰ δὲ τὴν Ἰέρωνος τελευτὴν παραλαβὼν τὴν ἀρχὴν Θρασύβουλος ὁ ἀδελφὸς ὑπερέβαλε τῇ κακίᾳ τὸν πρὸ αὐτοῦ βασιλεύσαντα. βίαιος γὰρ ὢν καὶ φονικὸς πολλοὺς μὲν τῶν πολιτῶν ἀνῆρει παρὰ τὸ δίκαιον, οὐκ ὀλίγους δὲ φυγαδεύων ἐπὶ ψευδέσι διαβολαῖς τὰς οὐσίας εἰς τὸ βασιλικὸν ἀνελάμβανε· καθόλου δὲ μισῶν καὶ μισούμενος ὑπὸ τῶν ἀδικουμένων, μισθοφόρων πλῆθος ἐξενολόγησεν, ἀντίταγμα κατασκευάζων ταῖς

¹ τὰ added by Dindorf.

² τὰδελφοῦ after καλοκάγαθίας omitted by Pa and deleted by Vogel

Tradução, Livro XI, 67:

Quando Lisânias foi arconte em Atenas, os romanos elegeram como cônsules, Appius Claudius e Titus Quinctius Capitolinus. Durante este ano Trasíbulo, o rei dos siracusanos, foi expulso de seu trono, e uma vez que estamos escrevendo

um relato detalhado deste evento, nós temos que voltar alguns anos e estabelecer claramente toda a história desde o início.

Gélon, filho de Deinomenes, que de longe superou todos os outros homens de valor e estratégia e expulsou os cartaginenses, derrotou estes bárbaros em uma grande batalha, como já foi dito, e já que ele tratou os povos que ele dominou com justiça e, em geral, se comportou de forma humana para com todos os seus vizinhos mais próximos, ele desfrutava de alto favor entre os gregos sicilianos. Assim Gélon, sendo amado por todos por causa de seu governo moderado, viveu em paz ininterrupta até sua morte. Mas Hiéron, o mais velho entre os irmãos, que o sucedeu ao trono, não governou seus súditos da mesma forma; pois ele era avarento e violento e, falando de modo geral, um alheio total à sinceridade e à nobreza de caráter. Consequentemente, havia muitos que desejavam revolta, mas eles contiveram suas inclinações por causa da reputação de Gélon e da boa vontade que ele mostrara para todos os gregos sicilianos. Depois da morte de Hiéron, no entanto, seu irmão Trasíbulo, que o sucedeu ao trono, superou em maldade seu antecessor na realeza. Por ser um homem violento e assassino por natureza, ele condenou à morte muitos cidadãos injustamente e levou não poucos ao exílio sob falsas acusações, confiscando os seus bens para o tesouro real; e uma vez que, de modo geral, ele odiava àqueles que enganara e era odiado por eles, ele recorreu a um grande corpo de mercenários, preparando desta forma uma legião com a qual se opor à tropa de cidadãos. E desde que ele continuou incorrendo o ódio dos cidadãos mais e mais, ultrajando muitos e executando outros, ele obrigou as vítimas à revolta. Consequentemente, os siracusanos, escolhendo homens que assumiriam a liderança, começaram com um homem para destruir a tirania, e uma vez que tinham sido organizados por seus líderes eles se agarraram teimosamente à sua liberdade. Quando Trasíbulo viu que toda a cidade armou-se contra ele, ele primeiro tentou parar a revolta pela persuasão; mas depois que ele observou que o movimento dos siracusanos não poderia ser parado, ele reuniu tanto os colonos os quais Hiéron instalara em Catania e seus outros aliados, bem como uma infinidade de mercenários, de modo que seu exército contava ao todo quase quinze mil homens. Então, apreendendo Achradinê, como é chamada, e a Ilha, que era fortificada, e usando-as como bases, começou uma guerra contra os cidadãos revoltados.

Comentários Livro XI, 67

A narrativa diodorianana continua na crítica aos tiranos que se seguem a Gélon. Depois de Hiéron, Trasíbulo, pelo seu governo ineficiente é expulso do poder. Voltando no tempo, Diodoro elenca reiteradamente as virtudes de Gélon e, progressivamente constrói a figura do *tirano mau* :violência,falta de nobreza de caráter,perseguições aos inimigos internos,morte dos desafetos,uso de mercenários contra os cidadãos .

μὲν ἀξιόχρεως τοῖς Συρακοσίοις. διὸ καὶ τὰς
 ναῦς καταρτίσαντες οἱ Συρακόσιοι καὶ τὴν πεζὴν
 δύναμιν ἐκτάξαντες, ἐτοίμους ἑαυτοὺς ἀπέδειξαν
 3 καὶ πεζῇ καὶ κατὰ θάλατταν¹ διαγωνίζεσθαι. ὁ δὲ
 Θρασύβουλος ἐγκαταλειπόμενος ὑπὸ τῶν συμ-
 μάχων καὶ τὰς ἐλπίδας ἐν αὐτοῖς ἔχων τοῖς μισθο-
 φόροις, τῆς μὲν Ἀχραδινῆς καὶ τῆς Νήσου κύριος
 ἦν, τὸ δὲ λοιπὸν μέρος τῆς πόλεως κατεῖχον οἱ Συ-
 ρακόσιοι. μετὰ δὲ ταῦτα ὁ μὲν Θρασύβουλος ταῖς
 ναυσὶν ἐπιπλεύσας ἐπὶ τοὺς πολεμίους, καὶ λειφθεὶς
 τῇ ναυμαχίᾳ, συχνὰς μὲν τριήρεις ἀπέβαλε, ταῖς δ'
 4 ἄλλαις κατέφυγεν εἰς τὴν Νήσον. ὁμοίως δὲ καὶ
 τὴν πεζὴν δύναμιν προαγαγὼν ἐκ τῆς Ἀχραδινῆς
 καὶ παραταξάμενος ἐν τοῖς προαστείοις ἡττήθη,
 καὶ πολλοὺς ἀποβαλὼν ἠναγκάσθη πάλιν εἰς τὴν
 Ἀχραδινὴν ἀποχωρῆσαι. τέλος δὲ ἀπογνοὺς τὴν
 τυραννίδα διεπρεσβεύσατο πρὸς τοὺς Συρακοσίους,
 καὶ συνθέμενος τὰ πρὸς αὐτοὺς ὑπόσπονδος ἀπ-
 5 ἦλθεν εἰς Λοκρούς. οἱ δὲ Συρακόσιοι τοῦτον
 τὸν τρόπον ἐλευθερώσαντες τὴν πατρίδα τοῖς μὲν
 μισθοφόροις συνεχώρησαν ἀπελθεῖν ἐκ τῶν Συρα-
 κουσῶν, τὰς δὲ ἄλλας πόλεις τὰς τυραννουμένας
 ἢ φρουρὰς ἐχούσας ἐλευθερώσαντες ἀποκατέστησαν
 6 ταῖς πόλεσι τὰς δημοκρατίας. ἀπὸ δὲ τούτων τῶν
 χρόνων εἰρήνην ἔχουσα πολλὴν ἐπίδοσιν ἔλαβε πρὸς
 εὐδαιμονίαν, καὶ διεφύλαξε τὴν δημοκρατίαν ἔτη
 σχεδὸν ἑξήκοντα μέχρι τῆς Διονυσίου τυραννίδος.
 7 Θρασύβουλος δὲ καλῶς θεμελιωθεῖσαν βασιλείαν
 παραλαβὼν, διὰ τὴν ἰδίαν κακίαν ἀσχερῶς ἀπέβαλε

¹ βουλομένους after θάλατταν deleted by Bekker and Vogel.

68. Οἱ δὲ Συρακόσιοι τὸ μὲν πρῶτον μέρος τῆς
 πόλεως κατελάβοντο τὴν ὀνομαζομένην Τύχην,¹ ἐκ
 ταύτης δὲ ὀρμώμενοι πρεσβευτὰς ἀπέστειλαν εἰς
 Γέλαν καὶ Ἀκράγαντα καὶ Σελινούντα, πρὸς δὲ
 τούτοις εἰς Ἰμέραν καὶ πρὸς τὰς τῶν Σικελῶν
 πόλεις τὰς ἐν τῇ μεσογείῳ κειμένας, ἀξιοῦντες
 κατὰ τάχος συνελθεῖν καὶ συνελευθερῶσαι τὰς
 2 Συρακούσας. πάντων δὲ προθύμως ὑπακουόν-
 των, καὶ συντόμως ἀποστειλάντων τῶν μὲν πεζοῦς
 καὶ ἱππεῖς στρατιώτας, τῶν δὲ ναῦς μακρὰς
 κεκοσμημένας εἰς ναυμαχίαν, ταχὺ συνήχθη δύνα-

¹ ἰτύκην MSS. ; cp. Cicero, *In Verrem*, 4. 119 : "tertia est urbs quae . . . Tycha nominata est."

*τὴν ἀρχήν, καὶ φυγὼν εἰς Λοκροὺς ἐνταῦθα τὸν
λοιπὸν χρόνον ἰδιωτεύων κατεβίωσεν.*

*8 Ἄμα δὲ τούτοις πραττομένοις ἐν τῇ Ῥώμῃ τότε
πρώτως κατεστάθησαν δῆμαρχοι τέτταρες, Γάιος
Σικίνιος καὶ Λεύκιος Νεμετώριος, πρὸς δὲ τούτοις
Μάρκος Δουίλλιος καὶ Σπόριος Ἀκίλιος.*

Tradução Livro XI, 68:

Os siracusanos no início apreenderam uma parte da cidade chamada Tychê³, e operando dali eles despacharam embaixadores para Gela, Agrigento, e Selinunte, e também para Himera e as cidades dos sículos no interior da ilha, pedindo-lhes que viessem a toda velocidade e se juntassem a eles para libertar Siracusa. E visto que todas essas cidades atenderam ao pedido avidamente e apressadamente enviassem ajuda, algumas de suas infantarias, e cavalaria e outros navios de guerra completamente equipados para ação, em pouco tempo havia um armamento considerável com o qual ajudar os siracusanos. Consequentemente os siracusanos, tendo aprontado seus navios e preparado seu exército para a batalha, demonstraram que estavam prontos para lutar até o fim tanto em terra quanto em mar. Trasíbulo, abandonado como estava por seus aliados e baseando suas esperanças apenas nos mercenários, foi senhor apenas de Achradinê e da ilha, enquanto que o resto da cidade estava nas mãos dos siracusanos. Depois disso, Trasíbulo navegou com seus navios contra o inimigo, e depois de sofrer derrota em batalha com a perda de numerosos trirremes, ele recuou com os navios restantes para a ilha. Similarmente ele guiou seu exército de Achradinê e o preparou para batalha nos subúrbios, mas sofreu derrota e foi forçado a retirar, com sérias perdas, para Achradinê⁷. No final, perdendo a esperança de manter a tirania, ele abriu negociações com os siracusanos, chegou a um entendimento com eles, e retirou-se sob trégua para Locris⁸. Os siracusanos, tendo liberado sua cidade natal dessa maneira, deram permissão aos mercenários para deixar Siracusa, e eles liberaram outras cidades, que também estavam em mãos de tiranos ou tinham guarnições, e restabeleceram democracias nas mesmas. Dali em diante a cidade desfrutou de paz e prosperou grandemente, e manteve sua

democracia por quase sessenta anos, até a tirania estabelecida por Dionísio⁹. Mas Trasíbulo, que tomara a realza que tinha sido estabelecida em tão justa fundação, desgraçadamente perdeu seu reino por sua própria maldade, e fugindo para Locris ele viveu o resto de sua vida em privado.

Enquanto esses eventos aconteciam, em Roma esse ano pela primeira vez quatro tribunos eram eleitos para o cargo, Gaius Sicinius, Lucius Numitorius, Marcus Duillius, e Spurius Acillus.

Rodapés do autor:

⁷ Esse setor unia-se a Achradinê pelo oeste.

⁸ Epizephyrian Locri, na “ponta da bota” da Itália. [pg.303]

⁹ Em 406 a. C.; conforme Livro 13.95 ff.

Comentário Livro XI, 68:

A derrota de Trasíbulo - o mau tirano – leva 60 anos de democracia a Siracusa e a libertação de outras cidades subjugadas pelo tirano. A tirania retorna com Dionísio. Ao descrever os episódios da guerra promovida por Trasíbulo Diodoro descreve Siracusa como a megalópolis em que havia transformado pela ação dos tiranos :o crescimento da população, incrementado pelos demais gregos expulsos de suas terras e trazidos para lá; a expansão de Ortígia para as áreas vizinhas, formando uma *ásty* de dimensões desconhecidas para o mundo grego da época; a mistura de populações e culturas que acabaram por modificar crucialmente a noção grega de cidadania, atribuída aleatoriamente a mercenários de vários lugares.

72. Κατὰ δὲ τὴν Σικελίαν ἄρτι καταλελυμένης τῆς ἐν ταῖς Συρακούσαις τυραννίδος καὶ πασῶν τῶν κατὰ τὴν νῆσον πόλεων ἡλευθερωμένων, πολλὴν ἐπίδοσιν ἐλάμβανεν ἡ σύμπασα Σικελία πρὸς εὐδαιμονίαν· εἰρήνην γὰρ ἔχοντες οἱ Σικελιῶται καὶ χώραν ἀγαθὴν νεμόμενοι, διὰ τὸ πλῆθος τῶν καρπῶν ταχὺ ταῖς οὐσίαις ἀνέτρεχον καὶ τὴν χώραν ἐπλήρωσαν οἰκετῶν καὶ κτηνῶν καὶ τῆς ἄλλης εὐδαιμονίας, μεγάλας μὲν λαμβάνοντες προσόδους, οὐδὲν
2 δὲ εἰς τοὺς εἰωθότας πολέμους ἀναλίσκοντες. μετὰ δὲ ταῦτα πάλιν εἰς πολέμους καὶ στάσεις ἐνέπεσον διὰ τοιαύτας τινὰς αἰτίας. καταλύσαντες τὴν Θρασυβούλου τυραννίδα συνήγαγον ἐκκλησίαν, καὶ περὶ τῆς ἰδίας δημοκρατίας βουλευσάμενοι πάντες ὁμογνωμόνως ἐψηφίσαντο Διὸς μὲν ἐλευθερίου κολοπτιᾶν ἀνδριάντα κατασκευάσαι, κατ' ἐνιαυτὸν δὲ θύειν Ἐλευθέρια καὶ ἀγῶνας ἐπιφανεῖς ποιεῖν κατὰ τὴν αὐτὴν ἡμέραν ἐν ᾗ τὸν τύραννον καταλύσαντες ἡλευθέρωσαν τὴν πατρίδα· θύειν δ' ἐν τοῖς ἀγῶσι τοῖς θεοῖς ταύρους τετρακοσίους καὶ πεντήκοντα, καὶ τούτους δαπανᾶν εἰς τὴν τῶν πολι-
3 τῶν εὐχίαν. τὰς δὲ ἀρχὰς ἀπάσας τοῖς ἀρχαίοις πολίταις ἀπένεμον· τοὺς δὲ ξένους τοὺς ἐπὶ τοῦ Γέλωνος πολιτευθέντας οὐκ ἡξίου μετέχειν ταύτης τῆς τιμῆς, εἴτε οὐκ ἀξίους κρίναντες, εἴτε καὶ ἀπιστοῦντες μήποτε συντεθραμμένοι τυραννίδι καὶ

μονάρχῳ συνεστρατευμένοι νεωτερίζειν ἐπιχειρήσωσιν· ὅπερ καὶ συνέβη γενέσθαι. τοῦ γὰρ Γέλωνος πλείονας τῶν μυρίων πολιτογραφήσαντος ξένους μισθοφόρους, ἐκ τούτων περιελείποντο πλείους τῶν ἑπτακισχιλίων κατὰ τοὺς ὑποκειμένους καιροὺς.

Tradução Livro, XI 72:

Na Sicília, assim que a tirania de Siracusa fora derrubada e todas as cidades da ilha liberadas, toda Sicília estava caminhando a grandes passos para a prosperidade. Os gregos sicilianos estavam em paz, e a terra que cultivavam era fértil, de modo que a abundância de suas colheitas permitia que aumentassem suas propriedades e encher a terra de escravos e animais

domésticos e qualquer outro acompanhamento de prosperidade, lucrando muito de um lado e não gastando nada com as guerras com as quais estavam acostumados. Mas mais tarde eles estariam novamente imersos em guerras e conflitos civis pelas seguintes razões. Depois de os siracusanos terem derrubado a tirania de Trasíbulo, eles reuniram a assembleia, e depois de deliberar em formar uma democracia própria todos eles votaram por unanimidade em fazer uma estátua colossal de Zeus o Libertador e todo ano celebrar com sacrifícios o Festival da Libertação e realizar jogos de distinção no dia em que eles tinham derrubado o tirano e libertado sua cidade natal; e eles também votaram para sacrificar aos deuses, em conexão com os jogos, quatrocentos e cinquenta touros e usá-los para o banquete dos cidadãos. Para todas as magistraturas, eles propuseram atribuí-las aos cidadãos originais, mas os estrangeiros que conseguiram cidadania sob Gélon não compartilhavam a mesma dignidade, seja porque foram julgados indignos ou porque eles eram suspeitos de que, por terem sido criados nos modos da tirania e por ter servido na guerra sob um monarca, poderiam tentar uma revolução. E isso foi o que realmente aconteceu. Gélon registrou como cidadãos mais de dez mil mercenários estrangeiros, e destes existiam na data em questão mais de sete mil.

Comentários Livro XI, 72:

Neste trecho Diodoro menciona a democracia como um momento bom da vida dos siracusanos, sem guerras, em paz. Porém, havia os mercenários, que os incomodavam por conta de serem estrangeiros e não poderem ser cidadãos. Segundo F. de Coulanges a cidade submetida a outra jamais se juntaria, a vitória podia fazer de todos os habitantes outros tantos escravos, mas nunca concidadãos vencedores. “Confundir duas cidades em um só estado, unir a população vencida à vitoriosa e associar as duas cidades em um só governo é coisa jamais encontrada entre os antigos. A cidade possuía suas crenças e jamais os estrangeiros poderiam participar das cerimônias” (2005:153)

76. Κατὰ δὲ τὴν Σικελίαν Συρακόσιοι μὲν πολε-
μοῦντες τοῖς ἀφεςστηκόσι ξένοις συνεχεῖς προσβολὰς
ἐποιοῦντο τῇ τε Ἀχραδινῇ καὶ τῇ Νήσῳ, καὶ ναυ-
μαχία μὲν ἐνίκησαν τοὺς ἀποστάντας, πεζῇ δ' οὐκ

ἴσχυον ἐκβαλεῖν ἐκ τῆς πόλεως διὰ τὴν ὀχυρότητα
2 τῶν τόπων. μετὰ δὲ ταῦτα παρατάξεως γενομένης
ἐπὶ τῆς χώρας, καὶ τῶν ἀγωνιζομένων παρ' ἀμφο-
τέροις ἐκθύμως κινδυνευόντων, πεσεῖν συνέβη οὐκ
ὀλίγους παρ' ἀμφοτέροις, νικῆσαι δὲ τοὺς Συρακο-
σίους. μετὰ δὲ τὴν μάχην οἱ Συρακόσιοι τοὺς μὲν
ἐπιλέκτους, ὄντας ἑξακοσίους, αἰτίους γενομένους
τῆς νίκης, ἐστεφάνωσαν ἀριστεία δόντες ἀργυρίου
μνᾶν ἑκάστω.

3 Ἄμα δὲ τούτοις πραττομένοις Δουκέτιος μὲν ὁ
τῶν Σικελῶν ἡγεμὼν, χαλεπῶς ἔχων τοῖς τὴν
Κατάνην οἰκοῦσι διὰ τὴν ἀφαίρεσιν τῆς τῶν Σικε-
λῶν χώρας, ἐστράτευσεν ἐπ' αὐτούς. ὁμοίως δὲ
καὶ τῶν Συρακοσίων στρατευσάντων ἐπὶ τὴν
Κατάνην, οὗτοι μὲν κοινῇ κατεκληρούχησαν τὴν
χώραν καὶ τοὺς¹ κατοικισθέντας² ὑφ' Ἰέρωνος τοῦ
δυνάστου ἐπολέμουν· ἀντιταχθέντων δὲ τῶν ἐν τῇ
Κατάνη καὶ λειφθέντων πλείοσι μάχαις, οὗτοι μὲν
ἐξέπεσον ἐκ τῆς Κατάνης, καὶ τὴν νῦν οὔσαν Αἴτνην
ἐκτήσαντο, πρὸ τούτου καλουμένην Ἰνησσαν, οἱ δ'
ἐξ ἀρχῆς ἐκ τῆς Κατάνης ὄντες ἐκομίσαντο πολλῶ
χρόνῳ τὴν πατρίδα.

4 Τούτων δὲ πραχθέντων οἱ κατὰ τὴν Ἰέρωνος
δυναστείαν ἐκπεπτωκότες ἐκ τῶν ἰδίων πόλεων
ἔχοντες τοὺς συναγωνιζομένους κατῆλθον εἰς τὰς
πατρίδας καὶ τοὺς ἀδίκως τὰς ἀλλοτρίας πόλεις
ἀφηρεμένους ἐξέβαλον ἐκ τῶν πόλεων· τούτων δ'
ἦσαν Γελῶοι καὶ Ἀκραγαντῖνοι καὶ Ἱμεραῖοι.
5 παραπλησίως δὲ τούτοις καὶ Ῥηγῖνοι μετὰ Ζαγ-

¹ τοὺς added by Dindorf.

² So Wesseling : κατοικισθέντες.

κλαίων τοὺς Ἀναξίλου παῖδας δυναστεύοντας ἐκβαλόντες ἡλευθέρωσαν τὰς πατρίδας. μετὰ δὲ ταῦτα Ἰαμάριναν μὲν Γελῶοι κατοικίσαντες ἐξ ἀρχῆς κατεκληρούχησαν· αἱ δὲ πόλεις σχεδὸν ἅπασαι πρὸς τὴν κατάλυσιν τῶν πολέμων¹ ὀρμήσασαι, καὶ κοινὸν δόγμα ποιησάμεναι, πρὸς τοὺς κατοικοῦντας ξένους διελύθησαν, καὶ τοὺς φυγάδας καταδεξάμεναι τοῖς ἀρχαίοις πολίταις τὰς πόλεις ἀπέδωσαν, τοῖς δὲ ξένοις τοῖς διὰ τὰς δυναστείας ἀλλοτρίας τὰς πόλεις ἔχουσι συνεχώρησαν τὰ ἑαυτῶν ἀποκο-

6 μίζειν καὶ κατοικεῖν ἅπαντας ἐν τῇ Μεσσηνίᾳ. αἱ μὲν οὖν κατὰ Σικελίαν ἐν ταῖς πόλεσι στάσεις καὶ ταραχαὶ τοῦτον τὸν τρόπον κατελύθησαν, αἱ δὲ πόλεις τὰς ἀπαλλοτρίους πολιτείας ἀποβαλοῦσαι σχεδὸν ἅπασαι τὰς ἰδίας χώρας κατεκληρούχησαν τοῖς πολίταις πᾶσιν.

¹ So Reiske : πολεμίων.

Tradução Livro XI, 76:

Na Sicília os siracusanos, em sua guerra contra os mercenários que tinham se revoltado, continuaram lançando ataque após ataque à Achradinê e à Ilha, e eles derrotaram os rebeldes em uma batalha no mar, mas em terra não foram capazes de expulsá-los da cidade por causa da força desses dois lugares. Mais tarde, porém, depois de uma batalha aberta travada em terra, os soldados engajados lutando corajosamente de ambos os lados, finalmente, apesar de ambos os exércitos não sofrerem algumas baixas, a vitória era dos siracusanos. E depois da batalha os siracusanos homenagearam as tropas de elite com o prêmio de bravura, seiscentos em número, que eram responsáveis pela vitória, dando-lhes cada uma mina de prata.

Enquanto esses eventos aconteciam, Ducetius, o líder dos sículos, abrigando um rancor contra os habitantes de Catania porque haviam roubado os sículos de sua terra, liderou um exército contra eles. E visto que os siracusanos também tinham enviado um exército contra Catania, eles e os sículos uniram-se ao dividir a terra em lotes entre si e fizeram guerra contra os colonos que haviam sido enviados por Hiéron, quando ele era governante de Siracusa. Os catanienses se opuseram a eles com armas, mas foram derrotados em uma série de embates e foram expulsos de Catania, e eles tomaram posse do que é

agora Aetna, a qual antigamente era chamada de Inessa; e os habitantes originais de Catania, depois de um longo período, voltaram à sua cidade natal. Após estes eventos, os povos que tinham sido expulsos de suas próprias cidades enquanto Hiéron era rei, agora que tinham assistência na luta, voltaram para suas pátrias e expulsaram de suas cidades os homens que tinham injustamente tomado para si próprios as habitações de outros; entre estes estavam habitantes de Gela, Agrigento, e Himera. Do mesmo modo os habitantes de Rhegium, juntamente com habitantes de Zancle, expulsaram os filhos de Anaxilas, que os governavam, e libertaram suas pátrias. Mais tarde os gelenses, que foram os colonizadores originais de Camarina, repartiram aquela terra em lotes. E praticamente todas as cidades, ansiosas para acabar com as guerras, chegaram a uma decisão comum, na qual fizeram um acordo com os mercenários em seu meio; eles então receberam de volta os exilados e restauraram as cidades para os cidadãos originais, mas aos mercenários, que por causa dos antigos governos tirânicos estavam na posse das cidades pertencentes a outros, deram permissão para levar consigo os seus próprios bens e para instalarem-se todos em Messênia. Deste modo, então, um fim foi colocado às guerras civis e desordens que prevaleceram em todas as cidades da Sicília, e as cidades, depois de expulsar as formas de governo que os estrangeiros tinham introduzido, dividiram quase sem exceções as suas terras em loteamentos entre todos os seus cidadãos.

Comentários Livro XI, 76

Diodoro continua narrando os eventos em Siracusa, especialmente as disputas internas. Esta sucessão de eventos mostra a insatisfação da população realocada. Os deslocamentos iniciaram-se com Gélon, mas Diodoro enfatiza que Hiéron, ao dar continuidade ao processo, instalou o caos por sua forma de governo abusiva, ele o qualifica, então, como *dynasteías*. Neste excerto, aparece a figura do líder siciliano Ducezio que emulará os oikistas gregos fundando também uma nova cidade: Palikê.

LIVRO XIV

Livro XIV- 63

- Διονυσίου θαρρύντος ἀκροβολισμοὺς συνίστασθαι
2 συνέβαινε προτερεῖν τοὺς Συρακοσίους. ἐγίνοντο
δὲ καὶ τὰς νύκτας ἐν τῷ στρατοπέδῳ παράλογοι
ταραχαὶ καὶ μετὰ τῶν ὅπλων συνέτρεχον, ὥς τῶν
πολεμίων ἐπιθεμένων τῷ χάρακι. ἐπεγενήθη δὲ
καὶ νόσος, ἣ πάντων αὐτοῖς αἰτία κακῶν κατέστη·
περὶ ἧς μικρὸν ὕστερον ἐροῦμεν, ἵνα μὴ προλαμ-
βάνωμεν τῇ γραφῇ τοὺς καιροὺς.
- 3 Ἴμιλκων μὲν οὖν τεῖχος περιβαλὼν τῇ παρεμ-
βολῇ τοὺς τάφους σχεδὸν πάντας τοὺς· σύνεγγυς
καθεῖλεν, ἐν οἷς τὸν τε Γέλωνος καὶ τῆς γυναικὸς
αὐτοῦ Δημαρέτης, πολυτελῶς κατεσκευασμένους.
ὠκοδόμησε δὲ καὶ τρία φρούρια παρὰ θάλατταν,
τὸ μὲν ἐπὶ τοῦ Πλημμυρίου, τὸ δ' ἐπὶ μέσου τοῦ
λιμένος, τὸ δὲ κατὰ τὸν νεῶν τοῦ Διός· εἰς δὲ ταῦτα
τὸν τε οἶνον καὶ τὸν σῖτον καὶ τὰ λοιπὰ τῶν ἐπι-
τηδείων κατεκόμιζε, νομίζων χρονιωτέραν ἔσεσθαι
4 τὴν πολιορκίαν. ἀπέστειλε δὲ καὶ τὰς ὀλκάδας
ναῦς ἕς τε Σαρδῶνα καὶ Λιβύην, ὅπως σῖτον καὶ
τὰς ἄλλας τροφὰς παρακομίζωσιν. Πολύξενος δὲ
ὁ Διονυσίου κηδεστῆς ἔκ τε Πελοποννήσου καὶ τῆς
Ἰταλίας παρεγενήθη ναῦς μακρὰς ἄγων τριάκοντα
παρὰ τῶν συμμάχων καὶ ναύαρχον Φαρακίδαν
Λακεδαιμόνιον.
63. Κατελάβετο δὲ καὶ τὸ τῆς Ἀχραδινῆς προ-
άστειον, καὶ τοὺς νεῶς τῆς τε Δήμητρος καὶ
Κόρης ἐσύλησεν· ὑπὲρ ὧν ταχὺ τῆς εἰς τὸ θεῖον
ἀσεβείας ἀξίαν ὑπέσχε τιμωρίαν. ταχὺ γὰρ αὐτῷ
τὰ πράγματα καθ' ἡμέραν ἐγίνετο χεῖρω, καὶ τοῦ

Tradução Livro XIV, 63:

Himilcon cercou o subúrbio de Achradinê, e ele também saqueou os templos de Deméter e Koré, atos de impiedade contra a divindade pelos quais ele rapidamente sofreu uma penalidade adequada. Pois sua fortuna rapidamente piorou dia após dia, e sempre que Dionísio ousou escaramuçar com ele, os siracusanos levaram a melhor. Também à noite incontáveis tumultos surgiram no acampamento e os soldados correriam às armas, pensando que o inimigo estava atacando a paliçada. A isso foi adicionada uma praga que foi a causa de

todo o tipo de sofrimento. Mas disso falaremos um pouco mais tarde, a fim de que a nosso assunto não antecipe o momento adequado.

Agora, quando ele lançou uma muralha sobre o acampamento, Himilcon destruiu praticamente todas as tumbas na área, entre as quais estava a de Gélon e sua esposa Damaretê, de construção cara. Ele também construiu três fortes ao longo do mar, um em Plemmyrium, um no meio do porto, e um próximo ao templo de Zeus, e a eles ele trouxe vinho e grãos e todas as outras provisões, acreditando que o cerco continuaria por muito tempo. Ele também enviou navios mercantes para a Sardenha e a Líbia para assegurar grãos e todo o tipo de alimento. Polyxenus, o cunhado de Dionísio, chegou do Peloponeso e Itália, trazendo trinta navios de guerra de seus aliados, com Pharacidas o lacedemônio como almirante.

Comentários Livro XIV, 63

Neste trecho, Diodoro nos mostra como quase todos os túmulos da cidade foram completamente destruídos por Himilcon, inclusive o de Gélon e de sua esposa Demaretê. No registro arqueológico estes dados tem uma corroboração: segundo Pellagatti; Voza (1973)²⁷ Paolo Orsi escavou a região e os dados nos mostram que, na área chamada de zona do hospital (INV.IM.38), na área da Acradina, onde fica o templo de Deméter e Koré, há indícios de violação de tumbas.

²⁷ VOZA, G e PELLAGATTI, P, 1973:84. “*Anche questa zona, dove Le tomba di época arcaica e clássica furono rinvenute quase tutte violate o com scarse tracce dei corredi originari, fu urbanizzata*”

66. Οὐ γὰρ δὴ πούθεν ἀξιῶσαι τις ἂν παραβάλ-
 λειν Διονύσιον τῷ παλαιῷ Γέλωνι. ἐκεῖνος μὲν
 γὰρ μετὰ τῆς ἰδίας ἀρετῆς, μετὰ τῶν Συρακοσίων
 καὶ τῶν ἄλλων Σικελιωτῶν ἡλευθέρωσε τὴν Σι-
 κελίαν ἅπασαν, ὁ δ' ἐν ἐλευθερίᾳ παραλαβὼν τὰς
 πόλεις τῶν μὲν ἄλλων ἀπασῶν κυρίου πεποίηκε
 τοὺς πολεμίους, αὐτὸς δὲ τὴν πατρίδα καταδεδού-
 2 λωται. καὶ ἐκεῖνος μὲν πολὺ πρὸ τῆς Σικελίας ἀγω-
 νισάμενος τοὺς ἐν ταῖς πόλεσιν ὄντας συμμάχους
 οὐδὲ ἰδεῖν τοὺς πολεμίους ἐποίησεν, ὁ δ' ἀπὸ
 Μοτύης διὰ πάσης τῆς νήσου φυγῶν συγκέκλεικεν
 ἑαυτὸν ἐντὸς τῶν τειχῶν, πρὸς μὲν τοὺς πολίτας
 θρασυνόμενος, τοὺς δὲ πολεμίους οὐδὲ κατ' ὄψιν
 3 ἰδεῖν ὑπομένων. τοιγαροῦν ἐκεῖνος μὲν διὰ τε τὴν
 ἀρετὴν καὶ τὸ μέγεθος τῶν πράξεων οὐ μόνον τῶν
 Συρακοσίων, ἀλλὰ καὶ τῶν Σικελιωτῶν ἐκουσίων
 παρέλαβε τὴν ἡγεμονίαν, ὁ δ' ἐπ' ὀλέθρῳ μὲν τῶν
 συμμάχων, ἐπὶ δουλείᾳ δὲ τῶν πολιτῶν στρατη-
 γήσας, πῶς οὐκ ἂν δικαίως ὑπὸ πάντων μισοῖτο;
 οὐ γὰρ μόνον ἡγεμονίας ἀνάξιος, ἀλλὰ καὶ μυρίων
 4 θανάτων τυχεῖν δίκαιος. Γέλα καὶ Καμάρινα διὰ
 τοῦτον κατεστράφησαν, Μεσσήνη ἄρδην ἀνήρηται,
 κατὰ ναυμαχίαν² δισμύριοι τῶν συμμάχων ἀπολώ-
 λασι, τὸ σύνολον³ εἰς μίαν κατακεκλείσμεθα πόλιν,
 τῶν κατὰ Σικελίαν Ἑλληνίδων πασῶν ἀνηρημένων.

² So Wurm : συμμαχίαν.

³ σύνολον Dindorf : οὖν ὅλον.

πρὸς γὰρ τοῖς ἄλλοις ἀδικήμασι¹ Νάξον καὶ Κα-
 τάνην ἐξηνδραποδίσατο, πόλεις συμμαχίδας, ἐπι-
 5 καίρους πόλεις, ἄρδην ἀνήρηκεν. καὶ πρὸς μὲν
 Καρχηδονίους δύο μάχας ἐνστησάμενος ἐν ἑκα-
 τέραις ἡττηται, παρὰ δὲ τοῖς πολίταις πιστευθεὶς
 ἅπαξ στρατηγίας εὐθέως ἀφείλετο τὴν ἐλευθερίαν,
 φονεύων μὲν τοὺς παρρησίαν ἄγοντας ὑπὲρ τῶν
 νόμων, φυγαδεύων δὲ τοὺς ταῖς οὐσίαις προέχοντας,
 καὶ τὰς μὲν τῶν φυγάδων γυναῖκας οἰκέταις καὶ
 μιγάσιν ἀνθρώποις συνοικίζων, τῶν δὲ πολιτικῶν
 ὅπλων βαρβάρους καὶ ξένους ποιῶν κυρίους. καὶ
 ταῦτ' ἔπραξεν, ὦ Ζεῦ καὶ θεοὶ πάντες, ὑπηρέτης
 ἀρχείων, ἀπεγνωσμένος ἄνθρωπος.

¹ So Wurm : ἀτυχήμασι.

Tradução Livro XIV, 66:

Certamente ninguém pensaria em comparar Dionísio com o Gélon de antigamente. Pois Gélon, devido ao seu próprio caráter elevado, junto com os siracusanos e o resto dos gregos sicilianos, libertou toda a Sicília, ao passo que esse homem, que encontrou as cidades livres, levou o que restava delas para o domínio do inimigo e escravizou ele mesmo seu país natal. Gélon lutou tanto em nome da Sicília que nunca deixou seus aliados nas cidades nem mesmo avistar o inimigo, enquanto este homem, depois de fugir de Motya, por toda a extensão da ilha, confinou a si mesmo dentro de nossas paredes, cheio de confiança contra seus concidadãos, mas incapaz de suportar até mesmo a visão do inimigo. Consequentemente, Gélon, em razão tanto do seu caráter elevado e de seus grandes feitos, recebeu a liderança pela livre vontade não só dos siracusanos, mas também dos gregos sicilianos, enquanto, para este homem, cuja liderança levou à destruição de seus aliados e a escravização de seus concidadãos, como ele pode escapar do ódio de todos? Pois não só ele é indigno de liderança, mas, se a justiça fosse feita, morreria dez mil mortes. Por causa dele Gela e Camarina foram subjugadas, Messina jaz em ruína total, vinte mil aliados pereceram em batalha no mar, e, em uma palavra, nós fomos enclausurados em uma cidade e todas as outras cidades gregas por toda a Sicília foram destruídas. Para além de seus outros malefícios ele vendeu Naxos e Catania à escravidão, ele destruiu completamente as cidades que eram aliadas, cidades cuja existência eram oportunas. Ele lutou duas batalhas com os cartaginenses e saiu derrotado em ambas. No entanto, quando a ele foi confiada a liderança mais uma vez pelos cidadãos, ele rapidamente roubou-lhes a liberdade, matando aqueles que falavam abertamente em nome das leis e exilando os mais ricos; ele deu as esposas dos que foram banidos em casamento a escravos e a um bando heterogêneo; ele colocou as armas dos cidadãos nas mãos de bárbaros e estrangeiros. E esses atos, ó Zeus e todos os deuses, foram obra de um funcionário público, de um homem desesperado.

Comentários Livro XIV, 66

Diodoro Sículo insiste na comparação Gélon com os demais, como Dionísio. Temos, em síntese, no discurso diodoriano a construção de figuras antagônicas de tiranos.

Uma pesquisa posterior, aplicando a metodologia de Dougherty ao processo de construção da figura tirânica siciliota nos escritos de Diodoro, ele-mesmo, um siciliano, possivelmente traria novas luzes sobre o tema.

CAPÍTULO 3 A EXPANSÃO URBANÍSTICA DE SIRACUSA: DADOS ARQUEOLÓGICOS

PARTE I

3.1 Siracusa: Um breve histórico da expansão da ásty

Siracusa expandiu-se consideravelmente ao longo dos séculos. Os dados aqui apresentados contemplam os períodos de VII a V. Tucídides, historiador grego, uma das fontes mais importantes para a história da Sicília arcaica, narra:

[...] No ano seguinte foi fundada por Árquias, um dos heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sícelos da então ilha, que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade interna; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas, e se tornou também muito populosa [...] (Tuc.6, 3)

Estrabão (6,C 270) narra uma passagem em que, na empreitada colonial, coríntios e aqueus se aliam. Árquias, ao partir do ocidente, consultou o oráculo de Delfos, junto ao aqueu Miscello, futuro oikista de Crotona, cidade no sul da Itália. O deus indagou-os sobre suas preferências, no caso, se eles eram mais afeitos à riqueza ou à saúde. Árquias preferiu a riqueza, portanto fora-lhe indicada Siracusa, enquanto a Miscello, que escolhera saúde, fora-lhe indicada Crotona.

A cidade possui uma configuração geográfica bastante favorável, com dois bons portos, localizada a sudeste da Sicília, uma rota importante de comércio e navegação no Mediterrâneo. (INV.IM.01)²⁸. Os indígenas habitavam a ilha de Ortígia, que era separada da terra firme por um estreito braço de mar, mas posteriormente foi ligada por uma ponte (INV, IM.09)

²⁸ (INV.IM.(nº imagem)) será a abreviação (Inventário(INV) – Imagem (imagem) – número da imagem - utilizada para localização das imagens no Inventário Descritivo Urbanístico.

Ao norte, seu território é limitado por Mégara Hibleia, situada a apenas 20 quilômetros²⁹ (INV.IM.23) aproximadamente (DUNBANBIN, 1948, p. 94). Ao sul, ocupa uma planície costal de largura variada. Ao centro, montanhas calcárias, que lhe proporcionam defesa natural contra invasões (INV.IM.05;06;07). Essas montanhas centrais, por duas gerações após fundação de Siracusa, ficaram em poder nativo. As principais cidades sículas situavam-se em Pantallica e Finocchito (INV.IM.02).

A península de Ortígia era o coração da cidade grega, como o é até os dias atuais. Com área de 40 hectares, a sua rede viária sobrepõe-se ao traçado grego de fundação. O traçado urbano de época arcaica estendia-se da ilha até Acradina³⁰ (INV.IM.18).

Ortígia é uma ilha longa e estreita de fácil desembarque, com dois portos, um pequeno, aberto para o mar, e outro grande, a leste. Os aspectos físicos da área são consideravelmente diferentes dos atuais. A modificação deu-se pelo avanço da costa, devido à acumulação de material ao longo do Porto Grande. Com o avanço do mar, o Porto Pícolo, o chamado *Lakkios*, desapareceu. O perímetro do Porto Pícolo, limitado a norte e a sul por dois promontórios, foi completamente submerso – a área interna formava parte do antigo Porto Grande. (INV.IM.22)

O istmo antigo agora só pode ser representado graficamente, uma vez que não apresenta qualquer semelhança com o atual. “O prolongamento para o norte da estrada principal beirava os santuários da ilha para o oeste, ligando a ilha ao continente, chamado por Cícero de “ponte estreita”. (CERCHIALI, et.alia. 2004, p. 206). *Ea tanta est urbs ut ex quattuor urbibus maximis constare dedicatur; quarum uma este a quam dixi Insula, quae duobus portibus cincta in utriusque portus ostium aditumque proiecta est* (Cic.Verr.2.4.51§117-119).

De acordo com o poeta Ibycus³¹, que viveu em meados do século VI d.C., a travessia do istmo do período arcaico foi construída com blocos de

²⁹ Dunbabin (1948: 94) nos traz a informação em milhas de distância. Nesse caso, 12 milhas equivalem a aproximadamente 20 quilômetros- (1 quilômetro equivale a 1,666 milhas de distância).

³⁰ Acradina corresponde à nova área de habitação de Siracusa, a Neápolis. Localiza-se após a ponte que liga Ortígia ao continente, na parte interna da cidade. cf. Inventário descritivo urbanístico as imagens: 7; 21; 32; 34; 36; 43.

³¹ *Ibycus* ou Íbico (em grego transliterado) é o quinto poeta do cânone alexandrino dos nove poetas líricos. Há pouco a seu respeito, o que há provém do verbete da Suda (compilações do século X feitas por eruditos bizantinos) e de raras menções de escritores antigos. (Referência de CHERCHIALI et alia. 2004, p.206).

pedra. Ao norte, protegido por Ortigia, e ao sul pelo promontório de *Plemmyrion*, mais largo. Imediatamente ao lado do istmo situava-se um vasto planalto, ocupado pela cidade no curso do grande desenvolvimento urbano nos séculos VI e IV (INV.IM.17). A área habitada no continente era limitada e fechada ao norte pelo planalto chamado de Epípole, um vasto terraço calcário, mais ou menos triangular, cujo ponto da encosta oriental encontra-se em um local conhecido como Eurialo. Dionísio I, em meados do século IV, construiu uma muralha, cercando toda a *khóra*, onde se encontrava a zona oriental das Epípoles (INV.IM.04; 27; 28).

Entre as Epípoles e Acradina estavam outros dois locais mencionados por Cícero: *Tychê*, a leste, e a Neápolis, nova cidade construída a oeste. Nestes núcleos urbanos estavam o teatro, o altar de Hiéron e o anfiteatro do período romano, hoje dentro do parque arqueológico (INV.IM.21). Na Neápolis encontra-se a colina Temenite, onde se localizava o témeno de Apolo, no cume (INV.IM.37).

Na encosta sul da colina também está o limite norte de Fusco, onde se localiza a necrópole mais antiga de Siracusa. Está situada na extremidade oriental da cidade, no planalto de Lisimeleia, que se estendeu para o sul em direção a Anapo e rio Ciane (INV.IM.23).

Nos séculos VI e V, com o advento das tiranias na Sicília, a Neápolis foi significativamente ampliada, já que as realocações compulsórias de população exigiram a expansão da *ásty*. Em época tirânica o cenário era complexo, pois com o aumento do poderio político centralizado aumentava-se a necessidade do embelezamento da cidade, alimentada por um discurso visual, que fazia parte de um processo articulado de ostentação. A cidade foi moldada a este modelo de grandeza almejada, em que os mercenários, presos de guerra, espólios conquistados, realocações populacionais e refundações de cidades eram primordiais motores para esse sistema. Os tiranos investiram significativamente em construções de templos, casas, abertura de estradas e infraestrutura em geral.

«Os tiranos, ao controlarem o território passaram a realocar populações em massa, tornando frequente a distribuição de terras a estas populações, o que levou a uma nova configuração territorial política da Sicília entre os séculos

VI e V. No entanto, é importante mostrar que este foi um processo que não se deu de forma homogênea em todo o território ocupado, pois os tiranos adotaram estratégias diferentes, em muitos casos, mostrando seletividade no trato com os transplantes populacionais. Gélon, por exemplo, transplantou majoritariamente elites para Siracusa, enquanto que Hiéron transplantou população comum. Discutiremos mais detidamente sobre este tema no capítulo 4.

3.2 Configuração espacial de Siracusa: dados

Os dados expostos neste sub-capítulo têm o objetivo de mostrar um recorte do que foi a expansão de Siracusa nos séculos VI a V, sob o ponto de vista arqueológico. A amostra conta com informações de escavações empreendidas por Paolo Orsi, ao longo dos séculos XX e XXI de nossa era, publicadas no *Notizie Degli Scavi di Antichità*, juntamente às publicações de artigos referentes aos relatórios de escavação. Daremos ênfase à região da *ásty* de Siracusa, pois a proposta inicial desta dissertação tem como objetivo visualizar a transformação da área urbana, desde época de fundação até a época das tiranias de Gélon e Hiéron. Trataremos melhor da *khóra*, no momento em que explorarmos as sub-colônias: Elooro, Acras, Casmene e Camarina. Focaremos as estratégias de articulação de Siracusa com o interior, como parte de um processo de expansão.

Juntamente aos dados arqueológicos, traremos os dados escritos, sempre que possível, para que possamos embatê-los. As imagens encontram-se no Inventário descritivo urbanístico, na Parte II deste capítulo.

Área urbana : Os Portos

Área Portuária: Porto Piccolo e a sua ligação com a ásty

A área do Porto Piccolo, hoje submersa, foi escavada por Paulo Orsi, no ano de 1909, quase 60 anos depois por P. Gargallo em 1970 e, em 1979 e em 2000/2001 por G. Voza. Com o desenvolvimento das técnicas de campo e sistematização dos métodos foi possível, através da arqueologia subaquática,

recuperar materiais importantes do antigo *Lakkios*. As escavações trouxeram à luz vestígios de muros e portas, estruturas de arsenais de guerra, um *neósoikoi*³², o prolongamento da estrada que liga o porto ao resto da *ásty* e material cerâmico de época arcaica, clássica, helenística e bizantina (SAVARINO, 2010/2011) (INV.IM.22).

As escavações nessa área mostram características importantes no Porto Picolo, no âmbito da dinâmica urbana crescente e controlada, em direção ao interior e a Ortígia. Os vestígios mostram que, além da movimentação mercantil, o porto era um local de conexão com a pólis. As portas e muros são indícios de um controle bastante evidente, com suas saídas, entradas e com seus limites e defesas.

Fig.2. Imagem atual da área portuária. Retirada do Google Earth em (04/12/2012)

Muros

Com as escavações de Paulo Orsi, nota-se que a atividade portuária era intensa. (ORSI, 1909, p. 337-338 apud BASILE; MIRABELLA, 2003). Foram encontrados diversos materiais de cunho comercial, sinal de um notório e profícuo uso mercantil, tanto em época arcaica quanto em épocas posteriores (INV.IM.12;13;14).

³² *Neósoikoi*- (masc; sempre plural). Alojamentos para equipamentos navais e para guardar os navios no seco. (Retirado do site www.labeca.mae.usp.br/glossário)

Antes do final do século VI foi implantada uma fortaleza para a ampliação do litoral, o que provocou o acúmulo de rochas no ponto mais alto da Ponta di Ligne (atual entrada para o Istmo). Esse acúmulo de pedra (muro) é de origem antrópica, com extensão de 23 metros de largura. Esse muro parece ter excluído a função do cais. Nessa primeira fase arcaica o mar batia contra o muro (INV.IM.18).

Fig.3 Localização da escavação do Porto Pico– área da entrada para o Istmo.

Retirada do Google Earth (retirada em 05/12/2012)

Nas escavações da Via Savoia – em estratigrafia observada no muro da idade clássica, foram encontrados fragmentos de uma canaleta arcaica pertencente ao século V. São canaletas de drenagem de água. Na escavação da fundação principal há três cortes: o primeiro data da segunda metade do século VI; o segundo corte, de época helenística; e o terceiro, de época bizantina. (BASILE; MIRABELLA, 2003 p.325)

Fig. 4. Planta das principais ruas de Siracusa atualmente. Localização da Via Savóia na região próxima ao Porto Picolo. Imagem 13 do Inventário descritivo urbanístico.

À altura da *Via Monsignor La Vecchia* encontrava-se uma área de mar raso, cercada de praia, cujo avanço é gradual em direção ao sul. Vestígios de muros foram encontrados, desde idade arcaica até a helenística. (Ver localização Figura 1). Nesta região encontram-se as principais ruas escavadas e seus muros arcaicos, a saber:

- ◇ *Piazza Batisti* – Um grande muro foi encontrado. Este havia tomado toda a extensão da Via Vittorio, onde foi localizado um *neósoikoi* de idade tardo-arcaica-clássica (BASILE, 2002 apud BASILLE, MIRABELLA, 2003, p.326). A cronologia fornecida para os materiais data das fundações (fins do século VI e início do séc. V.) e permite-nos identificar um arsenal, descrito por Tucídides (7, 22), dos anos de guerra entre Siracusa e Atenas (415-413) (INV.IM.26). O último dos muros encontra-se submerso, com dimensão maior e estrutura repleta de resíduos de tecido da idade grega. Está em uma profundidade de 3-10 cm. Estruturas muito recentes, como o forte e casas medievais, estão

interferindo na profundidade dos extratos antigos. No aterro encontra-se um muro de calcário, feito com faixas de blocos de pedra sem uso de argamassa (*anathyrosis*), datado do século V. Poderia ser um arsenal de guerra, mas não se pode afirmar. (BASILE; MIRABELLA, 2003, p.315)

- ◊ Via dei Mille - encontrados vestígios de muro arcaico em sua extensão. Está fortemente erodido, estendendo-se por dez metros. O material cerâmico encontrado data da segunda metade do século VI e da primeira metade do século V (BASILE; MIRABELLA, 2003, p.315)

A ligação entre Ortígia e Acradina

Platéias e estenopes

Platéia norte-sul e estenope leste-oeste (ligação Ortígia – Acradina)- Vestígios de continuação da estrada a partir do Porto Picolo.

De acordo com a reconstrução da antiga batimetria³³ do Porto Picolo, efetuada por G. Kapitan (BASILE; MIRABELLA, 2003), a antiga ligação com a terra firme da costa setentrional de Ortígia confere com uma ideal continuação da plateia norte-sul, alinhada com a frente oriental dos templos. (INV.IM.24) A continuação dessa estrada no continente dá-se em um ângulo reto, seguindo até a *Piazza della Vitoria*, e pode ser identificada como a via geradora da planta de Acradina, citada por Cícero (Cic. Verr. 4.119) *una via lata perpetua*. Sobre o aspecto geomorfológico, argumenta-se que a fissura profunda das duas margens do Porto Picolo no ponto indicado, que agora atinge uma profundidade de 18 metros, não é resultado de dragagem, mas de uma característica natural, prova de que foi aproveitado. Já no século VIII, os dois lados do pequeno porto foram divididos por uma cisão muito profunda. Nas escavações, a estrada foi encontrada após um aterro.

Estenope principal leste-oeste. Confirmação e comprovação dos vestígios. Escavações de 1909 e de 2000-2001.

³³ Medição de profundidade dos oceanos

Paolo Orsi, em 1909 trouxe à luz uma estrada, de largura de 10 metros, contra 6 metros da fase maior e mais antiga. A estrada era conhecida no século V como a estrada principal, orientada em sentido leste-oeste. A hipótese é de que a planta urbana originou-se na idade arcaica. Na recente escavação do Porto Picolo de 2000 a 2001, confirmou-se a intuição do arqueólogo Paolo Orsi. Veio à luz a continuação da estrada, sempre com largura de 10 metros, em direção à saída oeste da cidade até a altura da necrópole de Fusco. (BASILE; MIRABELLA, 2003 p.330) (INV.IM.11;15;16;20). No âmbito das escavações é possível verificar a persistência do uso da estrada, com traços de frequência até a idade bizantina. Essa imagem do inventário mostra vestígios da estrada principal leste-oeste, que se presume ser uma das principais estradas, passando pela *Piazza della Vitoria* e pelos principais templos.

Os limites da cidade: necrópoles

Os limites da cidade arcaica estavam marcados por três necrópoles na área continental de Siracusa. Uma delas na atual Via Paolo Orsi, região do hospital civil, antigo Jardim Espanhol; a outra, conhecida Necrópole de Fusco, localizada na atual continuação da Via Paolo Orsi, seguindo para fora da cidade, na *Via Provinciale* 14; e a terceira necrópole está localizada na Via Ragusa. Para os objetivos deste sub-capítulo, exploraremos melhor a necrópole de Fusco e a necrópole do Jardim Espanhol, no Continente.

A necrópole de Fusco é considerada a mais antiga, pois Paolo Orsi, em 1891 datou tumbas do século VIII (MONEDERO, 1989, p.186). A inumação era o rito predominante em época arcaica, de acordo com as escavações. Em algumas tumbas há somente deposições de crânios (tumbas 84 e 127) (ORSI, 1893 apud MONEDERO, 1989, p.186). Paolo Orsi concluiu que as inumações são mais frequentes do que as incinerações. O fato de haver mais inumações do que incinerações, segundo P.Orsi, é considerado normal por tratar-se, em sua maioria, de tumbas do século VIII e VII. As escavações em Fusco trouxeram-nos muitos elementos importantes, no que diz respeito aos cemitérios e ao contexto urbano que se formava.

As práticas de enterramento e os materiais que foram retirados das tumbas escavadas, delimita-nos espacialmente e temporalmente no espaço. As tumbas de Fusco refletem a dinâmica da atividade comercial e a prosperidade das colônias ocidentais, em particular Siracusa. Quase todos os objetos encontrados nas sepulturas foram importados: a cerâmica na maior parte de Corinto. (BOARDMAN, 1980 apud FREDERIKSEN, 1999, p. 251). Segundo Monedero (1989) as incinerações são pouco frequente em Fusco, posto que somente há um indício, embora exista a possibilidade de haver mais. As cinzas foram encontradas recolhidas em um caldeirão de bronze. Este tipo de enterramento, segundo Paolo Orsi, era praticado entre os século VII e a primeira metade do século VI, por grupos conhecidos como os *gamoroi*, camada dirigente de Siracusa. Alguns deles são, claramente, de procedência etrusca. (PROCELLI, 1982 apud MONEDERO, 1989 p. 186).

Fig.5. Atual Via Provinciale 14, que liga a antiga Necrópole de Fusco à região onde se encontram os outros 2 cemitérios. Nota-se que a necrópole encontra-se fora área urbana.

Com relação ao relativo afastamento entre a necrópole e o núcleo urbano, deve-se supor que os siracusanos tenham previsto um crescimento significativo da cidade. (MONEDERO, 1989, p.186). A necrópole de Fusco faz

uma pequena ondulação no terreno, nas margens da zona pantanosa de Lisimeleia, ao mesmo tempo que essa zona coincide com a estrada que liga Siracusa ao interior do território, a chamada “*Helorine Hodos*”³⁴. (DI VITA, 1986 apud MONEDERO, 1989, p.187). (INV.IM.08; 09)

Além da necrópole de Fusco, outra necrópole importante é a de Jardim Espanhol, escavada por Paolo Orsi entre 1923 e 1925. Foram encontrados vestígios datados do século VII ao século VI. Foram escavadas 120 tumbas que correspondiam à região de Acradina baixa, estabelecendo um marco importante na topografia histórica de Siracusa, frente às opiniões anteriores, a de que o continente, como colônia, tinha somente 50 anos a mais do que Ortigia. (ORSI, 1925 apud MONEDERO, 1989, p.187). Frente aos dados arqueológicos e às datações do cemitério é fato que Acradina pode ter sido frequentada já nos primeiros anos de *colonização*, juntamente com Ortigia.

Posteriormente, G. Cultrera a escavou entre 1937 e 1938, aproveitando a construção do Hospital Civil. G. Cultrera observou que a maioria das tumbas estava em grandes fossas retangulares, escavadas em rocha. Muitas vezes precedidas por uma contrafossa. De acordo com o pesquisador, a finalidade era a de facilitar a colocação das lajes que cobrem a tumba. Muitas vezes as fossas continham um sarcófago de pedra e raramente aparecem urnas cinerárias (ânforas ou crateras) dentro de fossas retangulares ou depositadas na terra. (CULTRERA, 1943 apud MONEDERO, 1989, p.188). Estas escavações foram importantes porque reafirmaram as datações para os séculos VII e VI para a necrópole do Jardim Espanhol, assim como a frequência do Continente em período inicial de fundação. . Em época clássica esta necrópole foi reutilizada como habitação. (GENTILI, 1956 apud MONEDERO, 1989, p. 188).

Em 1948, aproveitando a construção de uma nova ala do hospital civil, o pesquisador S. Agnello escavou a necrópole e confirmou o que já se conhecia (AGNELLO, 1949-a apud MODENERO, 1989, p.188).

Em Ortigia, também foram encontrados vestígios de enterramentos e cabanas de antigos sículos, localizados ao longo das estenopes e plateias.

³⁴ Transliteração retirada de VERONESE (2006, p.285 nota 21). Em grego *ελωρίνη οδός*

O estabelecimento dos espaços privados: Habitações

As antigas habitações gregas mediam cerca de 4 x 4 metros, erguidas com pedras, contendo um poço para água, semelhantes às casas em Naxos e em Mégara Hibleia. (PELLAGATI, 1978).(INV.IM.41)

Inúmeros poços naturais cruzavam Ortígia, e sua localização serviu como orientação na busca por sítios de habitações. As casas abriam para o sul, como as de Mégara Hibleia, e com o tempo elas foram alargadas para além, com mais salas. Os traços dessas estruturas são visíveis, datados do século VIII. Evidências foram encontradas no Palazzo da Prefeitura.

É perceptível, com as escavações no templo jônico e na Prefeitura, que as casas de Ortígia eram semelhantes às de Mégara Hibleia. (PELLAGATTI, 1978 p. 128). Em Ortígia, as casas foram agrupadas em aldeias separadas por estreitos espaços vazios, enquanto as casas megarenses eram mais separadas, mais arejadas, não tão aglomeradas.

As casas muito próximas em Ortígia fazem supor uma malha urbana densamente habitada ao fim do século VIII. Na estrada que atravessa a linha leste-oeste, as casas datam do início do século VII e têm dimensões de 3,5m. x 3,5m, vizinhas do templo jônico (INV.IM.42).

A base da mais antiga tela urbana de Siracusa é a do sistema de *kata komas*, um aglomerado de vilas. Os colonos estabeleceram-se em Ortígia e no continente ao lado, espalhando-se até pouco mais da metade de um quilômetro da necrópole de Fusco.

Desse modo, as evidências arqueológicas em Mégara Hibleia e Siracusa nos parecem sugerir que o nascimento das cidades siciliotas não desencadeou um novo tipo de regime urbano, ao menos no que diz respeito ao continente grego. No início da *colonização*, com a partilha das terras, organizou-se um programa urbano. Territorialmente, Siracusa cresceu e dilatou a sua *khóra*. As chamadas *kleroi* espalharam-se em locais cada vez mais longínquos.

As fronteiras das áreas habitacionais arcaicas seguem a localização das necrópoles (CHERCHIAI et alia. 2004, p. 212) a partir de Fusco, e se estendem em direção a nordeste, ao sul e leste do parque arqueológico, continuando pela região da Piazza Vittoria. A neápolis foi um complexo pensado para acolher um contingente populacional crescente ao longo dos séculos.

Este universo habitacional mostra uma densidade demográfica já consistente em época arcaica. Cabe ressaltar que, a partir do século V as realocações de populações foram intensificadas em Siracusa em razão da política tirânica de deslocamentos populacionais. O adensamento populacional naturalmente fez com que as áreas de habitações se expandissem, inclusive a necessidade de sua dilatação para a *khóra*, de acordo com o parágrafo acima

Áreas sagradas: Acradina- Área Temenite (Neápolis) e Piazza della Vitoria

Neápolis

A zona contígua, chamada de Neápolis, desempenhou um papel fundamental como centro religioso (IM.INV.21). A conexão do teatro, colina temenite e o culto às divindades, pode ser datada do período arcaico. (VERONESE, 2006, p. 296). As áreas sagradas mais importantes são: Santuário de Apolo Temenite, o Santuário de Demeter e Koré, e outras áreas sacras dedicadas às divindades ctônicas (IM. INV.37;38). Cícero descreve a Neápolis com admiração e diz que, na parte superior há um grande teatro, havendo também dois templos importantes, o de Cerere e de Liberta, e outra estátua de Apolo chamada temenites, muito bela e grande. (Cic. Verr., II, 4, 119 apud VERONESE, 2006, p.297). De acordo com Diodoro Sículo (14, 63)³⁵ a área foi saqueada pelos cartagineses.

Santuário de Deméter e Koré

Diodoro Sículo (11, 26)³⁶ narra que Gélon, depois da vitória de Himera, em 480 construiu o templo de Demeter e Koré. Este mesmo autor narra que este templo foi saqueado por Amílcar em 396 (Diodoro Sículo 19, 70). Cícero (Cic.Verr.4,53,119) identifica o templo das duas divindades ao lado do teatro na área Temenite, mas no século III a área foi usada como habitação, portanto há controvérsias sobre esta afirmação de Cícero, ou seja, se realmente ele teria

³⁵ Este trecho de Diodoro Sículo encontra-se traduzido e comentado no Capítulo 2.

³⁶ Idem

localizado o templo de Deméter e Koré ou o templo de outra divindade.(GABBA;VALLET, 1980, p.683).

A área é complexa e não é totalmente conhecida pela arqueologia, pois há o fator da forte urbanização, que dificulta os trabalhos. Segundo Veronese (2006) é possível que o panorama religioso fosse muito articulado, e que hoje é possível reconstruir um cenário significativo.

A área do teatro é uma estrutura particular de ritualidade, cujo espetáculo dramático é elemento constitutivo do ritual de Deméter. De acordo com Veronese (2006, p.298) o culto a essa divindade estava presente no momento dos espetáculos, caso contrário não haveria um santuário, localizado dentro do teatro. De acordo com Polacco (1990, p.158) apud Veronese (2006, p.298) “os primeiros colonizadores trouxeram a religião de Demeter”³⁷

O culto a Deméter foi atribuído a Gélon, pois a família *Deinomênidas* teria uma ligação com o culto à divindade, fazendo com que os seus antepassados heródicos tivessem uma importância pública. A introdução e disseminação dos cultos a Deméter e Koré na Sicília legitimaram Gélon, e as Tesmofórias siracusanas, similares às de Atenas, tornaram-se comuns. De acordo com Hirata (1994, p.393) há menções das Tesmofórias em Diodoro sículo, Heródoto, Plutarco e Poliano.

Apolo Temenites

No século V outro local pode ter tido seu culto ativo na Neápolis, o culto a Apolo Temenites. Em Tucídides (6, 75) há menção ao culto, no contexto do cerco ateniense de 415 . Cícero faz menção da imagem sendo levada a Roma (Cic.Verr. 2, 4,19)

Nas explorações feitas na região nos últimos anos, segundo Voza (1999), a colina Temenite identificou na área um santuário que preserva as características de um templo grego arcaico, e segundo materiais em contexto, poderia ser o de Apolo Temenite.

Áreas sagradas da Praça da Vitória

³⁷ Tradução livre e adaptada do italiano para o português. Citação de Veronese (2006, p. 298)

De acordo com as escavações de Paolo Orsi, já mencionadas acima, na área da *Piazza della Vittoria*, havia uma importante estrada a ligar Ortigia e o continente. Segundo Voza (1999), é a única estrada a atravessar toda a Acradina e onde se cruza o istmo que leva até à principal necrópole arcaica da pólis de Siracusa, a Necrópole de Fusco.

Fig.6. Localização da Piazza della Vittoria. Retirada Google Earth (retirada em 04/12/2012)

Santuário de Deméter e Koré

Escavações das últimas décadas trouxeram resultados importantes, pois foi encontrado o local de um possível santuário de Deméter e Koré, mencionado em muitas fontes antigas. Na *Piazza della Vittoria*, ao sul da estrada leste-oeste, foi encontrada parte de um santuário que remete à divindade ctônica. (GABBA, VALLET, 1980, p.681) (INV.IM.25)

Fig.07. Estátuas votivas encontradas na Piazza della Vitoria. Voza (1999, 97b)

Foi encontrado o local do altar do templo, onde foram coletados materiais votivos, constituídos por uma enorme quantidade de estatuetas de terracota acumulados em um ambiente de depósito. As estátuas representam as divindades, dado o contexto da descoberta. O material pôde ser datado do fim do século V e início do século IV, confirmada pela associação às moedas encontradas juntamente, no local (INV.IM.39;40).

Áreas sagradas da Piazza Duomo

Na área central de Ortigia encontra-se atualmente Piazza Duomo (INV.IM 35). As últimas escavações realizadas abaixo da praça trouxeram à luz santuários do período inicial de fundação da cidade. Havia um pequeno templo, provavelmente dedicado a Ártemis, substituído por um edifício maior. Datado de cerca do século VI, esse pequeno templo foi escavado por Paolo Orsi. Está localizado um pouco para leste da atual Via Minerva, na área que mais tarde viria a ser o templo Jônico e o Atenaion (INV.IM 34;36).

O templo dedicado a Atena, de ordem dórica, foi presumivelmente construído por Gélon, após a vitória contra os cartagineses em Himera em 480

., como foi o caso do templo da Vitória em Himera e o Olimpiéion em Acragas³⁸. Diodoro Sículo (11, 26) menciona dois templos construídos em 480
39

Piazza Duomo – 1ª área sacra da cidade - ao sul da estrada.

A monumentalização dos dois templos, o jônico e o *Atenaion*, é perfeitamente enquadrada na estrada Leste-Oeste (blocos são encaixados nesta direção, na faixa central de Ortígia). A estrada perdeu sua função e foi datada, no ponto de intersecção de dois monumentos, que constituem a área sacra. Com as escavações ao ponto central, foi recuperado, através do exame do extrato arqueológico de 70 cm, um sítio arcaico antigo.

Encontrou-se, além da pavimentação em 1929, mais duas estruturas murárias, tumbas e cisternas (poços), pedreiras, depósitos votivos, e pavimentos que datam do final dos séculos X-IX a XVIII da nossa era..

Foram evidenciados na superfície traços de manufaturas realizadas no local, e elementos relativos ao uso público do espaço aberto no plano da catedral. Foram encontradas cerâmicas da idade do bronze (cultura de *thapsos*), médio-bronze e antiga idade do bronze (cultura *Castelluccio*).

Há um fosso de forma oval cravado na rocha, com acurada técnica de trabalho, de profundidade de 0,37m, 0,41m. de diâmetro e boca de 0,35m. O material contido em uma das fossas aparecia claramente alterado, enquanto a outra se manteve intacta. Em seu conteúdo havia vários fragmentos de placas de barro e ossos de animais (carne de porco, gado e restos de carvão caprino). Trata-se evidentemente de um fosso de tipo votivo, que se perpetuou até o fim da idade histórica, documentado também na idade grega arcaica.

É uma descoberta muito importante, pois mostra o local central de Ortígia no fim da idade do bronze antigo, como em toda a história sucessiva, de incontestável destinação religiosa.

Foi descoberta uma estrutura em rocha, no sentido leste-oeste, indicando a planimetria de um edifício de proporções presumivelmente de 20m x 10,50m, um templo que data em torno do século VII e VI. As escavações

³⁸ Atual Agrigento.
³⁹ Ibidem 7.

permitiram estabelecer que esse templo pertence a uma estrutura que foi incorporada a um edifício precedente, datada de fins do séc. VIII. O antigo templo, atual Duomo encontra-se no local mais antigo de Ortígia, onde nasce a vida política e religiosa da colônia grega. A cerâmica encontrada na estrutura do início da fundação é do tipo *thapsos*, fragmentos de copos, cerâmica coríntia e eubeia que datam de fins de VIII e início de VII.

Havia um culto oficial na sede, pois foi encontrado um *oîko*, provavelmente de forma primordial, de um mégaron micênico, um pequeno recinto sacro. Esse *oîko* foi a primeira sede oficial de culto-local, feito com material modesto, com um provável altar de madeira ou tijolo de barro. P. Orsi já previa ser o ponto culminante de Ortígia. Na segunda metade do século VII, quando a cidade se ampliou, foi construído um templo em volta deste *oîko*, reforçando este local de culto.

O templo tinha uma colunata (*perístasis*) de 6 por 14 colunas, uma *pronaos* (porta de entrada) com 2 colunas, uma *cella*, e um *opisthodomos* – é simétrico à câmara do *pronaos*, que não tem comunicação com a *cella*. Na fachada havia uma estátua de Atena com escudo dourado, que era o ponto de referência dos navegantes. De acordo com Cícero Verr. (2.4.51§122), o templo era ricamente decorado. No primeiro século ., antes da chegada do governador Verres, saquearam a decoração e ornamentos, dentre eles, algumas pinturas mantidas na *cella*. A transformação do templo em uma igreja requereu algumas modificações de estrutura similares às do templo da Concórdia em Agrigento. Na área sacra há uma pintura de terracota datada do século VI , que representa uma górgona correndo com joelhos dobrados.

Além do templo de Atena, uma área agora ocupada pelo *Palazzo Vermexio*, encontrava-se o grande templo Jônico com 6 por 16 colunas, datado do século VI, nunca terminado (INV.IM.43). A área em torno do templo tem um extraordinário monumento de terracota, semelhante a uma esfinge. Na parte norte da península, ao longo da estrada que cruza Ortígia em direção ao quadrante norte da cidade, um pouco a leste do atual ponto Umbertino, há vestígios do terceiro templo de Apolo, com uma parte da parede claramente visível.

Templo de Apolo- Ortígia

O Templo de Apolo em Ortigia está intimamente ligado à história da colônia de Corinto, de acordo com Plutarco.*Moralia* 772 (d 1-773 b7). A primeira evidência arqueológica do deus em Siracusa foi gravada como inscrição para consagrar o culto em Ortigia, no século VI (SAVARINO, 2011). Segundo Marconi (2007, p.50) apud Laky (2010, p. 106), “o templo de Apolo em Siracusa, datado de 600-580 ., foi considerado um modelo para toda geração de templos constuídos na Sicília nas décadas que se seguiram”.

O templo de Apolo possui uma das primeiras colunatas de pedra de seis por sete colunas em volta da *cella*, datado do primeiro quartel do sexto século. Construído de arenito, possui uma dupla colunata na frente e uma coluna monolítica de 8 metros de altura. A *cella* tem três naves, separadas por duas linhas de colunas. Uma das escadas a oeste tem uma inscrição que recorda o nome do arquiteto: *Klemenēs, filho de Knidieidas, construiu o templo de Apolo, e levantou as colunas, ele fez um bom trabalho*⁴⁰ (INV.IM 29; 30; 31)

Fig.08. Holloway. (1991, p.73)

Existem 22 estenopes de orientação leste-oeste, do templo de Apolo ao sul da *Piazza Duomo*, identificadas pelas escavações. Treze fazem parte do fim do século VIII, medindo entre 2,50m a 2,80m. (INV.IM.10; 18;19) No sentido norte e sul, uma rua principal corresponde à atual via *Cavour*, e localiza-se entre a zona do templo de Apolo e a atual *Piazza Duomo* (PLATÉIA A). Existem controvérsias sobre o traçado atual, escavado por P. Orsi, ser o antigo ortogonal. Voza (1999) atesta uma outra rua Norte-Sul, que passa paralela à via *Cavour*, e que está desconexa àquela escavada por P. Orsi (PLATÉIA B). A *Via Dione* e a *Via Roma* encontrar-se-iam na zona do Apolônio, convergindo com a *Zona Cavour*.

⁴⁰

CERCHIAI, et.alia (2004:209). Tradução livre- inglês-português.

3.3 As Sub-Colônias de Siracusa e a penetração em direção ao interior do território

Eloro, Acras e Casmene são assentamentos especiais. Não são cidades de fato, mas territórios estratégicos que garantiam o controle de Siracusa, principalmente sobre a população nativa. Camarina é outro caso, foi uma colônia de Siracusa, mas com todas as características de um uma pólis independente, relação semelhante à de Siracusa com sua cidade-mãe, Corinto. Segundo Cerchiai et.alia (2004, p. 216), há muitas peculiaridades em cada uma das sub-colônias citadas, que parecem ser resultado do sistema territorial instituído por Siracusa, por razões de defesa, não visando a expansão (INV.IM.03).

Eloro

Eloro localiza-se a oeste de Siracusa, na costa de formação colinar à borda da praia (INVIM.48). Escavada por P. Orsi de 1899 a 1927, trouxe à luz uma parte da muralha urbana complexa, datada do século VI e III. Área construída: um teatro, um pequeno templo, habitações atribuídas ao século VI (INV. IM.46).

Expansão siracusana

Na área em frente ao mar Jônico, atualmente chamada Tellaro, localiza-se a área habitada, situada a pouco mais de 20 metros acima do nível do mar. A cidade é mencionada nas fontes porque era próxima ao local da famosa batalha em que o exército de Hipócrates de Gela derrotou os siracusanos em 493(INV.IM.44). As escavações empreendidas por Paolo Orsi em 1909, na Necrópole de Fusco trazem os vestígios de uma estrada chamada Via Elorina. Segundo Di Vita (1996), a zona de Fusco coincide com a estrada que liga Siracusa ao interior do território, a chamada “*Elorine Hodós*”.

O território compreendido pelos rios *Anapo* e *Tellaro* forma um triângulo cujos vértices são Siracusa, Eloro e a região de Monte Lauro (próximo a *Casmene*) e *Acras*. Um território bem delimitado, com uma comunicação

relativamente boa entre as cidades, facilitada pelos rios que existem entre elas, o *Cavadonna*, *Cassibile* e *Assinaro*. (MONEDERO, 1989 p.198). É muito provável, segundo Monedero (1989) que os siracusanos penetraram a região por interesse econômico e controle da região. Segundo Bouffier, (1987) apud Monedero, (1989: 198) será o núcleo da *khóra* siracusana. Para Paolo Orsi, a subcolônia foi fundada com objetivos militares, embora não pareça ter sido fortificada antes do século VI . (ORSI et al., 1966 apud MONEDERO, 1989, p.199). Os território indígenas de *Avola Antica* e *Cassibile* foram importantes centros de penetração siracusana.

Avola Antica

A área tem uma posição topográfica muito favorável, a uns 5 quilômetros do mar, em linha reta, controlando parte importante da faixa costeira. Este centro seria um refúgio seguro para os indígenas, em época de presença grega na região. (ALBANESE, 1978 apud MONEDERO, 1989, p.199).

Casibile

É uma região muito próxima de Siracusa, a 4 quilômetros do mar, aproximadamente. *Cassibile* encontra-se na entrada do desfiladeiro de Cava Grande, que conduz a *Acras*. Para Monedero (1989) *Cassibile* faz parte de um movimento de penetração na área de *Anapo* e *Tellaro*, que inclui as regiões de *Cassibile* e *Avola* (INV.IM.44).

Mais adiante, durante o século VII, outros caminhos serão penetrados. *Acras* será fundada em 664, como consequência deste movimento de expansão da área do *Anapo* e *Tellaro*, por outro lado, também se abandona o importante centro siculo do Monte Finocchito, que controlava o vale do *Tellaro*, depois de intensas relações com os gregos. Posteriormente se funda *Casmene*, em 643 , o que marca o final da penetração do vale *Anapo* e *Tellaro*. Neste processo, Siracusa conseguiu manter sua relação com os indígenas da região, por meio de pactos e obtenção de mão-de-obra. Este seria um breve esquema de penetração siracusana no interior (MONEDERO, 1989, p.201).

Fig.09. Localização de Avola e Cassibile. Distância em relação a Siracusa. Imagem retirada do Google Earth. (retirado em 05/12/2012).

Área de habitação

A área habitada cobria somente 10 hectares, rodeada por uma muralha de 1,4 km de comprimento, da qual a parte mais antiga datava do século VI. A área mais antiga foi localizada muito preservada, próxima à porta do lado norte da cidade (INV.IM.49;50;51). Essa muralha antiga era constituída por uma linha dupla de alvenaria de 2,8 metros de largura, com um enchimento interno (*empekton*) (INV.IM.48). Muito da parte fortificada permanece até hoje, como as torres quadradas salientes nas paredes que sobreviveram ao longo desse trecho da fortificação. Dois portões foram identificados: um no sentido de Siracusa, e um ao sul, perto da torre *Stampaci*, em direção à foz do *Tellaro* (INV.IM.46). A *Via Elorina* corre entre as duas portas, construída sobre uma base de rocha natural, sendo ainda possível ver os sulcos feitos pelas rodas de carroças. A estrada acompanhou a morfologia do terreno. (CERCHIAI, et alia, 2004, p.217)

A estrada norte-sul constitui o eixo principal da cidade, atravessado por ruas leste-oeste. Estas ruas têm blocos bastante irregulares, e uma delas media 100x28 metros. Localizou-se uma pequena área a norte medindo

25x15m, rodeada por uma estrada norte e dois edifícios com pórticos (*stoá*) em direção a leste e oeste. Esse espaço foi identificado como o lado da ágora. A sudeste da montanha, em uma área bastante explorada, mais três estradas foram identificadas, e ao contrário da estrada de eixo principal, correm noroeste-sudeste (INV.IM.46). As estradas que vêm do sudeste se cruzam, formando uma divisão do território urbano da cidade arcaica.

Foram encontradas casas em formato quadrado, com paredes de lajes de calcário, de piso plano, que datam do século VIII, semelhantes às encontradas em Siracusa e Mégara Hibleia. As habitações mais recentes encontradas são do quarto século. Data desse período um complexo composto por um pequeno templo e alguns edifícios, possivelmente utilizados para fins de recepção (CERCHIAI, et. alia 2004, p. 219).

Áreas sagradas

Nas escavações de 1964 foram encontrados vestígios de um *Koréion* de época arcaica, em uma praia, ao norte da cidade, constituído de vários ambientes, e cujo *bothroi* (lugar do sacrifício) era rico em material votivo (INV.IM.52);.

Do lado interno da cidade houve uma descoberta muito relevante, uma outra construção religiosa, um templo com altar, provavelmente um *Asklepieion*(INV.IM.46). Ainda no quadrante meridional da cidade, foi encontrado um grande santuário datado do século IV e II, cujas inscrições foram dedicadas a Deméter. O santuário documenta não somente uma das primeiras, mas uma das mais significativas obras arquitetônicas da época arcaica até clássica, de acordo com Cerchiai, et. alia (2004). O santuário, em época ainda desconhecida, foi destruído por um incêndio de vastas proporções no século VI, e uma basílica bizantina foi construída no local (INV.IM. 52, 54; 55). Conservaram-se restos de uma basílica bizantina construída com materiais retirados do velho santuário. Um dos edifícios de recepção é o *Asklepieion*, um santuário com quatro colunas, ambas as extremidades dedicadas a Deméter. É possível saber a divindade por causa de uma inscrição em um altar de terracota, assim como podemos deduzir a partir de algumas peças, também de terracota, representando a divindade (INV.IM.56). No início do século II. o santuário foi fechado no lado norte por um pórtico imponente, conhecido como

paraskene. O pórtico, com total de 68 metros de comprimento, tinha colunas dóricas. Na área da montanha foi construído o teatro, que data do século IV.

Fora dos muros da cidade, do lado norte, perto da praia, a cerca de 100 metros das paredes, há um outro santuário, em uso entre o século VI e II. Dentro dele há estruturas compostas por câmaras com bancos ao redor dos muros, onde foram encontradas numerosas oferendas votivas. Isso indica que o santuário era um *Koréion* (INV.IM.53).

Necrópoles

Também fora dos muros estavam os cemitérios, localizados ao norte, a oeste e sul. As datações são do século VI a III. Na área sul há alguns fragmentos de paredes de pedras calcárias, com uma pequena colunata dórica, construída de blocos calcários, de altura de 10,5 metros, com diâmetro de base de 3,8 metros. A estrutura fica nas plataformas niveladas na rocha que abriga uma câmara subterrânea, provavelmente uma tumba de pessoa eminente. Paolo Orsi detectou uma série de grupos de tumbas pertencentes à necrópole elorina, principalmente a sul e destacou que nenhuma das tumbas era anterior ao século V, eram em sua maioria do IV. Somente cemitérios a norte e a oeste permitem ampliar a cronologia das tumbas para o século VI a III (VOZA, 1973 a. apud MONEDERO, 1989, p.197). As escavações de 1959-68 dataram os vestígios do século VII, porém os materiais encontrados são característicos do século anterior.

Eloro iniciou-se como posto avançado de Siracusa a sul, impulsionado por interesse econômico e político cujos principais objetivos eram:

- 1 Controle da área fértil e da faixa costeira;
- 2 Controle do ponto nevrálgico do território construído à foz do *Tellaro*, importante linha de penetração do mundo indígena pela zona inteira.

Porém, com a *colonização* de Casmene, Acras e Camarina, perdeu o posto. A região tornou-se um autêntico centro religioso na época helenística.

Acras

Acras foi fundada em 663. Não houve a figura de um fundador, e sua representação como uma pólis, sua identidade, não lhe foram conferidas na

fundação. Segundo constatações, Acras começou a bater moeda somente em época romana. Segundo Platão e Aristóteles, cunhar moeda caracteriza fundamentalmente uma pólis. (Platão, R., 371 b; Aristóteles, MM, 1194 a 18-25)

Fig.10. Distância entre Acras e Eoro. Imagem retirada do Google Earth. (retirado em 05/12/2012)

Di Vita, (1956, p. 179) diz que os siracusanos chegaram em *Acras* e pegaram uma via que não atravessava os aglomerados sículos de Pantallica e Finocchito. Os habitantes de Siracusa não quiseram entrar em confronto neste momento. Segundo estudiosos, os muros dos centros sículos em *Finocchitto* foram atacados somente depois da fundação de Acras. Já Pantallica foi atacada logo quando essa cidade foi fundada. (CARRATELLI, 1942, p.321-334; DUNBABIN, 1948, p.97; B.BREÁ, 1957, p.163; PACE, 1958, p.190 apud MONEDERO, 1989) .(INV. IM. 57; 58) A localização de Acras é bem favorável, no topo de uma colina, uma autêntica fortaleza natural.

Expansão Siracusana

A fundação de Acras deve estar relacionada à crise da aristocracia, dada por conflitos internos e fragmentação de terra. A função da cidade como subcolônia era a de controlar o território circundante. Com a fundação de Acras

em Eforo – um polisma de caráter militar, construído no cruzamento de *Tellaro*, com todas as vantagens de sua posição estratégica –, a região precisou ser reforçada demográfica e politicamente, por isso nota-se um crescimento de bairros na área rural e urbana. Acras representava sobretudo a aquisição do vale Anapo. A ideia de expansão correspondia à exigência de procurar bem estar à população. (INV.IM.59)

Foi fundada em 664/663 com a finalidade de defesa do planalto, posicionado em local que favorecia o confronto com o mundo sículo do altiplano hibleo. Fica absolutamente claro esse objetivo pela análise do seu aspecto físico, um topo plano (770m acima do nível do mar), uma autêntica fortaleza natural; um nó orográfico, Monte Lauro; o domínio de uma longa estrada do vale Anapo, uma via importante de penetração no triângulo sul-oriental da Sicília.

Na parte interna da cidade, próximo à porta oriental, há um complexo monumental urbano muito importante, que apresenta diversos aspectos análogos a *Neápolis* de Siracusa. (INV.IM.63;65)

Áreas sagradas

Atrás do teatro, como em Siracusa, está o complexo das latomias *L'Intagliata* (INV.IM.65). Sabe-se que a acrópole estava na colina do sul, no ponto mais elevado do teatro. As escavações na acrópole revelaram um templo arcaico da segunda metade do século VI, talvez o de Afrodite, com uma inscrição mencionando a existência de santuários dedicados a Zeus *Akraisos* e *Koré*, e também a um culto às ninfas (INV.IM.66). Desse santuário nada sobreviveu, exceto o nível da fundação e ainda alguns vestígios que sugerem a existência de uma colunata dupla na frente de uma parede traseira da *cella* e com decoração de terracota de arquitetura (CERCHIAI, et.alia, 2004, p.222).

Platéias- estenopes

A artéria estradal principal, no sentido leste-oeste, a mais ou menos 250 metros de comprimento é dotada de uma esplêndida pavimentação em basalto. O traçado da idade tardo helenística deu-se sobre o traçado da idade arcaica.

Essa obra estradal de grande efeito, por sua ótima conservação, foi revelada na escavação dos anos 70-80 (INV.IM.61; 62).

Áreas de habitação

As habitações de Acras, não longe do *Palazzo Acreide*, estavam localizadas no conjunto de montanhas conhecidas como *Serra Del Palazzo*, a 770 metros acima do nível do mar, com declives acentuados de todos os lados, exceto o lado de Siracusa. O local, que já estava em uma posição naturalmente defendida, foi protegido e fortificado por uma parede em volta do planalto, em uma área de 35 hectares. A área das habitações gregas ocupava um local que foi frequentado durante a era paleolítica final até a Idade do Bronze final. Túmulos rupestres foram encontrados no sopé sul da entrada da colina.

A área habitada era atravessada de leste a oeste por uma estrada principal, de 4 metros de largura. A pavimentação com rochas ígneas foi descoberta e escavada a somente 250 metros da estrada. A parte não pavimentada possuía 3 metros de largura, no sentido norte -sul, a 27 metros daquela principal, convergia em ângulos oblíquos dessa plateia. (INV.IM.62)

O Buleutério localiza-se na colina ocidental. A estrutura contém uma câmara quadrada de 8,65 x 8,15 metros, com seis fileiras de assentos divididos em três setores. A entrada era pela frente, onde havia um pórtico. O espaço atrás possivelmente era uma ágora. (INV.IM.63; 64)

A leste localizam-se as latomias, semelhantes às de Siracusa, chamadas de Intaglia. Entre os séculos IV e II eram usadas para culto ao herói e em tempos cristãos serviam como câmaras funerárias. Um grande número de cavidades retangulares foi encontrado, junto aos recipientes votivos, esculpidos em relevo, feitos de pedra ou madeira, ou mesmo pintados diretamente sobre rocha (CERCHIAI, et.alia. 2004, p. 222 e VOZA, 1999 p.113-143).

Casmene

Siracusa fundou Casmene em aproximadamente 643. Localizada a 12 quilômetros de Acras. Identificada como a cidadela de M. Casale, edificada em um dos picos mais altos de Hibla, um isolado planalto escarpado a 830

metros acima do nível do mar. Foi escavada pela primeira vez por P. Orsi em 1922, e depois entre 1927 e 1931. Tem clima pouco agradável, resultado da altitude, e difícil acesso do lado norte. A sudeste há uma cinta murária com cerca de 3400 metros, constituída de enormes blocos, alternados entre maiores e menores (IM.INV.67).

Sua história aponta para uma colônia que foi fundada para servir Siracusa, de forma que não se bateu moeda. Heródoto (Her.7. 155,2) recorda como os *gamoroi* fugiram de Siracusa e lá se refugiaram. Casmene é mencionada nas fontes escritas em episódios do século IV. Pós século IV Casmene perde a função para Siracusa, portanto seu controle cessa. (DE LUNA, M. 2009, p. 77)

O planalto de Monte Casale estendeu-se ao longo de um comprimento de 130 metros por 450 metros de largura, e foi fechado em uma parede de megalíticos, feita a partir de grandes blocos irregulares de rochas ígneas. A parede é de 3,4 km de comprimento por 3m de espessura, e possui torres retangulares externas. No século IV uma parede foi erguida como fortificação; orientada norte-sul e formada por uma linha dupla de alvenaria, com três torres salientes.

Expansão de Siracusa

A fundação de Casmene seguiu o propósito de defesa para Siracusa. Situou-se como um forte pilar por trás de Acras. Em contato direto com os nativos, os sículos de Hibla e com os indígenas do triângulo *Ispica-scicli-modica*, constituía-se em uma posição central, um trampolim para a conquista da planície de Dirillo, no oriente. Com a *colonização* de Casmene e Acras no século VI criou-se uma primeira pressão estratégica, e muitos dos sítios nativos ao redor foram helenizados. No contexto, Siracusa encontrava-se dotada de uma ótima capacidade de organização, e desejosa do controle meridional da ilha.

Plateias e estenopes

Quanto ao plano urbanístico, 38 ruas foram traçadas, todas com 3,5 metros de largura, e paralelamente há um outro traçado na direção noroeste-sudeste, com blocos semelhantes ao de Mégara Hibleia , levando-se em conta o padrão das fundações em cidades italianas do ocidente. Dentro dos blocos havia casas construídas. (CERCHIAI, et.alia, 2004 p.224) (INV.IM.67;68; 69;70)

Área de habitação

Com poucas exceções, as casas tinham uma entrada na frente para a rua, e foram construídas em torno do pátio. Na ausência de ruas transversais, as passagens entre uma rua e outra foram feitas por caminhos informais, através de blocos. O auge da dinâmica da cidade pode ser datado do IV século, pois foram identificados a acrópole, um templo arcaico e alguns vestígios de terracota arquitetônicos dessa época.

Di Vita (1996) faz um estudo da quantidade de habitantes por área (habitação) e chega a um número muito próximo ao de Mégara Hibleia⁴¹. A planta de Casmene permite quantificar as casas que existiram, calculada em 1.882 casas que, multiplicadas por quatro habitantes soma uma população de 7.528 indivíduos (DI VITA, 1996, p.278.) Este número aproxima-se do montante calculado por Orsi, a respeito Megara Hibleia - 8000 habitantes.

As duas colônias são muito semelhantes, pois possuem áreas parecidas, e suas malhas urbanas permitem quantificar as casas que existiram. O autor ressalta que seus estudos são somente aproximações, que nos ajudam a pensar na hipotética dinâmica populacional da cidade no contexto do século VI.

A natureza militar de Casmene pode ser observada no seu período arcaico, diferente do período clássico. As características da rede urbana , mesmo muito semelhantes às de Mégara Hibleia, tem a particularidade da estrutura defensiva, muito evidente. No entanto não há artérias longitudinais, forçando o uso de caminhos irregulares intermediários entre as casas. A natureza militar também parece ter se firmado nas oferendas votivas no

⁴¹ Paulo Orsi dimensionou o número de habitantes de Mégara Hibleia pela área de habitação e chegou a 8.000 habitantes aproximadamente.

santuário, pois na acrópole foram encontrados vestígios de oferendas de armas e flechas.(DE LUNA, 2009, p. 80) (INV.IM.71;72)

Camarina

Camarina está localizada na costa sul da ilha, a 112 quilômetros de Siracusa, entre os rios Hipparis e Oanis. (INV.IM.02). A sua fundação é datada de 598 por Tucídides (6. 5.2), cinquenta e cinco anos depois de Siracusa, uma das datas mais seguras da cronologia siciliota (PACE, 1927 apud MONEDERO, 1989, p.218). A arqueologia também confirma as datações do final do século VII e início do VI, por meio das cerâmicas encontradas nas tumbas do cemitério arcaico de Rifriscolaro. (GRAHAM, 1982, p. 177).

Fig.11. Distância entre Camarina e Siracusa. Retirada do Google Earth. (retirada em 04/12/2012)

Tucídides (Tuc.6.5.2) e Píndaro (Pínd.Ol.5.16) contam que havia dois oikistas em Camarina, considerada uma pólis independente em questão de organização social, mas dependente politicamente de Siracusa. O nome dos fundadores são: Dáscon, siracusano e Menéloco, coríntio. As evidências arqueológicas mostram, em escavações nas necrópoles arcaicas, que havia

abundância de ânforas de transporte coríntia (cerca de 40 %). (PELAGATTI, 1985 apud MONEDERO, 1989, p.218). Foram encontradas, também nas necrópoles escavadas, tumbas que possibilitaram identificar a coexistência entre gregos e não gregos, em meados de 570.

Gélon, então tirano de Siracusa, em meados do século V, preferiu realocar a população elitizada de Camarina para Siracusa, efetuando uma seleção organizada, justamente para evitar rebeliões em massa por parte da elite rebelde. Para esta camada da população concedeu cidadania e regalias que não concedeu às classe baixas deslocadas de Camarina. Diz Heródoto. (7, 156) :

Senhor de Siracusa, Gélon passou a dar menos importância a Gela, confiando o governo dessa ao seu irmão Hierão e reservando para si o de Siracusa, que tinha em maior conta. Siracusa desenvolveu-se rapidamente, tornando-se uma das mais florescentes cidades da região. Gélon para ali transferiu todos os habitantes de Camarina, fê-los cidadãos siracusanos e destruiu sua primitiva cidade. Agiu da mesma maneira com relação à maioria dos Gelanos. Em seguida, cercou os Megarinos da Sicília, obrigando-os a render-se. Os cidadãos ricos da cidade, responsáveis pela guerra, estavam convencidos de que não escapariam à morte, mas Gélon não só os poupou como os enviou para Siracusa, concedendo-lhes a cidadania. Quanto à plebe, foi também levada para Siracusa e ali vendida e transportada para fora da Sicília, embora não tivesse tido nenhuma participação ativa na guerra e não merecesse tão dura sorte. Gélon procedeu do mesmo modo com os Eubeus da Sicília, que ele tinha separado em duas classes, por considerar esse povo um vizinho bastante incômodo. Foi assim que Gélon veio a tornar-se um poderoso monarca.

Camarina, no contexto das fundações, foi considerada uma pólis independente, de população mista, assim como demonstram as descobertas de 150 arquivos no templo de Atena. A constituição é de influência dórica e há registros de nomes patronímicos que confirmam a existência de um corpo cívico misto.

A fundação de Camarina poderia ser uma saída para aqueles que almejavam escapar do sistema de domínio dos *gamoroi*, em Siracusa, baseado no controle das melhores terras entre o Anapo e Eloro (ASHERI, 1980 apud MONEDERO, 1989, p.228).

Siracusa havia alcançado seus limites naturais em um território de grande riqueza e fertilidade, onde coexistiram populações gregas e sículos. A hipótese de migração de populações campesinas é fundamentada pelo fato de que os *gamoroi* de Siracusa pressionavam esta camada da população. Os migrantes procuraram estabelecer-se em um lugar conhecido pelos gregos siracusanos (MONEDERO, 1989, p.228).

Camaria buscou relações amistosas com os sículos, especialmente com o centro de *Hibla Heraia*. Estas relações, supostamente comerciais, provocariam desconfiança em Siracusa. A autonomia econômica de Camarina permitiria a eles manterem relações comerciais com etruscos e sículos. (LOICQ-BERGER, 1967 apud MONEDERO, 1989, p.230).

Expansão de Siracusa

O itinerário para Camarina, segundo Di Vitta, passava pelo curso do moderno *Chiaramonte*, seguindo assim o caminho mais curto e mais fácil para se chegar ao local, evitando núcleos sículos de Hibla. Segundo evidências arqueológicas há ausência de habitação arcaica no planalto Hibleo, onde Camarina se afirmaria mais tarde, no primeiro quarto do século VI (DI VITA, 1956, p. 183 e DI STEFANO, 1987, p. 168-180).

A posição de Camarina é privilegiada, pois garantia uma rica planície, uma boa posição em relação ao mar e um bom aporte fluvial, bem estruturado no canal do porto (DI STEFANO 1988, p. 63-73). Por um lado atrapalhava a expansão de Gela a leste do Dirillo, e por outro oferecia uma ampla

possibilidade de controlar os sículos da área limite e interagir com eles. (INV.IM.79)

Outras causas que estimularam os siracusanos a estabelecerem-se na sub-colônia foram: a importância da rota sul e o comércio na parte oeste; estratégia política de implantação do elemento dórico na ilha; pressões internas. (MADDOLI, 1992, p.4).

As fontes arqueológicas trazem poucos elementos da dinâmica social da cidade, sendo preciso valer-se de fontes literárias e históricas para que se possa relacionar as documentações e muitas vezes embatê-las. Os camarinenses foram capazes de ter boas relações com os sículos do interior, assumindo uma mistura étnica e negócios comerciais.

A exploração pelo interior, bom relacionamento com nativos, novas rotas pelos rios foram rentáveis para o comércio de Camarina, o que pode ter gerado a rebelião contra Siracusa. Em 552 . os camarinenses atravessaram o rio Irmino, em conflito com os siracusanos.

Dunbabin (1948, p. 105) interpreta esse acontecimento como uma guerra de independência. Siracusa reagiu a isso, pois Camarina arruinou seus planos de hegemonia regional. Manganaro (1999, p. 116) menciona as taxas cobradas por Siracusa às suas sub-colônias.

Pela primeira vez os gregos lutam com outros gregos aliados aos indígenas. Os camarinenses foram apoiados provavelmente por habitantes de Hibla, M. Casale, Castiglione, Modica e Ragusa, pequenas aldeias de Dirillo ao longo da área interna, parte da *Khóra* de Camarina (INV.IM.72;73).

Segundo Maddoli (1980) apud Monedero (1989, p.220), a presença de ânforas de transporte encontradas nas necrópoles de Camarina, com *graffiti* jônios do século VII permite a Manni Piraino (1984) apud Monedero (1989, p.220) sugerir que Camarina já era frequentada por outros povos, pois foram encontrados elementos eubóico-áticos na região. Isso poderia explicar o chamado “filo-siculismo” de Camarina e sua oposição a Siracusa.

Há uma tendência em considerar Camarina como a antítese de Siracusa. Segundo Sjövist (1973, p.38) apud Monedero (1989, p.220)

“Camarina estava rodeada por tribos montanhesas sículas, que haviam sofrido consideravelmente pela política

opressora de Siracusa. Os colonos, evidentemente, entenderam que sua existência dependia de melhores relações com os vizinhos, sobretudo com os habitantes da fortaleza sícula de Hibla Heraia (Ragusa).⁴²

Siracusa tinha o objetivo de controlar Camarina, mas a mesma possuía uma grande capacidade econômica, já na primeira metade do século VI, fruto de suas relações com praticamente todas as regiões mediterrâneas, como pode ser comprovado nas escavações da necrópole de Rifriscolaro, onde foram encontradas 500 ânforas deste século, recipientes funerários coríntios, áticos, lacônicos, sâmios, quiotas, lesbios, etruscos, púnicos, greco-orientais e jônicos ou “jônicos-massaliotas”. (PELAGATTI, 1980-81 apud MONEDERO, 1989, p.232). Com este material arqueológico é possível supor que Camarina era muito desenvolvida economicamente.

Plateias e Estenopes

As investigações arqueológicas permitem-nos conhecer relativamente os detalhes relativos à estrutura e organização desta cidade, que em meados do século VI compreendia-se dentro de suas muralhas de 7 km de perímetro, uma extensão de 150 ha. O traçado urbanístico, como hoje se conhece, não é anterior ao século V (INV. IM.71; 74;75; 76).

Os primeiros habitantes da colônia eram já núcleos familiares plenamente formados, já estabelecidos em uma planta orientada, com traçado ortogonal, onde encontrava-se a platéia principal norte-sul e estenopes leste-oeste. (INV. IM.76; 77; 78; 79; 81).

Área de necrópole

◇ *Necrópole grega de Hibla-Ragusa relação com Camarina*

⁴² Tradução livre e adaptada do espanhol para o português.

P.Orsi e Di Vita constataram que o núcleo indígena de Hibla-Ragusa resistiu às importações comerciais. As escavações que conduzem à Necrópole Grega de Rito mostram uma evolução nas relações: são cerca de 24 sepulturas reconhecidas como gregas e datadas da segunda metade do século VI. O caráter do avanço monumental, a tipologia funerária e artefatos permitiram defini-la como a necrópole grega de Rito e associá-la a um grupo de comerciantes camarinenses que penetraram no coração da região de Hibla e ali se estabeleceram. Nas habitações arcaicas de Castiglione, as características que restaram são distintamente indígenas, mas Di Stefano afirma que tais indígenas se juntaram aos gregos em relações comerciais (DI STEFANO. 1987, p. 182).

Há nessa necrópole uma estela sepulcral aparentemente pertencente a uma tumba sícula datada do século VI. Na parte da frente há um inciso em dístico elegíaco com caracteres gregos, no qual o filho devoto recorda o genitor defunto. Trata-se de uma família siciliota, cuja onomástica confirma que a mistura étnica ocorreu (DUBOIS, 1989).

◇ *Necrópole de Rifriscolaro*

A necrópole arcaica de Rifriscolaro, onde foram encontradas 1560 tumbas, data do início do século VI e corresponde à primeira geração de colonos (INV.IM.77).

Ao contrário do que foi encontrado na Necrópole de Fusco, em Siracusa, há um número significativo de incinerações, a partir da metade do século VI. Trata-se de um tipo peculiar de rito, que consiste na cremação do próprio local onde se enterraria o morto, colocando lá os restos do corpo, recoberto de terra para que fossem queimadas na pira (PELAGATTI, 1973 apud MONEDERO, 1989, p.225).

Há também variações como na tumba 497, onde aparecem restos de 3 indivíduos queimados, dentro de duas ânforas áticas de figuras negras, que não sofreram ação do fogo, mas há restos de combustão na fossa e nos demais objetos que acompanham os defuntos na pira (DORO GARETTO et al., 1976 apud MONEDERO, 1989, p.224).

É abundante a presença de ânforas gregas em Rifriscolaro, mas há uma ânfora indígena que é uma exceção à regra. Aparece na tumba 659 que leva o nome de *Diomos*, semelhante a um dos artesanatos que acompanham o coríntio Demarato em Tarquínia (Plin.N.H.XXXV, 152) apud MONEDERO, 1989, p.224). Esta ânfora data do século VI e pelo que parece, é parte de um ritual de enterramento. A tumba, segundo Pelagatti (1977) apud Monedero (1989, p.224) parece corresponder a um dos primeiros colonos de Camarina.

Fig.12. Representação de ânfora indígena encontrada na necrópole de Rifriscolaro. (MONEDERO, 1989,p.224)

As incinerações datam da época da guerra de independência com Siracusa (Tuc. VI, 5) em que os camarinenenses tiveram como aliados os sículos. Para P. Pelagatti o tipo de incineração aparece por influência do ambiente gelense, depois da refundação da cidade por Hipócrates, em início do século V.

Foram feitas investigações acerca da identificação étnica dos habitantes de Camarina, pelos pesquisadores T. Doro Garetto e M. Masali, que tem iniciado análises de restos ósseos nas necrópoles camarinenses. Seus primeiros resultados afirmam a presença de um tipo humano mais frágil, durante o século VI , ao passo que nos séculos V e IV aparecerá um tipo mais robusto, podendo corresponder a uma mudança na composição étnica da

colônia, com um predomínio de colonos gregos (DORO GARETTO et al., 1976-77 apud MONEDERO, 1989, p.226).

Áreas sagradas

◊ *Templo de Atena*

O templo dedicado à Atena, cujo culto foi importado por Hipócrates ainda na primeira reestruturação, foi erguido no centro do témeno arcaico, no ponto alto, visível tanto do mar quanto de terra. É um grande templo siciliota, sem peristase, com uma *cella*. O Templo, a ágora e a delimitação da planta urbana estão sem dúvida entre as maiores realizações da Camarina pós tirânica. Um espaço fechado e rigorosamente inserido no novo plano urbano, monumentalizado no século V. (DI STEFANO, 2005: 37) (INV.IM.85).

Khóra

A *khóra* encontrava-se a 4 quilômetros da zona urbana, e concentrava a produção de óleo, cevada e vinha. Uma fazenda em cada *kleros*, o equivalente a 265 metros, em uma área de 56.700 m² (PELAGATTI, 1976 apud MONEDERO, 1989, p.223) (INV.IM.83; 84).

Há 3 zonas integradas à *khóra*, chamados *Capodicasa*, *Iurato*, *Cancelliere*, que por meio de indícios paleobotânicos é possível, segundo Pelagatti (1976) apud Monedero (1989, p.223) falar de um amplo cultivo de oliva em Iurato. Em *Cancelliere*, havia uma importante produção de mel, entre os séculos V e III (DI STEFANO, 1984-85 apud MONEDERO, 1989, p.284) (INV.IM.83; 84).

Em escavações nesta área da *khóra*, foram descobertos edifícios do século IV . Nesta ocasião, na Costa *Corallo*, um pouco afastados da costa direita de Oanis, foram descobertas vinte tumbas, relacionadas com as zonas de fazendas, mencionadas acima. (PELAGATTI, 1985 apud MONEDERO, 1989, p.223).

Fig.12. *Khóra*. Reconstituição isométrica das fazendas Iurato e Capodicasa ilustrando as diferentes funções de cada ambiente. Capítulo de Giovanni di Stefano. Projeto *khóra*. (BONACASA, 2002, p.97^a)

Paralelo a estes descobrimentos, as equipes de escavação se aprofundaram no conhecimento das vias de comunicação da cidade com sua hinterlândia. Há uma estrada que liga estas necrópoles e a cidade, ao passo que há mais tumbas modernas, à medida que os caminhos se afastam para o interior (INV.IM.72).

Os trabalhos recentes na região trouxeram à luz cerâmicas do fim do século VII, indícios prováveis da frequência destes locais de *khóra* por gregos, antes da fundação da colônia e/ou como preparativo para a mesma. Epigrafia encontrada, segundo Manni Piraino, supõe que sejam calcídios (MANNI PIRAINO, 1984 apud MONEDERO, 1989, p.224).

Maestro- um empóron⁴³ ou uma cidade?

Investigações recentes trabalham na área que poderia ser identificada como *emporion* de Camarina. Desde 1983 foi mapeada a área sul-oriental da *khóra* camarinense, e na desembocadura do rio Irminio foi descoberto um estabelecimento grego arcaico, em Maestro. (INV.IM.80) Trata-se de um habitat localizado em uma colina que desemboca em um rio, e no porto fluvial do mesmo, com fácil acesso a Ragusa (*Hibla Hiraia*) (MONEDERO, 1989, p.232).

⁴³ *Empóron*: (masc; plural empória) praça de comércio marítimo, daí cidade situada no litoral, com grande porto e grande atividade comercial. (Ref. www.labeca.mae.usp.br)

Nas primeiras campanhas de escavação foram encontrados vestígios de uma habitação grega arcaica, assim como uma rua, que estava orientada no sentido norte-sul, parecendo parte de um conjunto regular mais amplo. Foram observadas 3 fases construtivas que datam do século VI até o início do século V . Os materiais mostram abundância de ânforas de transporte coríntio, jônio-massaliota, ático e grego-oriental. Não se sabe se trata-se de um *empóron* ou de uma autêntica cidade. (DI STEFANO, 1984-85 apud MONEDERO, 1989). Já Vallet (1984) apud Monedero (1989) sugere que pode se tratar de um *emporion*, que serviria de ponto de apoio em um movimento contínuo entre o mundo grego, devido à presença de ânforas e produtos de regiões do Monte Hiblos (queijo, mel, lã, etc) (VALLET, 1984-85 apud MONEDERO, 1989, p.232). É importante ressaltar que são escavações recentes, e por isso é preciso aguardar publicações.

PARTE II

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

PARTE II

Inventário Descritivo Urbanístico

Introdução

O Inventário descritivo urbanístico tem como objetivo documentar os dados que foram levantados ao longo dos capítulos. A relação de imagens configura-se na compilação dos aspectos materiais relativos à expansão de Siracusa pelo território. A urbanização das cidades no entorno faz parte de um programa efetivamente expansionista das colônias gregas, que se instalaram na Sicília. Em Siracusa, veremos mais claramente, por meio das imagens, o crescimento urbano em direção ao interior e a sua expansão para a *khóra* - e juntamente com as fontes escritas, teremos uma perspectiva ampla do recorte temporal proposto nesta dissertação. O Inventário será composto por plantas, mapas e imagens dos espaços ocupados por Siracusa, Camarina, Acrae, Casmene e Eloro, com o objetivo de documentar o desenvolvimento destas pólis, desde sua fundação até meados do séc.V. Estenderemo-nos ao século IV apenas com o intuito de completar o registro urbanístico. Assim, faremos uma compilação de plantas, mapas e estruturas, categorizadas em 3 partes: 1.a Mapas; 2.b Plantas 3.c malha urbana/vestígios (consiste em imagens relacionadas a todo o contexto urbano, assim como estruturas habitacionais, fotografia da área geral e de estruturas em geral);4.d Áreas sagradas. Dividimos a estrutura geral em 2 blocos: I) Siracusa: *ásty khóra* e II) Siracusa e suas fundações.

A ficha catalográfica reúne desde informações geográficas e topográficas a dados da localização de edificações na *ásty* e na *khóra*, das malhas viárias, muros e outros dispositivos urbanísticos. Os campos a serem preenchidos terão as seguintes informações: 1) número da imagem; 2) nome da pólis; 3) cronologia, que só será citada quando estiver referenciada pela bibliografia mencionada, caso contrário, utilizaremos a sigla n/d (não descrito) para designar a não menção; 4) Descrição e/ou perfil territorial; 5) Referências bibliográficas; 6) Observações, que serão de ordem geral, tanto bibliográfica, quanto da imagem, da descrição, de um aspecto importante da fonte escrita, um aspecto histórico e/ou arqueológico importante ou informações atuais.

Inventário 1. Siracusa – Ásty e Khóra

A) Mapas

1.Nº da imagem: 01

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Mapa que mostra o território de Siracusa em detalhes.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 12.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 02

2.Nome da pólis: Siracusa

3.Cronologia : século VI, V.

4.Descrição/Perfil territorial: Mapa do sudeste da Sicília. Localiza Siracusa e suas fundações:Acrae,Casmenes, Heloro e Kamarina. As setas indicam o movimento expansionista siracusano para o interior . Estes locais já eram ocupados por populações locais desde o séc. VII .

5.Referência Bibliográfica: MERTENS, 2006: 44

6.Observações:

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 03

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Mapa mostra a região SE da Sicília, com as fundações primárias e secundárias (sub-colônias). É possível visualizar as regiões onde há centros indígenas, mais ao interior, ou seja no que será a *khóra* de Siracusa. O critério de escolha dos locais era feito principalmente por sua topografia, ou seja, locais mais altos, para defesa e próximos aos rios, para favorecimento da agricultura.

5.Referências Bibliográficas: VOZA; PELLAGATTI, 1973:11

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 04

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: *khóra* murada – Muro de Dionísio I, tirano de Siracusa entre (405-367 a.C).

5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 48

6. Observações

B) Plantas

1.Nº da imagem: 05

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial- Topografia da região de Siracusa. Esta planta mostra o perfil topográfico da região de Ortígia e da *khóra* siracusana: Uma região de planície extensa que favoreceu a agricultura, além de ser uma região montanhosa, que favoreceu a defesa.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI 1999: 39

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 06

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: A topografia da região de Siracusa,especificamente detalhada. É possível visualizar a linha de costa no século VIII, época da chegada dos gregos, em comparação com a linha de costa atual, que se estreitou ao longo do tempo. Esta planta com detalhes naturais mostra que havia rios navegáveis, os quais facilitavam acesso ao interno. Entre planície e montanhas a defesa era facilitada; A água em abundância favorecia o abastecimento; um porto natural; uma planície fértil que favorecia a agricultura.

5.Referências Bibliográficas; BOLLATI 1999: 40

6. Observações: Imagem adaptada.

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 07

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta mais detalhada dos lugares naturais.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI 1999: 40

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 08

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: . Esta planta mostra os assentamentos sículos, as necrópoles e poços da época arcaica por todo o espaço ainda pouco explorado.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI 1999: 45

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 09

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: : Planta que mostra a disposição dos templos em Ortigia em meados do século V (1- Templo de Atena; 2- Templo Jônico; 3- Templo de Apolo). Também mostra a ligação com a Acradina, onde se localizavam a Neápolis – nova área de habitação - e a necrópole do Fusco.

5.Referências Bibliográficas: CERCHIAI, 2004: 202

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 10

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planimetria dos principais locais de culto e templos de Ortigia.

5.Referências Bibliográficas: COARELLI, 1984: 228

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 11

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Plantas do alinhamento ortogonal antigo. O traçado atual coincide com o traçado antigo. Ortígia apresenta planejamento urbanístico viário desde o início da implantação grega.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 56

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 12

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: Atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta das ruas atuais de Siracusa.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 79.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 13

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: Atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta das ruas atuais de Siracusa

5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 84.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 14

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: Atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Quarteirão della Giudecca. Leitura da pré-existencia antiga no atual tecido urbano.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 92b

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 15

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: VII - IV

4.Descrição/ Perfil territorial: Combinação das plantas da fase I. (consolidação século VII- colônia provavelmente agrícola); fase II (desenvolvimento e expansão século VI –IV); Fase III (reorganização e contração século III e IV).

5.Referências Bibliográficas: BOLATTI, 1999: 46

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 16

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: VI e V

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta que mostra a disposição espacial dos templos e teatro, juntamente ao traçado urbano antigo.

5.Referências Bibliográficas: BOLATTI, 1999: 55

6. Observações

1.Nº da imagem: 17

2.Nome da Pólis: Siracusa/muros

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta mostra a área murada por Dionísio I envolvendo a khóra de Siracusa.

5.Referências Bibliográficas: COARELLI, 1984: 114

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 18

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Esta Planta mostra a área de Ortigia e da Acradina já desenvolvida, com a neápolis e ruas tracejadas. A parte tracejada é a configuração do que eram os portos. O Porto Piccolo foi completamente submerso e a ilha diminuiu, com o avanço do mar.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 311

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 19

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Esta Planta mostra a área de Ortigia, suas ruas e principais templos.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, 1996: 271

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 20

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Esta Planta mostra a criação de um vasto complexo público. Nota-se o foco de crescimento a partir dos templos de Apolo, Atena e Ártemis (Templo Jônico).

5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 48 B

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 21

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta da Neápolis : disposição dos templos , do teatro e da área de habitação.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, 1996: 273

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 22

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planimetria geral da área urbana antiga com suas destinações e usos.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1998, p.257.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 23

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: A viabilidade em época romana do território de Siracusa

5.Referências Bibliográficas:

6. Observações

C) Malha urbana- Vestígios

1.Nº da imagem: 24

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: II e III d.C

4.Descrição/ Perfil territorial: Pavimentação do século II e II d.C: Praça da Vitória - Una via lata perpetua (Cic. Verr.IV.53). Antiga rua sobreposta aos vestígios de época arcaica.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, 1989: 374c.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 25

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Sítio arqueológico- Praça da Vitória.

5.Referências Bibliográficas: Foto arquivo Labeca.

6. Observações:

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 26

2.Nome da Pólis: Siracusa/ Ortigia

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Ortigia- vestígios de muros na Rua Monsignor La Vecchia.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 432

6. Observações:

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 27

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vestígios do Castelo Eurialo, parte integrante do conjunto de muros erigido por Dionísio I

5.Referências Bibliográficas: Foto arquivo pessoal

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 28

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vestígios do muro de Dioniso I

5.Referências Bibliográficas: Foto arquivo pessoal

6. Observações

d) Áreas sagradas

1.Nº da imagem: 29

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: VI

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta do Templo de Apolo em Ortigia

5.Referências Bibliográficas: COARELLI, 1984: 229

6. Observações

1.Nº da imagem: 30

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vista do templo de Apolo, de estilo dórico, localizado na parte setentrional de Ortigia.

5.Referências Bibliográficas: Foto Arquivo Labeca

6. Observações

1.Nº da imagem: 31

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: escadaria do templo de Apolo.

5.Referências Bibliográficas: Foto arquivo Labeca.

6. Observações: Na escadaria há uma inscrição: “Klemenēs, filho de Knidieidas, construiu o templo de Apolo, e levantou as colunas, ele fez um bom trabalho”. A tradução é livre, retirada de HOLLOWAY, R. The Archaeology of Ancient Sicily. Simultaneously published in the USA and Canada. London and New York, 1991, p.73.

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 32

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Área sacra da fonte Aretusa, situada na parte ocidental de Ortigia.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 45

6. Observações: Na época arcaica esta área, além de um local de culto, tinha um cunho cívico. Com os Deinomênidas no poder, utilizou-se a fonte como propaganda política, ao ponto de Aretusa tornar-se um símbolo da cidade, representada em moeda. A fonte assumiu por um bom tempo uma conotação sagrada, pois a justificativa de colonização, por meio do mito de Aretusa, sustentou uma base política. Segundo Píndaro(Pyth.II, 12 b,) era ali situada uma estátua de Ártemis, devido à ninfa Aretusa estar ligada a esta deusa, e segundo Diodoro Sículo (V, 3, 5-6) os peixes da fonte não poderiam ser comidos. A datação é da idade arcaica, visto que a presença de água pode justificar a ligação com a Grécia, como símbolo da primeira escolha do assentamento.

1.Nº da imagem: 33

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Santuário extraurbano - Área sacra provavelmente implantada na primeira fase de colonização.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006: 328

6. Observações: Material votivo indicando os deuses Ártemis e Dioniso. Divindade titular Zeus Olímpio. Foi atestada presença indígena. Segundo Tucídides (VII, 4, 6), no entorno do santuário havia um villagio chamado Polichne.

1.Nº da imagem: 34

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vista atual do antigo templo de Atena, construído por Gélon em 480, no ponto mais elevado de Ortigia

5.Referências Bibliográficas: Foto arquivo pessoal

6. Observações: As escavações empreendidas por P. Orsi em 1997 no Duomo em Siracusa revelaram a presença de um antiqüíssimo oïko de tradição micênica, que constituiu o núcleo do santuário mais famoso de Siracusa. O oïko, no curso do século VII foi incorporado a uma estrutura templária monumental em exercício no século VI. Giuseppe Voza na obra Nel segno dell'antico- Archeologia nel território di Siracusa-(1999) apresenta uma síntese das escavações no Duomo entre 1966 e 1968.

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 35

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Escavações empreendidas entre 1996-98 quando se encontrou o oíko de pré-fundação.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999: 83

6. Observações

1.Nº da imagem: 36

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: VI

4.Descrição/ Perfil territorial: O templo Jônico está localizado ao norte do Athenaion, no setor central de Ortígia. Este santuário urbano é possivelmente dedicado a Ártemis. Datado de meados do século VI está precedido de uma pequena construção habitacional de fase protoarcaica, cujos traços foram escavados abaixo do templo. A partir daí, torna-se a área sagrada primeiro com a construção de uma capela e vários depósitos votivos, em seguida, o templo jônico real

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI,1999: 73

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 37

2.Nome da Pólis: Siracusa/ Templo de Apolo Temenite

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Identificado como santuário de Apolo Temenite, acima do teatro grego. (Neápolis). No lado oposto, a oeste, há um distrito chamado na época de Temenites, que teve seu nome por conta de um templo de Apolo, posteriormente incorporado por outro complexo urbano, como nos mostra o historiador Tucídides:Durante aquele inverno os siracusanos também construíram uma muralha perto da cidade, ao longo de toda a faixa fronteira, a Epípole, abrangendo o santuário Temenites, com o intuito de, em caso de eventual revés, dificultar o cerco da cidade a curta distância.” Tucídides (v, 175). A área temenite ficou por muito tempo externa à cidade e foi incluída dentro dos muros no momento da expedição ateniense. O nome temenes significa recinto sacro e lá se encontrava uma estátua divina, que foi transportada, segundo Cícero, para a Roma de Tibério. Segundo as descrições antigas, a Neápolis existente desde o século VI pode ser atribuída a Gélon, tirano de Siracusa, e segundo Heródoto (VII.156), foi construída para a população deslocada de outras cidades da Sicília, nos transplantes compulsórios de população.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006: 317

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 38

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Localização do Templo de Deméter e Kôre. Área em que foram encontrados material votivo.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006: 321

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 39

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Localização do Templo de Demeter e Koré na Praça da Vitória, localizada na Acradina.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999: 94

6. Observações

1.Nº da imagem: 40

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Santuário de Deméter e Koré¹ reconstruído.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999: 94

6. Observações

¹Diodoro (14,63). Este trecho encontra-se traduzido e comentado no capítulo 2.

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 41

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Lotes arcaicos - Área de habitação.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 82c/ 82d

6. Observações: Imagem adaptada

1.Nº da imagem: 42

2.Nome da Pólis: Siracusa

3.Cronologia: VII

4.Descrição/ Perfil territorial: Escavação da prefeitura. Poços naturais ao longo dos lotes das primeiras casas de Ortígia (século VII). Os vestígios encontram-se em toda a extensão da estrada Leste- Oeste. Foto Profa. Paola Pelagatti.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, 1989: 374b

6. Observações

ORTÍGIA - CASAS PROTOARCAICAS NA ÁREA DO TEMPLO JÔNICO

- 1.Nº da imagem: 43
- 2.Nome da Pólis: Siracusa
- 3.Cronologia: VIII
- 4.Descrição/ Perfil territorial: Casa Protoarcaica na área do templo Jônico.
- 5.Referências Bibliográficas: BOLLATTI, 1999: 77
6. Observações

Inventário 2. Siracusa e suas fundações

Eloro

B) Plantas

1.Nº da imagem: 44

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: -Vale do Rio Tellerio.

5.Referências Bibliográficas: MONEDERO, 1989, p.202.

6. Observações

1.Nº da imagem: 45

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: -Planta geral da cidade.

5.Referências Bibliográficas: COARELLI-1984: 284

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 46

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta de vestígios do muro que cerca a cidade.

5.Referências Bibliográficas: FREDERIKSEN, 2011, p.147.

6. Observações

C) Malha urbana - Vestígios

1.Nº da imagem: 47

2.Nome da Pólis: Eloora

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vista aérea. Eloora ocupava um baixo relevo recortado de norte a sul pela via Elorina, antigo percurso natural que constituirá o eixo principal da cidade na época clássica e helenística. Uma muralha, um teatro, uma grandiosa stoá e um santuário de Deméter estão entre os restos mais significativos.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI-1989: 380 a.

6. Observações

1.Nº da imagem: 48

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Trecho de muro que cerca a cidade, detalhe de construção.

5.Referências Bibliográficas: Foto acervo-Labeca

6. Observações

- 1.Nº da imagem: 49
- 2.Nome da Pólis: Eloro
- 3.Cronologia: atual
- 4.Descrição/ Perfil territorial: Muralhas e porta.
- 5.Referências Bibliográficas: CERCHIAI-2002: 218.
6. Observações

1.Nº da imagem: 50

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Trecho de muro – detalhe da torre.

5.Referências Bibliográficas: Arquivo Labeca

6. Observações

D) Áreas sagradas

1.Nº da imagem: 51

2.Nome da Pólis: Elore

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta da área do santuário de Deméter e Koré.

5.Referências Bibliográficas: COARELLI-1984: 286.

6. Observações

1.Nº da imagem: 52

2.Nome da Pólis: Elore

3.Cronologia: VI-IV

4.Descrição/ Perfil territorial: Koreion. Planimetria do santuário bipartido da idade arcaica. Nota-se uma série de *bothroi* também de idade arcaica.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006, p.334.

6. Observações

1.Nº da imagem: 53

2.Nome da Pólis: Elore

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Santuário de Deméter. Stoá com duas naves.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, 1989, p.479.

6. Observações

1.Nº da imagem: 54

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Santuário de Deméter. Em primeiro plano, as fundações da *stoá* com dois corredores.

5.Referências Bibliográficas: CHERCHIAI, 2002, p.217.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 55

2.Nome da Pólis: Eloro

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vista aérea do santuário de Deméter e Koré.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.114.

6. Observações

Acrae

B) Plantas

1.Nº da imagem: 56

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Relevo aerofotogramétrico com inserção das estruturas arqueológicas.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.130.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 57

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: planimetria geral da cidade. A evidência da área sacra. Sub-colônia de Siracusa, situada no altiplano ocidental de Siracusa. Esta planta mostra a área sacra deslocada para a parte mais alta, provavelmente a acrópole da cidade. A divindade cultuada neste local é Afrodite. Esta sub-colônia, segundo estudiosos, foi colonizada para fins de defesa, como percebe-se em sua topografia é caracterizada por montanhas de grandes altitudes, e portanto mostra-se que na época da colonização de Siracusa houve uma apropriação do espaço sacro, pensado, para que fosse na acrópole, como posição dominante - uma marcação sacra de defesa do território.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006: 339

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

B) Malha urbana

1.Nº da imagem: 58

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Fotografia aérea com a delimitação da área urbana.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.128.

6. Observações

1.Nº da imagem: 59

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: VI

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Plateia Leste-Oeste. Estrada principal de Acrae.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.132.

6. Observações

1.Nº da imagem: 60

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: VI

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição:Cruzamento entre uma estrada em sentido norte sul (estenope) e a artéria urbana principal (plateia)

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.133.

6. Observações

1.Nº da imagem: 61

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Complexo monumental do teatro e do bouleuterio.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.134.

6. Observações

1.Nº da imagem: 62

2.Nome da Pólis: Acræe

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Buleutério.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999, p.136.

6. Observações

1.Nº da imagem: 63

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: Teatro

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999:135.

6. Observações

D. Áreas sagradas

1.Nº da imagem: 64

2.Nome da Pólis: Acrae

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Relevo com cena de sacrifício de um banquete na parede rochosa da latomia Intagliatella. É o ponto mais elevado da cidade, ao sul do teatro, onde acredita-se que havia uma construção de um templo dedicado a Afrodite, de meados do século VI, provável epicentro da acrópole sagrada.

5.Referências Bibliográficas: VOZA, 1999: 134.

6. Observações

Casmene

B) Plantas

1.Nº da imagem: 65

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta geral da cidade.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI 1996: 278

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 66

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta de Casmene com possível localização da ágora.
escala 1:10.000.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 78 b.

6. Observações

PLANIMETRIA GERAL

1.Nº da imagem: 67

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: V

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta geral da cidade.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 22a.

6. Observações

PADRÃO DOS QUARTEIRÕES

1.Nº da imagem: 68

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Padrão dos quarteirões.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999:22 b.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 69

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: -Monte Casale. Setor noroeste da área urbana com a provável acrópole e um quarteirão sistematicamente escavado na parte central do assentamento.

5.Referências Bibliográficas: VOZA-1999: 140

6. Observações

C) Malha Urbana/ Vestígios

1.Nº da imagem: 70

2.Nome da Pólis: Casmene

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Ruínas da área habitada.

5.Referências Bibliográficas: CERCHIAI-2002: 223.

6. Observações

Camarina

B) Plantas

1.Nº da imagem: 71

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Descrição: área sacra – temeno de Atena, situada na parte ocidental do assentamento urbano. Esta planta mostra uma área importante para o desenvolvimento urbano, alto e fértil.

5.Referências Bibliográficas: VERONESE, 2006 :349

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 72

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta da *khóra* mostrando a distribuição das construções rurais entre o rio Ippari e o Oanis.

5.Referências Bibliográficas: BONACASA; et.al. 2002: 95a.

6. Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 73

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta da pólis, onde é possível visualizar a grade ortogonal, a khóra e os santuários, dentro dos limites do rio Oanis.

5.Referências Bibliográficas: CERCHIAI et.alia. 2002:231

6. Observações:

1.Nº da imagem: 74

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta que mostra a planimetria geral de Camarina.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 23 a.

6.Observações

1.Nº da imagem: 75

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: . Padrão dos quarteirões.

5.Referências Bibliográficas: BOLLATI, 1999: 23 b.

6.Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 76

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Camarina - planta da área da ágora.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, G. P, 1996: 292

6.Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 77

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta detalhada da cidade. Letras maiúsculas indicam as *plateiai*; números indicam as quadras. a. Área das docas; b. Torre; c. Portão de Gela; d. Cloaca; e. Fornos; f. Casa do altar; g. Bairro Leste; h. Templo de Atena; i. Torre; j. *Quadrivium*; k. Portão de Hibleia; l. Necrópole arcaica de Rifriscolaro; m. Monte de Héracles; n. Rua do séc. VI a.C.; o. Área do santuário de Deméter; p. Casa da inscrição; q. Casa do comerciante; r. Percurso indefinido dos muros urbanos; s. Muros urbanos; t. Portão; u. Torre; v. Fornos; w. Necrópole clássica Passo marinato; z. Muralha defensiva do século IV .

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, G. P, 1989, 303.

6.Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 78

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta que mostra a setorização das ruas em Camarina, a localização do muro, porta principal, stoá, edifícios e santuários.

5.Referências Bibliográficas: CERCHIAI , 2002: 233.

6.Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

1.Nº da imagem: 79

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Planta de Camarina – mostra do traçado ortogonal.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 351.

6.Observações

INVENTÁRIO DESCRITIVO URBANÍSTICO

- 1.Nº da imagem: 80
- 2.Nome da Pólis: Camarina
- 3.Cronologia: n/d
- 4.Descrição/ Perfil territorial: O sítio de Maestro.
- 5.Referências Bibliográficas: MONEDERO, 1989: 230.
- 6.Observações

C. Malha Urbana/Vestígios

1.Nº da imagem: 81

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: atual

4.Descrição/ Perfil territorial: Vista aérea do promontório de Camarina, entre o Ippari ao norte e o Oanis ao sul. No grupo de casas, os restos do templo de Atena atrás do qual corria um muro de defesa que, no século IV, separou o promontório dos quarteirões ocidentais.

5.Referências Bibliográficas: CARRATELLI, G. P, 1989: 302.

6.Observações

1.Nº da imagem: 82

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Muralha – lado sul

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 352b

6. Observações

1.Nº da imagem: 83

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: *Khóra*. “Fazenda das abelhas”.

5.Referências Bibliográficas: BONACASA, at.al. 2002:96.

6. Observações

1.Nº da imagem: 84

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: *Khóra*. Vista das ruínas da fazenda de contrada Menta.

5.Referências Bibliográficas: BONACASA, 2002: 105b.

6. Observações

D) Áreas sagradas

1.Nº da imagem: 85

2.Nome da Pólis: Camarina

3.Cronologia: n/d

4.Descrição/ Perfil territorial: Templo de Atena. Vestígio da parede meridional da cela.

5.Referências Bibliográficas: MERTENS, 2006: 241.

6. Observações

CAPÍTULO 4. TIRANIA EM SIRACUSA – A EXPANSÃO URBANÍSTICA E O PODERIO POLÍTICO DOS DEINOMÊNIDAS.

4.1 O poder político em Siracusa: breve histórico

A tirania caracterizou o cenário político da Sicília desde os primeiros tempos das colônias e perpetuou-se até época helenística. Os tiranos foram endêmicos na região, como vimos, na opinião de Woodhead (1962) em “O Ocidente Grego”. As razões para este predomínio são complexas: a instabilidade e o conflito entre as colônias, o conflito com os indígenas e a constante ameaça representada pelos cartagineses. Enfim, no Ocidente grego a política dos tiranos tiveram êxito em estabelecer a defesa do território frente aos cartagineses e em manter, em certa medida, a unidade das colônias gregas.

A tirania na Sicília apresenta particularidades muito originais no mundo grego⁴⁴ (HIRATA, 2010, p.27). A política agressiva adotada pelos tiranos do século V são documentadas, como já vimos, principalmente por Diodoro Sículo.⁴⁵

As fontes apontam que, por volta de 580 Fálaris foi o primeiro tirano a tomar o poder em Agrigento que é uma fundação secundária, assentamento estabelecido pelos habitantes de Gela. Fálaris teria governado entre 572 e 556, expandindo territórios já no início de sua política. (Diodoro Sículo, 19,108 apud Hirata, 2010). Dominou o acesso ao interior siciliota, onde se encontravam assentamentos indígenas. Nos locais onde adentrou encontrou mão-de-obra e eventual mercado consumidor de produtos manufaturados gregos (HIRATA, 2010, p.93).

Fálaris ampliou o território agrigentino, cuja fronteira oriental era vizinha a Gela. Em sua incursão para o interior teria atacado populações nativas, tomado a fortificação de Kamikos, localizada no sítio de Sant’Angelo Muxaro, sede do governo de Kokalos, rei lendário da Sicília indígena pré-colonial.

⁴⁴ Referente às tiranias em outros locais do mundo grego: Luraghy (1994, p.377) faz analogia entre as tiranias siciliotas e as da Ásia Menor, com Polícrates de Samos. Em nota, Hirata (2010, p.27 nota 10).

⁴⁵ A discussão sobre as fontes escritas encontra-se no capítulo 2. Diodoro Sículo é a fonte mais importante, no que diz respeito à época arcaica na Sicília.

Esta política de caráter agressivo teve continuidade nos anos seguintes, sob comando de tiranos importantes na história da Sicília. Entre 498 e 491 Hipócrates de Gela adotou também uma política expansionista, sendo sucedido por Gélon, um comandante militar pertencente à família Deinomênida, que ampliou a ação bélica contra as demais cidades gregas da Sicília, em prol do crescimento de Siracusa. (HERÓDOTO, 7.154 e 7.155.1; BRACCESI, 1998, p.22; LURAGHI, 1994, p.119 e ss. apud HIRATA, 2010, p.28).

Gélon tomou o poder em Gela em 491, depois da morte do tirano Hipócrates. Em 485 ele assumiu o controle de Siracusa com a proposta de assistir militarmente a cidade e repatriar ricos siracusanos exilados, dando-lhes cidadania. Gélon explorou sua hereditariedade como sacerdote do culto de Deméter e Koré para subir ao poder. A relação da família Deinomênida com o culto das divindades ctônias sempre foi muito estreita a ponto de os cartagineses focalizarem os templos das Duas Deusas como um alvo preferencial repercutindo nos tiranos. De acordo com Diodoro Sículo (14.63) Himílcon cercou o subúrbio de Acradina e saqueou os templos de Deméter e Koré. (INV.IM.40, 41)

Segundo os dados recuperados no capítulo 3, o culto a Deméter e Koré foi muito importante na pólis. Os vestígios encontrados na Neápolis são de um possível templo existente ao lado do teatro, que denota a disseminação e a importância do culto em uma das áreas mais importantes de Siracusa, a Acradina. (INV.IM.39)

Depois de ganhar o controle de Siracusa, Gélon a transformou e estabeleceu lá sua capital, trazendo seu irmão Hiéron para conduzir Gela. Metade da população de Gela foi realocada imediatamente para Siracusa, a cerca de 140 km de distância.⁴⁶

⁴⁶ Segundo Mc Glew (1996), a cidade-mãe Corinto interviu na tentativa de subida de poder implementada por Hipócrates, em Siracusa. Haja vista que a cidade-mãe não detinha o domínio sobre suas fundações diretamente. A fundação era independente economicamente, porém politicamente ainda havia restrições quanto aos governos anunciados. Hipócrates, de acordo com Heródoto (7.154.3) tentou dominar Siracusa, mas foi em vão, já que Corinto, com o apoio dos corcírios não permitiu o avanço e a tomada de poder em Siracusa. De acordo com Mc Glew, Corinto poderia possivelmente, com Hipócrates, perder o direito de intervir politicamente. Não foi por motivos altruístas que a cidade-mãe enviou ajuda, mas por motivos políticos, pois Hipócrates iria refundar Siracusa com um novo oikista, o que faria Corinto perder possíveis benefícios futuros, assim como aconteceu com Camarina (Tucídides. 6.5.3). Com Gélon, não houve intervenção, mesmo este tendo praticamente refundado Siracusa.

Gélon foi o primeiro tirano siciliota a participar de uma competição pan-helênica, vencendo em 488 a corrida de quadriga nos Jogos Olímpicos, este evento legitimou seu acesso ao poder. (LURAGHI, 1994 apud HIRATA 2010, p.28). Para Luraghi “De fato, a refundação Géloniana de Siracusa se apresenta como o único caso em que um tirano, além de impor o seu próprio poder a uma cidade, constrói, ele mesmo, a cidade que dominará”.(LURAGHI, 1994, p.288 apud HIRATA 2010, p.28). Diodoro Sículo exalta a honra de Gélon na posição de soberano.

Mesmo assim, nem os cartaginenses em sua hostilidade nem Agátocles em sua baixaza nata, nem qualquer outro homem foi capaz de privar Gélon de sua glória; apenas a História como testemunha guardou sua justa fama, anunciando-a ao exterior com voz penetrante, para sempre.

Certamente é justo e benéfico à sociedade que a História acumule imprecações sobre os homens que ocuparam posições de autoridade, mas deveria outorgar eterna memória àqueles que foram líderes benfazejos; nesse caso especialmente, será encontrado, muitos homens de gerações posteriores serão impelidos a trabalhar pelo bem geral da humanidade.⁴⁷(Diodoro Sículo.11.38.5)

As políticas sistemáticas de deslocamentos obrigatórios de populações foram implantadas. Heródoto (7.158) e Diodoro Sículo (11.49; 66; 67; 76)⁴⁸ descrevem as ações de transferências compulsórias de populações entre cidades dominadas por Siracusa (DEMAND, 1999 apud HIRATA, 2010). Deste modo, amplia-se o contingente de habitantes,e a pólis muda de escala em termos demográficos e topograficos:de uma fundação de tamanho análogo `as demais torna-se,pouco a pouco,uma megalópolis.

Mégara Hibléia e Camarina são as primeiras cidades vitimadas por tais ações. Com a morte de Gélon, em 478, seu irmão Hiéron apoderou-se de Siracusa e deu continuidade à política anterior, deslocando populações,

⁴⁷ Tradução livre: grego-inglês/inglês-português. Este trecho encontra-se integralmente no Capítulo 2 desta dissertação. Há comentários sobre a passagem e considerações sobre os termos em grego.

⁴⁸ Os trechos mencionados encontram-se traduzidos e comentados no Capítulo 2 desta dissertação.

instalando em Leonte a população de Naxos e Catânia, e mudando para Catânia novos colonos. (Diodoro Sículo 11.49)⁴⁹ Com a morte de Hiéron em 466, a tirania não se manteve, sendo substituída por democracias que não tiveram êxito. (DUNBABIN, 1948)

Tais “refundações” de cidades, amalgamando populações diversas criava uma situação complexa, pois conviviam em um mesmo espaço grupos sociais de origens diferenciadas, sem lealdades comuns, gerando tensões sociais latentes .

Para os tiranos de época arcaica, no entanto, tal política significava alçar-se ao patamar do oikista. Diodoro Sículo (11. 38)⁵⁰ narra um trecho sobre o merecimento de Gélon às honras de herói. Foram-lhe conferidos cultos heroicos e honras de fundador. Assim, a “heroicização” do oikista associa-se à “heroicização” do tirano na Sicília. (WOODHEAD, 1962)

Hiéron reconstruiu Catânia e renomeou-a como Etna. Diodoro (11,49) narra este episódio e diz que Hiéron fundou a cidade para assegurar suas honras de herói, e para isso precisou de suporte militar. Hiéron foi enterrado em sua cidade e de fato foi honrado como um oikista. Outro caso ocorreu em Ácragas⁵¹ com o tirano Téron, que por sua vez destruiu e reconstruiu cidades, repopulou Himera e foi honrado depois da morte.

Segundo Mc Glew (1996) as alternativas políticas estabelecidas com as fundações tiveram papel importante no contexto das tiranias na Sicília. As peculiaridades desta forma de governo atendem ao espaço e projeto próprios deste contexto.

Os dados levantados nos capítulos anteriores nos serão fundamentais para que possamos compreender as relações entre o poder político e a expansão territorial e urbanística de Siracusa.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Atual Agrigento.

4.2 A expansão territorial siracusana nos primeiros tempos de vida da apoikia: os caminhos para a *Khóra*

A princípio será necessário colocar algumas questões sobre a problemática conceitual em torno da *khóra*. É preciso ampliar os estudos sobre território para que se possa compreender melhor a distribuição dos espaços na paisagem, seus significados e atribuições conceituais. Zedeño faz uma distinção entre território e territorialidade: “o território é como um agregado de terras, recursos naturais e ações humanas. Territorialidade como soma das ações e emoções em direção a um espaço específico, com ênfase em construção de influências, controle e acesso diferencial”⁵². (ZEDEÑO, 1997, p. 69; MALMBERG, 1980, p.10; SACK, 1983, 55; SOJA, 1971, p.19 apud ZEDEÑO, 2008, p. 211). De acordo com Zedeño, a paisagem é apropriada pelo homem por meio dos espaços e lugares biográficos, atingindo uma síntese que agrega todo o lócus significativo para a sociedade em questão. Partindo do pressuposto de que os conceitos de lugar e espaço biográfico para Zedeño são *constituídos e* *construídos* por atividades humanas, e que estas estabelecem conexões entre aqueles núcleos, chegamos a uma síntese social, cultural, natural e simbólica, que se constitui no conceito de paisagem. Estas definições de território, paisagem e lugar são muito apropriadas para pensarmos a pólis, seu contexto e seus espaços, que possuem seus significados, suas práticas, suas emoções projetadas na paisagem.

A discussão da paisagem, no caso grego, implica definir o conceito espacial que a pólis representava, enquanto forma recorrente de ocupação territorial. Os dois espaços básicos, *ásty* e *khóra*, são os vetores de qualquer análise. O conceito de *ásty* como espaço urbano e *khóra* como espaço rural não pressupõe áreas absolutamente separadas, mas é importante compreendê-las inseridas na reflexão proposta para os estudos de pólis, ou seja, a *khóra* e a *ásty* seriam parte tanto de um todo territorial físico, como também parte da soma das ações com os seus significados sociais, culturais e simbólicos *construídos* por essas sociedades. Esse movimento, por sua vez, transforma a pólis no lugar constituído e configurado como o conhecemos. Desse modo,

⁵²

Tradução livre e adaptada do inglês-português.

tornaram-se núcleos e espaços agregados, tendo cada um seu significado próprio.

Muitos assentamentos iniciaram-se na *khóra* com as chamadas *kómai* ou aldeias e não com a instalação na *ásty*. Segundo Carter (2006, p.34), por exemplo, a *khóra* é representativa para aqueles que já habitavam e para aqueles que viriam a habitar aquele território, e, ao contrário da visão tradicional, hoje sabe-se que em muitas colônias os primeiros assentamentos estabeleceram-se no meio rural.

A expansão territorial de Siracusa ocorreu a partir da *ásty*, em Ortigia, por meio da abertura de caminhos que os levaram à *khóra*, com objetivos de defesa, de expansão e poder, de contatos com não-gregos, ou seja, o uso estratégico da *khóra* foi planejado desde os primeiros tempos da colônia. A continuidade da expansão e da manutenção das sub-colônias no século V fortaleceu o controle na área das estradas que conduziam para a *khóra* de Siracusa. (INV.IM.03; 04)

A fundação de sub-colônias em lugares-chave assegurava para Siracusa as rotas territoriais no espaço rural. O pacto com os indígenas e o controle de áreas como Pantalica e Finocchito favoreceram os gregos no conhecimento do território.

As principais cidades sículas agrupavam-se em uma região dominada pelo importante centro sículo de Pantalica, a 25 quilômetros de distância a oeste de Siracusa, a meio curso do rio Anapo e da região de Finocchito. (INV.IM.02) Segundo Dunbabin (1948) Pantalica, antiga Hybla para os sículos, é uma montanha com uma área grande, suficiente para oferecer refúgio aos habitantes. Lá foi encontrada uma estrutura monumental que até hoje é alvo de controvérsias quanto à sua função. A descoberta de fragmentos do período Proto-Coríntio, *skiphos*, datados de meados do século VII e VIII, encontrados dentro de uma caverna artificial, durante a escavação dos terraços da construção, segundo Bernabò Brea (1972, p.53) é até agora a única evidência arqueológica do contato entre gregos e não-gregos na antiga cidade.

Finocchito, por sua vez também foi uma cidade sícula, porém pelo que se pôde notar nas escavações das tumbas, pertence a um período posterior a Pantalica. Finocchito apresenta no mobiliário funerário objetos de luxo trazidos de outros sítios do Mediterrâneo. A maior parte das tumbas são posteriores à

fundação de Siracusa, mas contém menos cerâmica grega deste período do que do anterior. O que Dunbabin (1948, p.97) nos mostra é que provavelmente a ocupação em Finocchito cessou no início do século VII, a data da última tumba. É possível, segundo o autor, que a relação entre Siracusa e os sículos destas regiões tornaram-se estreitas, assim que os colonos sentiram-se estabilizados.

Segundo Procelli (2003, p.138) os dados arqueológicos disponíveis em Siracusa e nas demais cidades da Sicília não permitem uma visão geral das apoikias gregas, no que diz respeito à expansão nas áreas indígenas mencionadas acima. Procelli adota uma postura de negação da fonte literária, assumindo o documento material como única e exclusiva fonte. Ao lado de casos como Mégara Hibléia em que as fontes literárias afirmam que os recém chegados teriam recibo do governante sículo ,Hyblon terras para o assentamento e os dados materiais atestam a convivência de assentamentos gregos e não –gregos, há outros em que a arqueologia evidencia sinais e vestígios de violência nos momentos subsequentes aos primeiros contatos levando ao desaparecimento de assentamentos nativos. No interior da ilha temos a sobreposição de sítios gregos aos não-gregos, como é o caso de Morgantina. A expansão da khóra de Gela nos permite seguir o envolvimento das populações locais com os gelenses em torno de áreas de culto dedicadas a Demeter e Koré. Por vezes esses habitantes locais seriam incluídos no sistema colonial de trabalhos, ou seja na estrutura produtiva das colônias. Em contrapartida, em outras áreas, os vestígios materiais mostram uma continuidade dos assentamentos e uma possível convivência entre etnias.

Em Siracusa, para Monedero (1989), existe desde o primeiro momento de vida da colônia uma relação intensa com os não gregos. A expansão para o interior vem a contar com os pactos e alianças com chefes locais, que vão possibilitar a penetração intensa e a formação de assentamentos, à medida que o processo de “aculturação”⁵³ vai avançando. O pólis de Siracusa, no século V, era suficientemente importante para que o tirano de Gela, Gélon,

⁵³ Procelli (1996, p. 167) estuda o processo de aculturação das comunidades locais e devemos enfatizar que ainda hoje este é um tema em debate constante. No caso da *colonização grega*, as escavações mais recentes permitem conhecer melhor as sociedades locais, a troca e distribuição de produtos gregos e locais. Ao lado de um quadro de lenta e seletiva assimilação de traços helênicos pelas populações locais, um processo análogo na via contrária se faz notar: práticas funerárias dessas sociedades presentes em necrópoles gregas.

decidisse abandonar seu governo e consolidar seu poder em Siracusa. Heródoto (VII, 156) descreve a transferência e o crescimento do poder da família Deinomênida na Sicília. O traçado para o interior da *khóra* já delineado no século VII favoreceu os planos dos tiranos, a fundação de Eloro, Acras e Casmene, cercando e protegendo a área total da *khóra*. Sedimentou um processo de expansão, viabilizou um projeto pensado com objetivos muito claros. As três fundações eram assentamentos especiais: não eram cidades independentes, mas territórios estratégicos que garantiram o controle de Siracusa, principalmente em razão do cuidado com a população nativa. Camarina, por sua vez, fundação litorânea mais tardia, já se constituiu em uma pólis consolidada e independente.

As *sub-colônias* foram fundadas quase que contemporaneamente à Siracusa. Seu crescimento urbano apresenta similaridades ao de Siracusa, mas com particularidades importantes que fazem parte de um projeto maior de expansão, no qual cada pólo tem uma função, um objetivo. A conexão das *sub-colônias* com a *cidade-mãe* traz benefícios e alimenta o crescimento significativo de Siracusa em época pré e pós tirânica, além de um apoio defensivo tanto contra quem vem de fora, quanto contra os indígenas. Os caminhos que levam às sub-colônias também levam à *khóra* de Siracusa, o que favoreceu a conexão com a *ásty*. Este tema teria que ser melhor explorado em pesquisas futuras.

4.3 A expansão urbanística da *ásty* de Siracusa a partir das conquistas dos Deinomênidas: o aumento populacional

O fenômeno dos deslocamentos populacionais na Itália

A história da Sicília grega nos séculos VI e V consiste em um processo sistemático de redistribuição de terras, configuração do espaço, tirania e realocação populacional. A realocação populacional não consiste em algo novo na região da Itália, pois houve grupos que se deslocaram em grande quantidade por necessidade de sustento ou por ameaça de guerra, não por condução de um autocrata.

O cenário de deslocamentos era constante e importante para o processo de evolução econômica entre os séculos IX e VIII na Itália. “Há dois pontos a destacar no que se refere às várias populações que a mobilidade social horizontal envolvia e misturava: 1) os deslocamentos favorecem a koiné cultural, a formação de um tecido conjuntivo que ia além das divisões de língua, de estrutura social (...)” (TORELLI, 1996)⁵⁴

É importante perceber que, tanto as migrações voluntárias quanto as migrações forçadas eram constantes na Itália em períodos anteriores ao arcaico. Esta continuidade possivelmente influenciou o fenômeno ocorrido na Sicília, porém com a diferença de haver um líder político que conduziu as migrações forçadas.

O fenômeno em larga escala de migrações forçadas e manipulação da composição do corpo de cidadãos teve como grande impulso o poderio político desses tiranos. Segundo Anáxilas de Régio, Hipócrates de Gela ao procurar estabelecer o seu poderio na Sicília, dominou Zancle, selando alianças por intermédio de casamentos. (DEMAND, 2006, p.48). Os historiadores Heródoto (6.24-6) e Tucídides (6.4.6) relatam um dos mais antigos movimento de populações na Sicília pós fundações gregas: em 494 Hipócrates de Gela teria conduzido os cidadãos de Zancle para Gela com a ajuda de mercenários sâmios, que teriam sido, por sua vez, expulsos por Anaxilas, que esvaziou a cidade e repopulou com colonos de várias partes da Grécia, incluindo Messênios.

Os Tiranos, migrações e desenvolvimento urbano

Quando Tucídides descreveu, em 415, passagens da colonização grega na Sicília, mencionou a dinâmica das mudanças e misturas de populações; Tucídides (6.17) refere-se à instabilidade entre as cidades gregas na Sicília como decorrência da heterogeneidade das sociedades siciliotas. A migração forçada e a presença recorrente de grupos mercenários vieram a contribuir para a dificuldade de formação de identidades fortes e abriram espaço para a dinâmica política proposta pelos tiranos. Os movimentos populacionais

⁵⁴ Trecho retirado de texto de aula, ministrada no MAE. Disciplina: Introdução à História e Arqueologia de Roma. Tradução de Maria Isabel Fleming, página 15.

causaram um grande impacto nos conceitos de cidadania e de identidade nas pólis da Sicília.

O registro arqueológico permite-nos chegar a um limite interpretativo, por meio da cultura material composta pela arquitetura, pelos traçados da malha urbana e pelos artefatos. É possível recuperar parte deste universo social também por meio das fontes escritas, pois estas narram trechos fragmentados do processo. Nos trechos de Diodoro Sículo⁵⁵ (11. 76; 49; 66; 67) encontraremos parte de episódios que dizem respeito às movimentações populacionais.

Com as escavações na área de habitação da Neápolis foi possível observar um crescimento significativo, no que diz respeito à época de governo de Gélon e Hiéron. Os investimentos em infra-estrutura, habitação, áreas sagradas e ruas estão presentes no registro arqueológico documentando o auge de crescimento e expansão de Siracusa entre os séculos V e IV . No capítulo 3, os dados mostram também em Ortígia, por meio de vestígios das escavações do Porto Piccolo, diversos indícios de melhorias datadas do início e final do século V. São eles: canaletas de drenagem de água, estruturas murárias, supostos vestígios de arsenais de guerra e muito material cerâmico. Este contexto permite-nos perceber que a intensidade das atividades no porto correlaciona-se com o estabelecimento da tirania em Siracusa.⁵⁶ (Figura 2 Cap.3; IM.INV.27)

As realocações populacionais e a logística da organização de acomodação de pessoas de diversos locais da Sicília em Siracusa exigiram uma infra-estrutura bastante efetiva, um grau de investimento em urbanização bastante intenso, como bem mostram os dados de escavações em Ortígia e na Acradina.

Gélon e Hiéron investiram muita energia em expansão urbana. A logística de um remanejamento populacional não era simples, e requereu não somente mudanças no espaço físico, mas suporte para uma população que foi, em muitos casos, forçada a instalar-se em um outro local. As evidências

⁵⁵ Ibidem 5

⁵⁶ Não há todas as imagens dos vestígios no Inventário Descritivo. Há imagem de uma estrutura murária próxima ao Porto.

avaliadas nos levam a visualizar os problemas específicos do sinecismo⁵⁷ praticado neste contexto. Houve a necessidade de suprir o grande aumento de população: terras, casas, defesas, refúgio, água, alimento e trabalho. Além disso, era necessário criar interesses comuns para esta nova população e assim os cultos de Demeter e Koré foram estimulados com a transformação de rituais como as Tesmofórias em festas populares de longa duração.

De acordo com Heródoto (7,156) Gélon realocou populações de forma seletiva, trazendo os cidadãos ricos de Gela e de Mégara à Siracusa, dando-lhes cidadania.

Segundo Hirata (2010, p.29) as transferências compulsórias de populações podem ter sido incluídas no fenômeno de “consumo conspícuo”, ou seja, uma forma de representação do poder de um governante. A realocação de uma grande quantidade de força de trabalho será utilizada em projetos construtivos em Siracusa, fortalecendo a posição dos tiranos e projetando o nome da polis. Vale lembrar como a competitividade era uma traço marcante na cultura grega. Com esta política, Gélon teria trazido cerca de 10.000 mercenários para sua nova capital, novas casas foram feitas, novos templos. Para tanto, os dados mostram o evidente o sucesso de crescimento das cidades afetadas por estes investimentos. (INV. IM.35, 36, 38, 39, 41, 42)

O aumento da população em Siracusa dotou a tirania de um vasto aumento da capacidade militar. Heródoto (7. 158) afirma que Gélon ofereceu aos gregos balcânicos 200 trirremes, 20.000 hoplitas, 2000 cavaleiros, 2000 soldados armados, além do fornecimento de trigo na guerra contra os Persas.

Gélon alcançou o auge de poder e popularidade com a vitória na batalha contra os cartagineses em Himera. Diodoro Sículo relata como foi aclamado benfeitor, salvador (11.20-27)⁵⁸. Esta guerra selou o poder conquistado por Gélon e sua aliança com Téron: tornou-se o grande tirano da Sicília.

Os templos erigidos com os recursos dos espólios de guerra, também são narrados por Diodoro Sículo (11.26.2). Não há menção aos locais exatos

⁵⁷ Nancy Demand discutirá o termo sinecismo e metoíkesis em (DEMAND, 1999, pp.15-27). Metoíkesis seria um tipo de sinecismo, ato de transportar a população de um local para outro. Enquanto que sinecismo seria a fusão de pequenas comunidades numa maior que totalmente as substitui. processo que na Grécia Antiga levou, em muitos casos à formação da pólis. (definição retirada do glossário labeca - www.labeca.mae.usp.br- consultado em 10/03/2012.

⁵⁸ Ibidem 5

onde os dois templos se encontram, mas de acordo com os dados arqueológicos, o *Atenaion*⁵⁹ de Siracusa, foi um dos templos construídos após a vitória. O outro templo seria em Himera, o chamado Templo da Vitória, que segundo os pesquisadores, são contemporâneos, chamados de “templos gêmeos”, pela similaridade arquitetônica e estilística. (MERTENS, 2006, p.256 apud HIRATA, 2010, p.30).

A área onde o templo de Atena, o *Atenaion* está localizado é central e o ponto mais elevado em Ortigia, atualmente chamada Piazza Del Duomo. (INV.IM.35,36). É um local muito significativo, pois aí situam-se os vestígios dos primeiros assentamentos humanos de Siracusa. A Piazza Duomo é um local que documenta a continuidade de uma ocupação com função sagrada: as escavações revelaram vestígios de uma área sagrada de datação anterior à fundação grega. (VOZA, 1999) Em Himera, o templo localiza-se próximo à cena de batalha narrada por Diodoro (11.26)⁶⁰.

Agrigento, como já vimos, recebeu, (Diodoro.Sículo. XI.25.1-4)⁶¹ uma grande parte dos prisioneiros de guerra, o que possibilitou a Téron monumentalizar e embelezar a cidade. (MERTENS, 2006, p.260 apud HIRATA, 2010, p.31).

Gélon morreu em 478, sendo sucedido por Hiéron, seu irmão, que continuou o programa de realocação de populações e fundação de cidades. Hiéron mobilizou cerca de 5.000 mercenários do Peloponeso e 5.000 de Siracusa. No contexto das migrações forçadas, Hiéron foi o mais ativo e segundo Diodoro o mais violento dos tiranos (11.67).⁶², ao contrário de Píndaro, que o exalta por seus feitos. (Píndaro, Fr.105^a). Por volta de 476 Hiéron implementou suas ambições políticas de expansão e poder. Ele moveu a população de Naxos e Catânia em massa para Leontini, ao norte de Siracusa. Ela removeu pessoas de Catânia com 10.000 (mercenários) para Siracusa e para o Peloponeso, mudando seu nome para Etna e celebrando a “fundação” da nova cidade com grandes honras de oikista, inclusive com cerimônias. Em 470 Hiéron proclamou-se basileu de Etna e inaugurou um

⁵⁹ Vide Capítulo 3. Detalhe das escavações da Piazza Duomo.

⁶⁰ Ibidem 5

⁶¹ Idem

⁶² Idem

reino com um esplendor cerimonial. Diodoro sículo narra suas honras como herói, sepultado como um verdadeiro oikista. (Diodoro Sículo 11. 66,1-67)⁶³.

Abaixo, segue um quadro resumido dos deslocamentos:

Data	Para (Local)- população deslocou-se	De (Local)- população cidade origem	Tirano	Referência (fonte textual)
488-484	Siracusa	Camarina	Gélon	Hdt.7.156
488-484	50% população removida para Siracusa	Gela	Gélon	Hdt.7.156
488-484	Várias cidades	10000 mercenários e cidadãos de Siracusa	Gélon	Diod.11-72-8
476	5000 para Peloponeso e 5000 para Siracusa	Naxos e Catânia	Hiéron	Diod.11.49

Tab.1. Tabela readaptada e simplificada de redistribuição populacional 488 a 476 retirada de Lomas (2006, p.98-100), que mostra a distribuição da população em cidades importantes da Sicília e a fonte que a cita.

No sudeste da Sicília, em particular, houve um aumento substancial da população efetiva . Com a democracia em 466-405 houve uma continuação da manobra demográfica para a consolidação de interesses e unificação, porém de forma reversa às ações dos Deinomenidas. Na democracia promoveu-se o retorno dos exilados deslocados. Em 461 foi permitido o retorno da população de Gela, Acragas , Himera e Catânia a casa.

Por conta das realocações populacionais ocorridas em Siracusa, os espaços da *ásty* e a *khóra* aumentaram, se desenvolveram. A quantidade de

⁶³ Ibidem 5.

habitações que se encontravam está visível na paisagem, impressas no registro arqueológico. Em uma passagem de Tucídides (6.17) temos uma referência sobre o alargamento da cidade de Siracusa e aumento de sua população.

Sobre Casmene, sub-colônia de Siracusa, a análise de Di Vita (1996) centra-se na área de habitação e na possibilidade de cálculo quantitativo de habitantes da cidade.⁶⁴ Di Vita faz os cálculos para o século VI, quando dá-se início às políticas tirânicas na Sicília, levando em consideração seu tamanho, sua finalidade militar e sua arquitetura monumental. Deste modo, é possível trabalhar com quantidade em um contexto importante da história da Sicília. Este tipo de estudo aproxima-nos de uma hipotética visualização da dinâmica populacional nas sub-colônias de Siracusa, através da arqueologia. (IM.INV.70, 72)

Neste contexto de política tirânica, houve um considerável crescimento dos espaços em Siracusa. (Heródoto.7.156, Diodoro Sículo (11.72.3)⁶⁵ . Houve um grande programa de construção de obras e templos públicos em Siracusa, projetados para enfatizar o poder de Gélon. As habitações foram fornecidas para a população em uma nova área da cidade, conhecida como Neápolis. (INV. IM. 21). Uma série de novos cidadãos foram identificados em inscrições de redistribuição de terras, em Olímpia correspondente à etnia dual, por exemplo: Astylos de Cronota e Siracusa; Phormias e Agesias de Arcádia e Syracusa, e Praxiteles de Mantinea, Camarina e Siracusa (LOMAS, 2006, p.101)

O período que vem após a queda dos tiranos deinomênidas do poder não é inteiramente livre do movimento demográfico em larga escala. A historiografia reforça que a tirania tem forte ligação com os remanejamentos populacionais, mas para Lomas (2006, p.102) esta dinâmica também ocorre na democracia, porém de maneira inversa. (Diodoro Sículo 11, 76).⁶⁶

No regime democrático, emergente nos anos entre 466-40 em Siracusa, as transferências de populações não eram avessas aos interesses territoriais. Realocou-se, em 461 a população original de Gela, Agragas (Agrigento) e

⁶⁴ Vide capítulo 3. Escavações nas sub-colônias

⁶⁵ Ibidem 5.

⁶⁶ Idem

Himera, autorizadas a voltarem para as suas cidades de origem. Camarina, sub-colônia de Siracusa, teve seu território retaliado. A população de Catânia também voltou para casa, pois os colonos de Hiéron saíram (Estrabão 6.2.3; Diodoro Sículo 11.76)⁶⁷. Em 427, a população de Leontine foi violentamente dispersada, e no ano de 409 Hermócrates de Siracusa iniciou um programa de repovoamento de Selinunte e Himera, com os deslocados. Algumas das medidas eram um meio de reverter a redistribuição populacional de Gélon e Hiéron, e outras foram por conta da necessidade de redistribuição de terras. Outras iniciativas visavam continuação da realocação tirânica, para minar a presença calcídica na ilha, especialmente na manipulação continuada na demografia de Leontine e Camarina (VANOTTI, 1995 apud LOMAS, 2006)

Lomas (2006, p.106) chama a atenção para a questão da manipulação de população e problematiza se esta não foi uma consequência da reengenharia social de comunidades; uma característica específica de todos os tiranos gregos, ou se foi um fenômeno singularmente siciliano. Um estudo de realocação urbana e refundação no mundo grego atesta que não é um fenômeno particularmente característico da tirania, em geral era algo peculiar da Sicília e de áreas periféricas da Ásia menor. No entanto, não se pode descartar, reforça Lomas (2006), a preocupação geral dos tiranos em manter o controle sobre a população, embora este fenômeno tivesse assumido diferentes formas, em diferentes áreas do mundo grego.

Tiranos como Periandro de Corinto e Psistratos de Atenas, segundo Aristóteles. (*Pol* 1313 a 34, 1313 b 4-5, 1311 a 8-14 apud LOMAS, 2006) ressaltaram a importância em manter a população dispersa nos assentamentos tradicionais, ao invés de movê-la e depois concentrá-la, assim como ocorreu na Sicília. Por uma variedade de razões, os gregos da Sicília praticaram a mobilidade e a concentração, pois precisavam criar focos de unificação para manterem-se frente aos sículos e aos cartagineses.

Visto por este ângulo, parece ser possível compreender a necessidade de controlar o paradeiro da população em época tirânica, pois era necessário impedir a formação de oposição. Segundo politografia encontrada na Sicília, relacionada à redistribuição de terras, é possível, segundo Berger,

67

Idem

compreender melhor os resultados de circunstâncias tão específicas da redistribuição de terra no mundo colonial. (BERGER 1992: 62-5 apud LOMAS, 2006).

O impacto das mudanças demográficas

Houve um grande impacto do sentido de identidade em razão dos remanejamentos populacionais. Há uma parcela da população, que poderíamos supor, não voltou para as cidades de origem, embora as fontes escritas reforcem a ideia do retorno da população como um todo. As evidências materiais nos colocam no limite, não sendo possível compreender melhor o manejo social da comunidade naquela época. Esta postura de dispersão forçada de populações urbanas e o número crescente de pessoas que vivem fora de suas cidades de origem foram tidos como fatores cruciais para a capacidade dos governantes controlarem, especialmente na época helenística, a camada deslocada. No entanto, seria preciso compreender qual parcela da população permaneceu na cidade e quais voltaram para sua cidade de origem. (LOMAS, 2006, p.108). Será que houve integração, identificação com o espaço? ou toda a população dispersada sentiu-se lesada com a transferência forçada e voltou? Em algumas ocasiões, como nos anos de 460-50, quando eles voltaram para casa, o processo de acolhimento e redistribuição de terras era parte de um processo complexo e ,que envolvia a revisão da cidadania conquistada na nova pólis. Como reintegrar-se em uma “ex-pólis”?

A composição de populações mistas depende de um número grande de variáveis, tais como, quanto tempo uma população deslocada leva para integrar-se em outras comunidades? Tiranos como Hiéron, por exemplo, utilizaram-se de uma política populacional problemática, pois realocaram uma quantidade grande de populações, refundaram cidades, trouxeram mercenários para o corpo cívico, etc. A complexidade se dá, de forma mais efetiva, no âmbito da população e de sua instalação enquanto agregados de um novo contexto. Considera-se que os deslocamentos ocorreram de forma violenta, pois muitas cidades foram destruídas e seus cidadãos forçados a se retirarem. São populações que foram forçadas a migrarem e que mesmo incorporadas àquele universo da nova cidade não criavam raízes no local. Ou seja, a

realocação recrutou uma nova população, mas não necessariamente formou cidadãos integrados. Heródoto (7.155, 156) nos conta que Hipócrates e Gélon removeram, em sua maioria, a classe dominante, porém Hiéron deslocou população comum, em grandes contingentes. (Diodoro Sículo 11, 49). Cada tirano teve o seu papel e suas razões políticas, mesmo utilizando-se do mesmo modelo, do mesmo método, os objetivos foram díspares.

Ducézio:Um tirano-oikista sículo?

Vimos até então tratando especialmente a tirania Deinomênida e sua política de expansão territorial assentada em processos de remanejamentos compulsórios de populações; relatamos o processo inverso que ocorre com a destituição de Trasíbulo do poder. Vamos ver a seguir um caso particular:um chefe sículo, Ducézio emulando as ações dos tiranos gregos e chegando a ser considerado uma versão *helenizada* do *tirano-oikista* entre a população local. Novamente é Diodoro Sículo (11.72; 76)⁶⁸ que trará elementos para o conhecimento de um personagem original que interagiu,de diversas formas com as polis gregas da Sicília. Segundo o autor, Ducézio teria criado uma confederação de populações sículas - *synteleia* - controlando uma larga porção da Sicília interiorana por volta da metade final do sec. V. Inspirado,talvez, no exemplo siracusano, iniciou uma política expansionista,agregando,em um primeiro momento os assentamentos sículos em torno de sua liderança, fez alianças e entrou em conflito com os gregos.Estabeleceu a sede da confederacao em Mineo uma area fortificada nas montanhas perto de Caltagirone. Lembremos que os siracusanos após a destituição de Trasíbulo do poder ,enfrentavam uma grave crise interna que os governos democráticos-oligárquicos que se seguiram tinham dificuldades de controlar.

Ducézio liderou um embate por terras com os colonos de Siracusa, pois os sicilianos reclamavam o território de Etna, cedido em parte aos sículos por Hiéron. Vitoriosos, os siracusanos e sicilianos dividiram a área

⁶⁸ Ibidem 5.

entre eles(Diodoro Sículo11.76. 1-4)⁶⁹. Ducézio instituiu em Menoi a sede da confederação sicula. A redistribuição de terras se deu enquanto Ducézio liderava e consolidava-se no poder da *synteleia*, que teria tido também uma conotação religiosa,agrupando os sículos em torno do culto local aos deuses gêmeos Palici. Diodoro descreve em detalhes a saga de Ducézio que implementa melhorias no importante santuário dos Palici e funda a cidade de Palikê nos arredores deste centro religioso. Mais tarde, após novos conflitos em que os sículos foram derrotados várias vezes,Ducézio dirige-se sozinho a Siracusa e apresenta-se como suplicante diante do altar na ágora (Woodhead1972:84).A assembléia decidiu-se pela punição de Ducézio e este é exilado,por cinco anos em Corinto (Diod.11.92. 2-4). Volta em 466 e funda uma cidade chamada Kale Atke,nos arredores de Cefalu,pois o oráculo havia orientado a fundar com um grupo de colonos gregos uma nova cidade no norte da Sicília. No ano de 440 Ducézio morre. (JACKMAN, 2006, p.35)

Ducézio se aproxima,em muitas de suas ações dos tiranos Deinomenidas: a política expansionista,a redistribuição de terras,as fundacoes e refundacoes de cidades,o uso da religião como instrumento para angariar seguidores e reafirmar vínculos entre os sículos,a tentativa de unificar a Sicília sícula.. Ducézio foi nomeado por Diodoro como *dynastês*, título que etimologicamente resgata um status de tirano.

Segundo Jackman (2006) o movimento demográfico na Sicília foi muito complexo:alguns aspectos como o uso de realocação populacional em massa trouxe problemas como a definição de identidades, fazendo com que a história demográfica da Sicília com o constante fluxo de indivíduos oriundos de diferentes lugares ,implicasse em processos dinâmicos de contatos culturais e a formulação de novos conceitos de cidadania e identidade.

As comunidades que vão surgindo se constituem em exemplos de assimilações e rejeição de traços gregos e não gregos,o surgimento de uma terceira forma social que não é o amálgama das duas principais – helênicos e sículos,por exemplo – mas uma sociedade nova,como nos ensina H.Bhabha.

Monumentalização e Tirania

Na Sicília arcaica a questão da monumentalização e do processo de expansão urbana, esteve muito ligada ao poder das tiranias locais. A construção de Templos, estruturas urbanas, e outros grandes monumentos arquitetônicos, fazem parte de um discurso visual evidente na paisagem de cidades da Sicília na época arcaica (século VIII a V). O componente ideológico estava presente nos projetos construtivos das tiranias (Torelli, 2005, p.8-9). A monumentalidade das edificações, implicando a mobilização de um grande contingente de mão de obra e recursos expressa um poder centralizado forte e a mensagem da durabilidade no tempo deste poder (Hirata, 2010, p.23). Os dados materiais e as fontes textuais nos fazem perceber o crescimento urbano, a malha urbana expandindo-se com os grandes templos, com a expansão do território, com o crescimento das habitações, com a movimentação dos portos. Tanto nas escavações da ásty, em Ortigia, quanto nas fontes escritas, é evidente e perceptível a dinâmica entre os séculos VI e V.

A Arquitetura, segundo Bourdieu não é simplesmente um resíduo de comportamento social ou interativo, mas um agente fundamental na formação de identidades e comunidades, além disso o simbolismo cultural da arquitetura é um poderoso foco de memória. (PAPADOPOULOS; LEVENTHAL, 2003, p.21). Desse modo, podemos pensar a arquitetura monumental como um símbolo ativo de poder e de interação social, formador de identidades, transformador de paisagem e configurador de espaços e comunidades.

O conceito de monumentalização nos leva à questão de sua relação com o poder político. Segundo Trigger “o traço característico e definidor da arquitetura monumental é que a sua escala e a sua elaboração ultrapassa o requerido por qualquer função prática que um edifício precisa exercer”(Trigger, 1990, p. 119). Desse modo, a monumentalização arquitetônica caracteriza-se por ser uma forma de consumo conspícuo, pois vai ao contrário do princípio do mínimo esforço, que governa a produção e a distribuição de bens necessários ao sustento da vida humana (Trigger, 1990, p.125). A construção de espaços urbanos organizados e setorizados, simbolizados por sua ostentação arquitetônica requer um dispêndio de energia que somente é possível através de um poder político centralizado, que disponibilize recursos necessários e mão de obra suficiente para tal empreitada.

A tirania em Siracusa: síntese pelo cotejamento das fontes

O processo de expansão de Siracusa ocorreu gradativamente, como mostram os dados apresentados. Siracusa teve seu ponto inicial de crescimento a partir de Ortígia. É possível recuperar, a partir dos dados, parte do que foi a dinâmica expansansionista, a partir de alguns pontos importantes.

O Porto Piccolo é uma área de trânsito de pessoas e mercadorias, sua dinâmica e atividades deixaram marcas visíveis no registro arqueológico e em documentos textuais. Sua ligação com a estrada principal (encontrada nas escavações do porto) que une Ortígia ao continente é um indício de grande importância nas pesquisas arqueológicas, pois denota a integração da ilha com a cidade de Siracusa em si, com seus principais pontos e templos, além de ser um espaço de circulação. As portas de entrada mostram a mobilidade de pessoas e produtos que ali chegavam e saíam.

A estrutura urbana criada em Acradina mostra que o projeto almejava receber uma população considerável em termos de quantidade já em época arcaica. As habitações previamente pensadas estavam imersas em um complexo espacial onde a divindade Apolo Temenite era o centro deste novo espaço fora de Ortígia.

As ambições de Siracusa foram além e ultrapassaram os limites da *ásty*, penetrando a *khóra* e seus caminhos para espaços mais longínquos. O cerco defensivo e comercial alcançado por Siracusa foi além do cerco urbano. Suas ambições alcançaram um patamar alto de expansão com a fundação de suas sub-colônias, estruturadas como minis pólis completas, porém sob o poder de Siracusa. Salvo Camarina, a sub-colônia que alcançou sua independência na coexistência com indígenas da região.

Entre os séculos VII e V , o crescimento da *ásty* e da *khóra* já havia se delineado o suficiente para aguçar interesses políticos de governantes locais. O território de Siracusa, tal como se apresentou no século V era suficientemente importante para fazer com que Gélon abandonasse sua pátria para tomar o poder em Siracusa. (MONEDERO, 1989, p.251). Heródoto afirma que ele dedicou-se a consolidar seu poder e posição em Siracusa. (Heródoto. 7, 156)

No início do século V a Sicília confronta-se com a agressão cartaginesa, como já mencionado anteriormente. Os prisioneiros púnicos, capturados na batalha de Himera, vão trabalhar nas grandes obras. Em Agrigento, a execução dos trabalhos no Olimpiéion e a construção da kolymbethra é imposta aos prisioneiros que não são nem gregos, nem da cidade. (Musti, 2005: 03-06)

Monumentos são construídos dentro da cinta murária da cidade, por uma questão de segurança. Diodoro (XIII, 82 1-4) e Políbio (IX 27, 1-10) recordam a transferência de mantimentos da *khóra* e outros bens para o espaço interno do muro. (Musti, 2005: 03-06)

Posteriormente, a cidade toda fortificada por Dioniso I, que transformou Ortigia em um forte pessoal. Ele transferiu sua corte para lá, e junto enviou mercenários, que obrigou a construir um palácio com uma vala e uma ponte levadiça, mais tarde destruída por Timoleonte e reconstruída por Agátocles. A porção norte da cidade era limitada pela Epípole, um terraço de calcário fortificado por Dioniso, o Velho, entre o fim do século V e início do século IV., às vésperas de um novo embate com os cartagineses. Era necessário fortalecer o planalto, pois o inimigo poderia controlar e cercar a cidade, como ocorreu durante a guerra com os atenienses. A fortificação foi de 32 km, firmemente enraizada no penhasco rochoso do planalto, juntando-se à parede da Acradina

A contribuição da Arqueologia na abordagem da arquitetura monumental

O mundo antigo, em sua abordagem tradicional, via na arquitetura sua beleza e originalidade. O avanço das pesquisas e o uso do *survey* em muitos dos sítios estudados, fizeram com que fosse possível abordar componentes espaciais amplos, em larga escala, juntamente às análises ideológicas, bastante marcantes nas construções arquitetônicas.

Há um longo processo de reformulação teórica por que vem passando a arqueologia desde os anos 70. Na década de 50, Gordon Childe, um dos precursores mais importantes da abordagem social definiu sua perspectiva espacial: “os homens gradualmente descobrem, por experimentação, como coisas e pessoas podem ser organizadas, definindo então uma ideia de espaço. Então isto deve encontrar um veículo simbólico a ser expresso” (

CHILDE, 1954, p.76). Portanto, imprimimos ações e significados no ambiente e o espaço construído é a materialização desse ambiente existencial, mencionado por G.Childe.

Os pós-processualistas identificam uma ligação comunicativa entre grupos sociais hegemônicos ou poderes institucionalizados e os demais integrantes de uma sociedade, por meio do espaço construído. O discurso visual na paisagem é a manifestação de uma ideologia que dá suporte a relações sociais assimétricas.

As construções monumentais nas civilizações antigas exigiam uma habilidade de planejamento em larga escala, uma demanda de mão de obra significativa, sendo explicada, pelo já mencionado Trigger (1990), por meio do consumo conspícuo, ou seja da materialização do poder por meio de construções majestosas, simbolizando uma habilidade e força daqueles que controlam um território, demandando um esforço além do necessário.

O discurso visual e o poder tirânico

A expressão de poder por meio do discurso visual na paisagem também pode ser expressa na própria planta da cidade, ou seja, na própria disposição e construção da cidade. Os edifícios cívicos, sagrados, portas e muralhas são dispostos na paisagem de forma pensada, como um discurso monumental. (ALDROVANDI, et alia., 2011)

Segundo Rapoport o "ambiente construído" é um conceito abstrato usado para descrever produtos da atividade humana, sendo uma manifestação cultural materializada, por vezes, de modo monumental, ficando impresso tanto os traços organizacionais de uma sociedade, quanto seus aspectos cognitivos. Portanto, o ambiente construído propicia a leitura, que determina o comportamento diante de um determinado lugar.

Os assentamentos construídos podem ser visualizados como imagens, e a malha urbana representa uma estrutura impressa na paisagem. As transformações físicas, portanto observadas nesta estrutura podem trazer transições importantes daquela comunidade, a memória compartilhada de um lugar. Partindo do pressuposto de que os conceitos de Lugar e Espaço são constituídos por atividades humanas, que estabelecem conexões, chega-se a

uma síntese social, natural e simbólica, que se define em paisagem, de acordo com M.Nieves Zedeño. Para a arqueóloga, os lugares biográficos, ou seja, os espaços setorizados que compõem uma estrutura de um território construído trazem significados, uma história contextual. As construções que foram envolvidas ao longo dos séculos mostram que o lugar não é um espaço isolado, mas um agregador de sentido, de memória, de experiências religiosas que contextualizam aquele espaço.(ZEDEÑO, 2008, p.210-217).

Os espaços especializados, ou lugares nas pólis gregas compõem a monumentalização das malhas viárias urbanas. A organização destes espaços envolve um poder controlador, e no caso das colônias da Sicília, os tiranos tiveram um papel importante na configuração do espaço e no discurso visual impresso na paisagem.

A atribuição de grandes obras a tiranos foi, de acordo com a historiografia e fontes escritas, interpretadas como forma de empreendedorismo por parte destes tiranos, dispostos a melhorar a vida da cidade. Com os avanços das pesquisas arqueológicas voltadas aos estudos de paisagem, foi possível enriquecer nossa percepção sobre a tirania, espaço construído e cidade grega. A Arqueologia trouxe à luz toda uma reorganização e articulação dos espaços e na monumentalização das malhas viárias. Esta reorganização depende, como já foi visto, de um dispêndio de energia para mudar tamanho de quarteirões, grandes obras viárias, redistribuição de habitantes das cidades, controle de comunicação entre grupos.

Sob o ponto de vista do poder, o tirano, ao reorganizar o espaço, legitima o seu poder como fundador de uma cidade, manipulando as populações, controlando esforços, que ao se materializar, confirma seu poder absoluto como governante.

O discurso material deixado pelos tiranos está evidente na paisagem, e sua contribuição foi fundamental para a estruturação do espaço, com edificações repletas de sentidos simbólicos de poder e de religiosidade.

Os tiranos e as remodelações do espaço políade na Sicília

A Sicília, conhecida já em época antiga pela recorrência de governos tirânicos, segundo Lewis, (2006 *passim*), teria este tipo de governo por conta

da instabilidade político-social gerada por conflitos internos, entre pólis - por domínio territorial, disputas com populações nativas, além da ameaça de cidades púnicas que ocupavam a parte ocidental da ilha.

Nesta perspectiva de análise, a tirania na Sicília teria sido fundamental porque reuniu recursos e poder centralizado para implementar as cidades de malhas urbanas monumentais, pavimentação de vias, canalização de água, muralhas, portas, ou seja, todo um aparato infra-estrutural bastante significativo. Esses traços de helenidade foram difundidos por todo o Mediterrâneo grego e reapropriados posteriormente na época helenística e pelos romanos.

Vimos que Siracusa passou por fases de crescimento até seu florescimento, a partir do século V com os tiranos Deinomênidas. A importância da polis teve difusão por todo mundo grego antigo, as vitórias bélicas comemoradas em escala panhelênica : Diodoro Sículo menciona que o tirano Gélon dedica um tripé de ouro em comemoração à vitória de Himera (Diodoro Sículo 11.26.7)⁷⁰. A base deste tripé preservada *in situ*, em Delfos, contém uma dedicatória de Gélon.

⁷⁰ Ibidem 5.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que paisagem é uma “entidade ativa e muito mais complexa em relação às vidas humanas” (ASHMORE e KNAPP, 1999: 2⁷¹) podemos afirmar que Siracusa ostenta, em sua monumental malha urbana, um mosaico complexo que envolve pessoas e “coisas”. A pólis coríntia foi, em época arcaica, favorável aos olhos dos fundadores, tanto no sentido espacial quanto humano. O registro arqueológico e a documentação escrita nos trouxeram um conhecimento profícuo da malha urbana, assim como de suas marcas e significados humanos em cada espaço pesquisado. Siracusa projetou sua monumentalidade na paisagem sob diversas formas: nos templos construídos, no tecido urbano complexo e na Infra-estrutura urbana.

A partir do momento em que adentramos melhor seus espaços, por meio da análise dos vestígios arqueológicos em contexto, surgem as memórias e biografias que nos respondem e nos indagam. Os vestígios materiais nos revelaram significados e discursos presentes no tecido urbano arcaico e contemporâneo.

O avanço cronológico que fizemos até o século V permitiu-nos visualizar as relações de poder e espaços envolvidos na ascensão da cidade e sua penetração para o interior. As tiranias dos Deinomênidas foram a alavanca que levou Siracusa a ser a cidade mais notável em monumentalidade da Sicília.

Muitos aspectos foram trabalhados nesta dissertação, mas a relação metodológica entre as fontes permeia todo o trabalho. Carol Dougherty (1993) trouxe-nos uma reflexão importante, a do Pesquisador frente ao documento escrito agente. A interação entre o observador e as fontes, tanto materiais quanto escritas, trouxe vida àqueles discursos do passado.

Estruturamos dois capítulos dedicados às fontes, procurando relacioná-los por meio do diálogo documental presente em toda a dissertação. Procuramos discutir a tirania em Siracusa explorando fragmentos específicos de Diodoro Sículo. Nos trechos selecionados trouxemos o discursador para o texto, alimentando o objeto do discurso. Nos comentários, nos aprofundamos em alguns aspectos, como o da etimologia de palavras chave, projetando a

⁷¹ ASHMORE, W & KNAPP, A.B. *Archaeological of Landscape Contemporary Perspective*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

interpretação na intencionalidade do autor do discurso, no jogo de interesses envolvidos, no discurso vigente empregado pelo autor da obra, no caso, Diodoro Sículo.

O que pudemos observar é que o discurso impresso na monumentalidade presente, criado pelos tiranos, permitiu-nos adentrarmos em questões significativas da política tirânica, suas razões, seus posicionamentos, suas interligações: entre porto e cidade; entre Ortigia e continente; entre continente e *khóra*; entre *khóra* e sub-colônias/ não gregos/ outras cidades. Porém, a materialidade deixou lacunas, principalmente no que diz respeito à dinâmica de populações empreendida pelos tiranos, de suma importância para compreensão de grande parte das construções de infra-estrutura e habitação.

A relação com não gregos fora primordial neste contexto, presente na materialidade, perceptível principalmente em áreas de necrópoles. No capítulo 3 mostramos que na sub-colônia de Camarina, temos o exemplo da necrópole de Hibla-Ragusa, onde foi encontrada uma estela sepulcral identificada como sícula do século VI. Os estudos indicam mistura étnica. Na necrópole de Rifriscolaro foi encontrada uma ânfora indígena muito parecida com as de Corinto, também no século VI. As fontes escritas reforçam esta relação narrando trechos do levante pela independência de Camarina, com ajuda de seus aliados indígenas contra Siracusa.

Gélon e Hiéron, como vimos no capítulo 4 investiram muito no embelezamento da cidade, nas realocações populacionais e nas áreas de habitação. Como pudemos observar, a dinâmica de transplantes populacionais foram narradas por Diodoro Sículo e por outras fontes antigas citadas e trabalhadas em todos os capítulos. O confronto e/ou embate de fontes neste momento foi crucial, já que não era possível visualizar esta dinâmica no registro arqueológico somente. Contudo, é possível afirmar que o uso da documentação escrita foi indispensável para que pudéssemos preencher as lacunas da documentação material.

Na Sicília houve outras tiranias bastante vigorosas e importantes, narradas nas fontes escritas e impressas na paisagem das cidades. Agrigento prosperou com Téron, tirano que também investiu em monumentalidade e infra-estrutura, e usou do recurso da realocação populacional no incremento demográfico da cidade. Vislumbramos a possibilidade de continuidade do

trabalho, merecendo uma ampliação em termos comparativos, a fim de enriquecer os estudos sobre poder e paisagem no Ocidente Grego e também em outros locais do Mediterrâneo.

Siracusa mostrou-se, neste recorte, ser uma pólis extremamente importante estrategicamente. Sua arquitetura ostensiva dos séculos VI e V demonstra a força da figura unificadora do tirano. O discurso visual impresso na malha urbana da cidade, a expansão dos domínios, o envolvimento em guerras e os espólios distribuídos sustentam a necessidade de unificação presente no ocidente grego. As refundações de cidades permitiram aos tiranos alçar-se ao patamar de oikistas, enterrados com honras de herói.

Por fim, a grandiosidade de Siracusa não teria sido uma realidade sem a força propulsora das tiranias de época arcaica, acompanhadas de seus discursos e materialidade expressos em contexto.

Referências Bibliográficas

Fontes Textuais:

AELIAN. *Varia História*. In: Hercher, R.(Ed.). Trechos disponíveis em www.perseus.tufts.edu. Acesso em 23/05/2011.

ARQUÍLOCO. *As Armas e Varões: a guerra na lírica de Arquíloco*, São Paulo: UNESP, 1998.

ARISTOTE. *Politique*, texto grego e tradução francesa de J. Aubonnet, Paris: Les Belles Lettres, 5 vol., 1960-1989.

CICERO. *The Verrine Orations*, 2 vols, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1928.

DIODORO SICULUS. *Library of History*. The Loeb Classical Library. Trad. C.H.Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

HERÓDOTO. *História*. Trad. de J. Brito Broca, São Paulo: Ediouro, 2001.

HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos deuses. Trad. e Est. Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras, 1991.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad.Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo, Iluminuras, 1990.

HOMERO. *Ilíada*. Trad. Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. The Loeb Classical Library. Trad. W.H.S.Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

PÍNDARO. *Olympian Odes*. *Pythian Odes*. Loeb Classical Library. Trad. Willam H. Race.Londres: William Heinemann; Cambridge; Harvard University Press, 1997.

PLATON. *Ouvres completes*. 25vs. Paris: Les Belles Lettres, 1924-1960.

POLYBE. *Histoires*, Paris, établi par E.Foulon et traduit par R. Weil, Paris, Les Belles Lettres, 1995.

STRABO. *Geography*. Livro VI. London: Heinemann, 1949, s/d. 6 v.

TUCÍDIDES. *História da guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury,

Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

Bibliografia geral

AAVV *Problemi della chora coloniale dall'Occidente al Maré Nero*. Atti Del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grécia. Taranto, 2001.

ADORNO, S. Siracusa. Identitá e Storia 1861-1915. Palermo: Arnaldo Lombardi, 1998.

ALDROVANDI.; TEODORO CUSTODIO, C.; SCATENA, R.M.; TAUHYL, A.P. “ Modelos imagéticocs urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga” In: ALDROVANDI, C.E.V.; KORMIKIARI, M.C.N.; HIRATA, E.D.V. (orgs). Estudos sobre o Espaço na Antiguidade. São Paulo, Edusp, FAPESP, 2011, p.105-124.

ANDRÉN, A. *Between Artifacts and texts. Historical archaeology in Global Perspective*. New York, Plenum Press, 1998.

ANDREWES, A. *The Greeks Tyrants*. London: Hutchinson's University Library, 1956.

ARVANITIS, N. I *Tiranni e Le acque*: Infrastrutture idrauliche e Potere nella Grécia Del tardo arcaísmo. Bologna: Edupress. 2008.

ASHMORE, W.; KNAPP, A.B. *Archaeologies of Landscape. Contemporary Perspectives*. Oxford: Blackwell Publishing. 1999.

AUSTIN, M. ; VIDAL NAQUET, P. *Economia e sociedade na Grécia Antiga*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BASILE, B; MIRABELLA, S. La costa nord-occidentale di Ortigia (Siracusa): nuovi dati dagli scavi urbani. In: Bacci, G.M; Martinelli, M.C (orgs.) *Studi Classici in onore di Luigi Bernabò Brea*, Messina, p. 295-343, 2003.

BIGNOTTO, N. *O Tirano e a Cidade*, São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

BINTLIFF, J. Multi-ethnicity and population movement in Ancient Greece: Alternatives to a world of a 'Red-Figure' people. In: Olshausen, E; Sonnabend, H. (Eds.). *Troianer sind wir gewesen-migrationen in der antiken welt*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2006, p.108-114.

BOARDMAN, J. *Los Griegos em ultramar: comercio y expansión ial antes de la*

- era clásica*. Madrid: Alianza editoria, 1975.
- BOLLATTI, R; BOLLATTI, S. *Siracusa: Genesi di una città – Tessuto urbano di Ortigia*. Régio Calábria: Falzea editore, 1999.
- BONACASA, N; BRACCESI, E; DE MIRO, E. (eds.) *La Sicilia dei due Dionisi*. Atti della settimana di Studio (Agrigento, 24-28 fevereiro, 1999). Progetto Akragask, 2. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2002.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOZZONI, C; FRANCHETTI PARDO, V. ORTOLANI, G; VISCOGLIOSI, A. *L'architettura Del mondo antigo*. Rome: Editore Laterza. 2010.
- BREA, B.L. *Sicilia*. Lisboa: Verbo, 1972.
- _____. *La Sicilia prima dei Greci*. 5.ed. Milano: Il Saggiatore, 1972 (1957).
- BRUGNONE, A. *Divisione dello spazio e organizzazione Del corpo cívico*. In: Minà, P. (org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione, 2005, p.11-15.
- BRUNO, G. *Aristocrazia, tirannide e democrazia*. In: Minà, P. Minà, P. (org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione 2005, p. 15-22.
- BUREN, A. W. VAN. *News Letter from Rome*. *American Journal of Archaeology*. Boston: The Institute, p.349-361, 1966.
- CAMPBELL, D. *Greek Lyric*, V.3. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- CARRATELLI, G.P. et al. *Megale Hellas: storia e civiltà della Magna Grecia*. 2 ed. Milão: Garzanti Scheiwiller, 1986.
- CARRATELLI, G.P. *The Greek world- Art and civilization in Magna Graecia and Sicily*. New York: Rizzoli, 1996.
- CARTER, J.C. *Discovering the Greek countryside at Metaponto*. Thomas Spencer Jerome Lectures – Twenty-third Series. The University of Michigan Press/ Ann Arbor, 2006.
- CARTER, J.C. *La scoperta del territorio rurale Greco di Metaponto*. Traduzione di Eliza Lazza Catti. Edizione Osanna, 2006.
- CERCHIAI, L. et alia. *The Greek cities of Magna Graecia and Sicily*. Los

- Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2002.
- CHILDE, V.G. *Society and Knowledge*. Westport: Conn.Greenwood, 1954.
- COULANGES, F. *A cidade Antiga*. Biblioteca Clássica. Trad. Heloísa de Graça Burati, São Paulo: Rideel, 2005.
- DE LUNA, M.E. Camarina sub-colônia di Siracusa: dalla fondazione Al conflitto. In: Lombardo, M; Frisone, F. (coord.) *Colonie di Colonie Le Fondazione sub-coloniali Greche tra colonizzazione e colonialismo*. Atti Del Convegno Internazionale (Lecce, 22-24 giugno 2006. Congedo Editore, 2009, p.75-86.
- DEMAND, N.H. *A History of Ancient Greece in Its Mediterranean Context*. 3. ed. New York: Sloan, 2006.
- _____. *Urban Relocation in Archaic and Classical Greece: Flight and Consolidation*. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1999.
- DI STEFANO, G. *Camarina*. In: Minà, P. (org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione 2005, p.36-38 .
- _____. (org.) *Archeologia Iblea*, Ragusa: Utopia Edizioni, 1987.
- DI VITA, A. Urbanística della Sicilia Greca. In: Carrateli, G.P. (org.) *I Greci in Occidente*. Monza: Bompiani, 1996, p.263-308.
- DOUGHERTY, C. *The poetics of colonization: From city to text in archaic Greece*. London: Oxford University Press, 1993.
- DUBOIS, L. *Inscriptions grecques dialectales de Sicile*. Collection de L'École Française de Rome, Paris, 1989.
- DUNBABIN, T. J. *Western Greeks: The History of the Sicily and South Italy from the Foundation of the Greeks Colonies to 480 b.c*. Oxford: Claredon, 1948.
- FILENI, M.G. Osservazioni sull'idea di tiranno della cultura greca arcaica (Alc.fr.70, 6-9; 129, 21-24 V; Theogn, VV. 1179-1182) In: *Quaderni Urbinati di cultura clássica*. New series. Vol14 nº 2: p.29-35, 1983.
- FINLEY, M.J. *O legado da Grécia*. Trad. Ivette V. P. de Almeida.Brasília: UNB, 1998.
- FLEMING, E. E. "Post-processual Landscape Archaeology: a critique". In: *Cambridge Archaeological Journal*, 16: 3, p. 267-80, 2006.
- FLORENZANO, M.B (coord.). *Cidade e território na Grécia Antiga*. Organização do espaço e sociedade. Projeto do Laboratório de Estudos Sobre

a Cidade Antiga (LABECA). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

FLORENZANO, M.B. Coins and religion: representations of Demeter and Koré, Persephone and Sicilian Greek Coins. *Revue Belge de Numismatique et de sigillographie*, Bruxelles, V.CLI, p.1-29, 2005.

FOUCAULT, M; MISKOWIEC, J. "Of Others Spaces". In.: *Diacritics*, Vol.16, nº1, John Hopkins University Press, p.22-27, 1986.

FREDERIKSEN, R. ' From death to life. The Cemetery of Fusco and the Reconstruction of Early Colonial Society'. In: Tsetschladze, G.R, *Ancient Greeks West and East, Mnemosine*, Supplementum 196, Leiden: Brill, p.229-266, 1999.

GABBA, E; VALLET, G. (Eds.). La Sicilia Antica. Napoli: Società Editrice Storia di Napoli Del Mezzogiorno continentale e della Sicilia, 1980.

GIANGIULIO, M. "L'eschatia: prospettive critiche su Rappresentazione Antiche e Modelli Moderni". In: *Problemi della Chora coloniale dall'Occidente al Mar Nero*, Atti Del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grécia. Taranto, 2001, p.333-361.

GRAHAM, A.J. "The Colonial Expansion of Greece". In: Boardman, J et al., *The Cambridge Ancient History*. III.3, Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p.83-162.

GRAHAM, A.J. *Colony and mother city in Ancient Greece*. Manchester University Press, Oxford, 1964.

GRAHAM_____. "The Western Greeks". In: *The Cambridge Ancient History*, III.3, 1982, p.163-189.

GRAS, M; TRÉZINY, H. La città greca dalle origini Allá fine dell'età arcaica. In: Minà, P.(org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione 2005: 23-32.

GRAS, Michel. *O Mediterrâneo Arcaico*. Trad. Telma Costa, Lisboa: Editora Teorema, 1998 (1995).

GRECO,E ;TORELLI, M. *Storia dell'urbanistica. Il mondo Greco*. Bari: Editori Laterza, 1983, p.167-171.

HANSEN, M. H. "Pólis as the generic term for state". In: Nilsen, T.H.(ed.), *Yet more studies in the ancient greek polis*. Paper from the Copenhagen Pólis Center 4, Stuttgart: Steiner, 1997, p.9-15.

HANSEN, M.H. "The Pólis as a Citizen state". In: Hansen, M.H. *The Ancient City-State*. Copenhagen: Copenhagen pólis centre, 1993, p.7-21.

HANSEN, M.H.; NILSEN, T.H. *An inventory of archaic and classical poleis*. New York: Oxford University Press, 2005.

HEGEL, G.W.F. *A razão da história*. Trad. Beatriz Sidou. 2 Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HIRATA, E.F.V. As odes de Píndaro e as tiranias siciliotas. In: *Clássica*, vol.9/10, 1996/1997, p.61-72.

HIRATA_____. *Arqueologia, Religião e Poder Político no Ocidente Grego* (Tese de Livre-Docência). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

HIRATA_____. Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial. In: FLORENZANO, M.B.B.; HIRATA, E.F.V (orgs.). *Estudos sobre a Cidade Antiga*. São Paulo: Edusp, 2009, p.121-136.

HODDER, I. *Interpretacion en Arqueologia* :Barcelona: Crítica; Grupo Grijalbo-Mondadori, [1988] 1994.

HODDER, I. *Symbols in action. Ethnoarchaeological studies of material culture*: New Studies in Archaeology. Ed.2, London, New York, New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press, 2009.

HOLLOWAY, R. *The Archaeology of Ancient Sicily*. New York: Routledge, 1991.

JACKMAN, T. *Politica communities in the Greece colonies of archaic and classical: Sicily and Southern Italy*. Unpublished PhD dissertation, Stanford University, 2005.

JANELLI, L; LONGO, P. *I Greci in Sicilia*. Verona: Arsenale Editrice, 2004.

KOLB, F. *La ciudad en la antigüedad*. Madrid: Gredos, 1992.

LA TORRE, G.F. *Sicilia e Magna Grécia. Archeologia della colonizzazione greca d'Occidente*. Editori Laterza, 2011, p.46-189.

LAKY, L. *Olímpia e os Olímpieia. A origem da difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia nos séculos VI e V* , Tese (mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2011.

- LÉVÊQUE, P. *A Aventura Grega*. Coleção Rumos do Mundo, VIII. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Coscos, 1967.
- LEWIS, S. *Ancient Tyranny*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- LOMAS, K. Tyants and the pólis: migration, identity and development in Sicily. In: LEWIS, S. *Ancient Tyranny*, 2006, p.95-199.
- MACHADO CABRAL, L.A. *O Hino Homérico a Apolo*, Cotia; Campinas: Ateliê e Ed. Unicamp, 2004.
- MADDOLI, G. (Org.) *La Civiltà Micenea quida Storica e critica*. Roma: Laterza, 1992.
- MALKIN, I. 'Exploring the validity of the concept of foundation: a visit to Megara Hyblaia'. In.: GORMAN, V.B E ROBINSON, E.W. (Eds.) *Oikiste: Studies in Constitutions, colonies and military Power in ancient world*. Brill. Leiden. Boston. Köln, 2002.
- MALKIN, I. *Religion and colonization in ancient Greece*. Leiden: Brill; New Youk, 1987.
- MANGANARO, G. *Sikelika. Studi di Antichità e di Epigrafia della Sicilia Greca*. Pisa-Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1999.
- MARTIN, R. *L'urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris: Picard, 1956.
- MASSIMO, F. *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- MC GLEW, J. F. *Tyranny and Political culture in Anciente Greece*. Cornell University Press, 1996.
- MERTENS, D. Arquitetura templária e cívil na Sicília da origem ao fim do século V . In: Minà, P. (org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione, 2005, p.149-153.
- MERTENS, D. *Città e monumenti dei Greci d'Occidente*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2006.
- MONEDERO, A.D.J. *La Pólis y la expansion colonial griega: (siglos VII-VI)*. Madrid: Editorial hesis, 1989.
- MORRIS, I. *Classical Greece: ancient histories and modern archaeologies*, Cambridge: University Press, 1995.
- MORRIS, I. The early pólis as city and state. In. *City and Contry in the ancient*

- world. Ed. John Rich and Andrew Wallace-Hadrill, Routledge. USA and Canada, 1991, p.25-59.
- MOSSE, C. *Politique et société en Grèce ancienne*. Paris: Flammarion, 1995.
- MUSTI, D. *Magna Grécia. Il quadro storico*. Bari: Editore Laberza, 2005.
- MUSTI, D. Storia, economia, urbanística, architettura. In: Minà, P. (org.) *Urbanística e architettura nella Sicilia greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione 2005: 03-06.
- MYLONAS, E.G. *Eleusis and the eleusian mysteries*. Princeton, New Jersey: Princeton University press, 1961.
- NSc, Vol. XXV, Tomo II. Roma, 1971.
- ORSI, P. "Sicilia. Relazione preliminare sulle scoperte archeologiche avvenute nel sud-est della Sicilia nel biennio 1905-1907". In. "NSc", IV, 1907, p.741-778.
- OSANNA, M. – "Fattorie e Villaggi in Magna Grécia". In: *Problemi della Chora coloniale dall'Occidente al Mar Nero*, Atti Del quarantesimo Convegno di Studi sulla Magna Grécia. Taranto 29 sett-3 ott 2000. Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grécia. Taranto, 2001, p.204-220.
- OSBORNE, R. *Greece in the making (1200-479 B.C)*. Londres: Routledge, 1998.
- PAPADOPOULOS; LEVENTHAL, R.M. (eds.). *Theory and Practice in Mediterranean Archaeology: Old World and New World Perspectives*, Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology, 2003, p.311-318.
- PEARSON, M.P.; RICHARDS, C. *Architecture and order: special representation and archaeology*. London; New York: Routledge, 1994.
- PELAGATTI, P. Siracusa. Elementi dell'abitato di Ortigia nell' VIII e nel VII secolo . In. *Inseguimenti coloniali greci in Sicilia nell VIII e VII secolo* . *Chronache di archeologia* 17, p.199-133, 1978.
- POLIGNAC, F. *La naissance de la cite grecque: Cultes, espace et société*. Paris: Éditions la Decouvert, 1984.
- PROCELLI, R.M.A. *Sicani, siculi, elimi: forme di identità, modi di contatto e processi di trasformazione*, [s/l], Longanesi & C., 2003.
- RAPOPORT, A. *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona, GG, [1978].

- RAPOPORT, A. *The Meaning of built environment a non verbal communication approach*. Tucson: University of Arizona Press, 1982.
- RICH, J; HADRILL, A.W. *City and Country in the ancient world*, USA-Canadá: Routledge, 1992.
- SALIERNO, V. *Allá riscoperta della Magna Grécia. Storia, arte, civiltá*. Le Lecce-Cavalino: Capone Editore. 2009.
- SARTORI, F. Agrigento, Gela e Siracusa: Tre Tiranni contra il barbaro. In. Braccesi, L; De Miro, E. (orgs). *Agrigento e la Sicilia Greca*, Roma: L'Erma, 1992, p.77-93.
- SAVARINO, G. Siracusa archeologica e cultura di una città ântica. Parte Prima. Università degli Studi di Roma " La Sapienza". Dottorato di ricerca XXIII ciclo Curriculum Clássico. Anno Accademia 2010/2011.
- SHANKS, M; TILLEY, C. *Reconstructing archaeology: theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992.
- SNODGRASS, A. 'Interaction by design: the Greek city state'. In: Renfrew, C; Cherry, J. (Orgs.). *Peer Polity Interaction and social-political change*, Cambridge University Pres, 1986, p.47-58.
- SNODGRASS, A. *Archaic Greece. The Age of Experiment*. Los Angeles: University of California Press, 1981.
- SOJA, E. W. *Geografias Pós-Modernas: a Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993 (1989).
- TORELLI, M.; COARELLI, M. *Sicília - Guide archeologiche*, Laterza, 1984.
- _____. Le popolazioni dell'italia ântica. In. Momigliano, A; Schiavone, A. (dir.). *Storia di Roma*. Volume I. Roma in Itália: Torino, Giulio Einaudi Editore, 1996, p.53-74. (Tradução livre de FLEMING, M.I. Introdução à História e Arqueologia de Roma, p.15.)
- _____. Architettura greca di Sicilia: Il ruolo dell'ideologia. In: MINÀ, P. (org.) *Urbanística e Architettura nella Sicilia Greca*. Palermo: Regione Siciliana. Assessorato dei Beni Culturali Ambientali e della Pubblica Istruzione, 2005, p.8-9.
- TRABULSI, J. A. *Dionisismo, Poder e sociedade*. Belo Horizonte: Editora EFMG, 2001.

TRÉZINY, H. De Mégara Hyblaea à Sélinonte, de Syracuse à Camarine: Le paysage urbain dès colonies et de leurs sous-colonies. In: Lombardo, M; Frisone, F. (coord.) *Colonie di Colonie – Le fondazioni sub-coloniali greche tra colonizzazione e coonialismo*. Atti Del Convegno Internazionale (Lecce, 22-24 giugno 2006). Congedo editore, 2009, p.167- 181.

TRIGGER, B.G. Monumental architecture: a thermodynamic explanation of symbolic behavior. *World Archaeology*, vol 22, n°1 (Jun.): p.119-132, 1990.

TRIGGER_____. *História do pensamento arqueológico*. Trad. Ordep Trindade Serra, São Paulo: Odysseus, 2004.

TSETSKHLADZE, G.R. (ed). *The Archaeology of Greek Colonization: essays dedicated to Sir John Boardman*. Oxford: Oxford University Committee for Archaeology, 1994.

VAN DOMMELEN, P.; KNAPP.A.B. (eds.). *Material Connections in the Ancient Mediterranean: mobility, materiality and identity*. Nova York: Routledge, 2010.

VERONESE, F. *Lo spazio e la dimensione del sacro. Santuari greci e territorio nella Sicilia Arcaica*. Pádua: Esedra, 2006.

VOZA, G. *Nel Segno delle antico: Archeologia nel território di Siracusa*. Arnaldo Lombardi. Editore ,1999.

VOZA, G. Primi risultati dello scavo di Piazza Duomo Siracusa. In: *Um Ponte fra L'Italia e La Grécia*. Atti Del Simpósio in onore di Antonino di Vita. Padova, 2000, p. 131-138.

VOZA, G.; PELLAGATTI. P. (orgs). *Archeologia nella Sicilia sudorientale*. Centre Jean Bérard. Napoli, 1973.

WHITE, H. *Metahistory: The historical Imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins Paperbacks, 1975 (1973).

WHITLEY, J. The city, the state and the pólis. In: *The Archaeology of ancient Greece*. Cambridge University Press, 2001, p. 165-194.

WOODHEAD, A.G. *Os Gregos no Ocidente*. Lisboa: Verbo, 1972.

ZEDENO M.N; ANDERSON.D. Agency and Politics in Hunter-Gatherer territory formation. In: *Revista de Arqueologia*. Volume 23. N°1:p. 10-29, 2010.

ZEDENO, M.N. "The archaeology of territory and territoriality". In: David, B; Thomas, J (eds). *Handbook of landscape archaeology*. Tucson: University Arizona Libraries and University, 2008. p. 210-217.

Sites Internet:

<http://www.perseus.tufts.edu> (Consultado em: 19 de fevereiro de 2009).

<http://www.klepsidra.net> (Consultado em: 18 de fevereiro de 2009).

<http://www.mae.usp/labeca-> Consultado em: 08 de dezembro de 2012).

<http://www.classics.ox.ac.uk/clasarch-> (Consultado em 9 de fevereiro de 2010).